

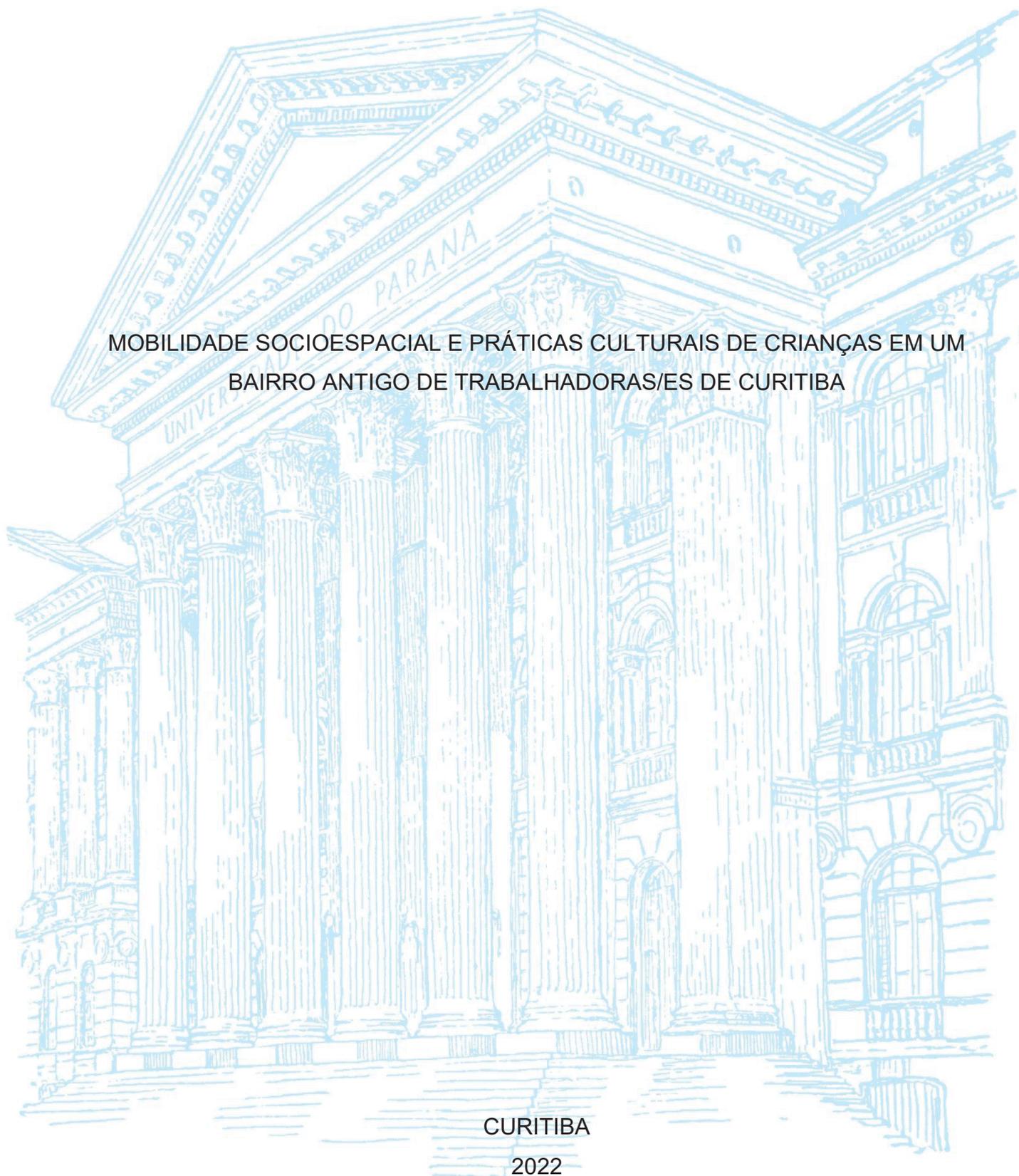
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FLAVIA CAROLINA DA SILVA

MOBILIDADE SOCIOESPACIAL E PRÁTICAS CULTURAIS DE CRIANÇAS EM UM
BAIRRO ANTIGO DE TRABALHADORAS/ES DE CURITIBA

CURITIBA

2022



FLAVIA CAROLINA DA SILVA

MOBILIDADE SOCIOESPACIAL E PRÁTICAS CULTURAIS DE CRIANÇAS EM UM
BAIRRO ANTIGO E DE TRABALHADORAS/ES DE CURITIBA

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação, no setor de Educação, na Universidade Federal do Paraná, na linha de pesquisa Educação: Diversidade, Diferença e Desigualdade Social, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador(a): Profa. Dra. Valéria Milena Rohrich
Ferreira

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Silva, Flavia Carolina da.

Mobilidade socioespacial e práticas culturais de crianças em um bairro antigo de trabalhadoras/es em Curitiba / Flavia Carolina da Silva. – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Milena Rohrich Ferreira

1. Infância - Cidade Industrial (Curitiba, PR). 2. Cultura. 3. Grupos sociais - Cidade Industrial (Curitiba, PR). I. Ferreira, Valéria Milena Rohrich. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Bibliotecária: Tania de Barros Baggio CRB-9/760



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de FLÁVIA CAROLINA DA SILVA intitulada: **MOBILIDADE SOCIOESPACIAL E PRÁTICAS CULTURAIS DE CRIANÇAS EM UM BAIRRO ANTIGO DE TRABALHADORAS/ES DE CURITIBA**, sob orientação da Profa. Dra. VALERIA MILENA ROHRICH FERREIRA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 11 de Julho de 2022.

Assinatura Eletrônica
13/07/2022 17:12:49.0

VALERIA MILENA ROHRICH FERREIRA
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
14/07/2022 10:21:31.0
MÁRCIA BAIERSDORF

Avallador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
13/07/2022 14:28:15.0
LUCIMAR ROSA DIAS

Avallador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
29/07/2022 10:36:38.0

MARIA TEREZA GOUDARD TAVARES
Avallador Externo (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO)

Às crianças desta pesquisa, que generosamente contribuíram para a construção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de expressar minha sincera gratidão às crianças participantes desta pesquisa, assim como à Associação de Moradores, à instituição Bom Pastor e todas as pessoas, que de maneira generosa dispuseram de seu tempo para contribuir com a realização deste estudo. Sem o apoio e a colaboração de vocês, este trabalho não seria possível.

Agradeço à CAPES que, mesmo em tempos de desgoverno, concedeu-me uma bolsa para a realização desta pesquisa.

Gostaria de agradecer à minha “profe”, Valéria Milena Rohrich Ferreira, por toda a compreensão, dedicação, ensinamentos e paciência ao longo de todo o processo de pesquisa. Sua orientação meticulosa, afetuosa e atenta foram fundamentais para o desenvolvimento desta tese.

Também sou imensamente grata às professoras e membros da banca que dedicarem seu tempo e conhecimento para ler, revisar e avaliar, de maneira atenciosa, este trabalho. Seus olhares atentos, sensíveis e sugestões e orientações construtivas contribuíram para melhorar e qualificar esta pesquisa.

Ao John, Valderi, Sabrina, Avelaine, Áldia, Sônia e todas do grupo TECI, pelo acolhimento, parceria, pelas horas de discussões, risadas, cafés e estudos. Sem o apoio de vocês o caminho teria sido muito difícil. À Márcia pela amizade e companheirismo em todos os processos deste trabalho.

Além disso, desejo agradecer à minha família por seu apoio incondicional, encorajamento constante e compreensão durante os momentos mais intensos desta jornada. Vocês foram minha fonte de força e motivação para superar os desafios e seguir em frente.

RESUMO

Esta pesquisa, realizada em grande parte, durante a Pandemia do COVID-19, se propôs a investigar como se tece a mobilidade socioespacial de crianças e suas práticas culturais em um bairro antigo e popular localizado na região sul de Curitiba – o bairro Cidade Industrial de Curitiba (CIC). De inspiração etnográfica, boa parte dos dados foram produzidos em 2019, por meio das *andanças* (virtuais e presenciais), conversas com crianças e moradoras/es, análise de documentos históricos, participação em eventos, reuniões, oficinas, conversas de muro, entre outras atividades culturais dentro e fora do bairro. Como aporte teórico utilizamos a ideia de "cultura comum" de Raymond Williams (2015), que rompe com a ideia de uma elitização da cultura e a horizontaliza. Ancoramos também no conceito de redes de interdependências (Elias, 1994), que são compostas por fios que são móveis, elásticos e estão em constante tensão e movimento. As duas crianças participantes desta pesquisa fazem parte de uma mesma configuração social, os dois vivem uma infância pobre, usam os espaços do bairro, utilizam espaços públicos e do terceiro setor (como o projeto Bom Pastore e a Associação de Moradores Sabará I) e estudam em escolas públicas. Um dos desfechos desta pesquisa identificou experiências culturais produzidas no próprio bairro, pela Associação de Moradores, e a existência de uma potente rede solidária composta por moradoras/es engajados e que atuam para melhorar suas comunidades diante de negligências do Estado. A pesquisa identificou crianças que fazem escolhas importantes e cidadãs frente às relações de poder de suas próprias redes.

Palavras-chave: Infância na cidade; rede de interdependência; práticas culturais.

ABSTRACT

This research aimed to investigate how the socio-spatial mobility of children and their cultural practices are weaved in an old and popular neighborhood located in the southern region of Curitiba – the Cidade Industrial de Curitiba (CIC) neighborhood. Ethnographically inspired, the data of this research were constituted through wanderings (virtual and face-to-face), conversations with residents and children, analysis of historical documents, participation in events, meetings, workshops, wall conversations, among other cultural activities within and outside the neighborhood. As a theoretical contribution we use the idea of "common culture" by Raymond Williams (2015), which breaks with the idea of a elitization of culture and horizontalizes it. We are also anchored in the concept of interdependence, which are composed of threads that are mobile, elastic and in constant tension and movement. The children participating in this research are part of the same social configuration, both live a poor childhood, use neighborhood spaces, use informal public spaces (such as the Bom Pastor project and the Residents Association), study in public schools. One of the results of this research identified the existence of a powerful solidarity network composed of engaged residents/es who work to improve their communities in the face of negligence by the State.

Keywords: Childhood in the city; interdependence network; cultural practices.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 — MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DE EQUIPAMENTOS CULTURAIS EM CURITIBA	24
FIGURA 2 — IMAGEM AÉREA DA VILA NOSSA SENHORA DA LUZ	63
FIGURA 3 — MAPA COM AS REGIONAIS DE CURITIBA E O DESTAQUE DA REGIONAL CIC	72
FIGURA 4 — MAPA DA REGIONAL CIC.....	72
FIGURA 5 — GRÁFICO DA RELAÇÃO DE HABITANTES	73
FIGURA 6 — GRÁFICO DE TAXAS DE HOMICÍDIOS DA POPULAÇÃO JOVEM POR 100 MIL HABITANTES.....	74
FIGURA 7 — GRÁFICO DO ÍNDICE DE HOMICÍDIOS E OCORRÊNCIAS GERAIS	75
FIGURA 8 — GRÁFICO DO RENDIMENTO NOMINAL MENSAL DOMICILIAR PER CAPITA EM SALÁRIOS-MÍNIMOS	77
FIGURA 9 — TRAJETO DAS ANDANÇAS – APLICATIVO.....	84
FIGURA 10 — TRAJETO DAS ANDANÇAS.....	86
FIGURA 11 — IMAGEM DAS AULAS DE CAPOEIRA	98
FIGURA 12 — CONVITE DO CICULTURA.....	107
FIGURA 13 — FRENTE DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES	109
FIGURA 14 — IMAGEM DA PARTE INTERNA DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO SABARÁ	115
FIGURA 15 — PARTE EXTERNA DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO SABARÁ	116
FIGURA 16 — IMAGEM DO CINECLUBE NA PRAÇA.....	118
FIGURA 17 — CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO SARAU	123
FIGURA 18 — IMAGEM DO FESTIVAL DA LUA.....	125
FIGURA 19 — IMAGENS DAS ATIVIDADES DO FESTIVAL DA LUA.....	126
FIGURA 20 — IMAGENS DO EVENTO CAFÉ COM PREVIDÊNCIA.....	128
FIGURA 21 — IMAGENS DA FESTA JUNINA	130
FIGURA 22 — IMAGEM DOS GRAFITES FEITOS NA II MOSTRA CULTURAL ...	132
FIGURA 23 — IMAGEM DA EXPOSIÇÃO DE QUADROS NA II MOSTRA CULTURAL	133

FIGURA 24 — IMAGEM DO ARTISTA E SUAS OBRAS NA II MOSTRA CULTURAL	133
FIGURA 25 — IMAGEM DO TRABALHO DAS/OS ALUNAS/OS DO CAIC PRÓXIMO A ASSOCIAÇÃO	135
FIGURA 26 — IMAGENS DA MOSTRA CULTURAL DA ASSOCIAÇÃO DO SABARÁ	136
FIGURA 27 — IMAGENS DO CAMINHO DAS CRIANÇAS DA PESQUISA.....	141
FIGURA 28 — DOMICÍLIOS COM A PRESENÇA DE CONDIÇÕES INSALUBRES NO ENTORNO- EM CURITIBA E BAIRROS DA REGIONAL CIC...	142
FIGURA 29 — IMAGEM DAS LOCALIZAÇÕES DE IGREJAS NO GOOGLE MAPS	153
FIGURA 30 — IMAGEM EVENTO DO CAFÉ COM PREVIDÊNCIA.....	157
FIGURA 31 — IMAGEM DA ANTIGA RESIDÊNCIA DE VITÓRIA	160

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 — PERCURSO METODOLÓGICO	33
QUADRO 2 — SÍNTESE DE DADOS TÉCNICOS DAS PESQUISAS.....	53
QUADRO 3 — PRINCIPAIS REFERENCIAIS DOS TRABALHOS	57
QUADRO 4 — CATEGORIAS ÉTNICO-RACIAIS – EXEMPLOS DE BAIROS	76
QUADRO 5 — VALOR DO RENDIMENTO MÉDIO- EXEMPLOS DE BAIROS	78
QUADRO 6 — DÉFICIT HABITACIONAL E TIPIFICAÇÃO DE HABITAÇÃO A PARTIR DE EXEMPLOS DE BAIROS DO SUL/EXTREMO SUL E DO NORTE/CENTRAL	79

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 — CIDADE INDUSTRIAL DE CURITIBA: OCUPAÇÕES DAS ÁREAS (1979).....	69
TABELA 2 — RELAÇÃO DE FAIXA ETÁRIA NA CIC.....	73

LISTA DE SIGLAS

ALEP	Assembleia Legislativa do Paraná
BNH	Banco Nacional da Habitação
CAIC	Centro de Atenção Integral à Criança
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CIC	Cidade Industrial de Curitiba
COHAB	Companhia Habitacional
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
ERER	Educação das Relações Étnico-Raciais
EF	Ensino Fundamental
EI	Educação Infantil
EM	Ensino Médio
FAZ	Fundação de Ação Social de Curitiba
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPAD	Instituto Paranaense Afrodescendente
IPPUC	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
IPTU	Imposto Predial e Territorial Urbana
IPI	Imposto sobre Produtos Industrializados
NESEF	Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre o Ensino de Filosofia
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONGs	Organizações não governamentais
Pcdob	Partido Comunista do Brasil
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PIB	Produto Interno Bruto
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PIA	Programa de Integração da Criança e do Adolescente
SME	Secretaria Municipal de Curitiba
SUS	Sistema Único de Saúde
SFH	Sistema Financeiro da Habitação
SMCr	Secretaria Municipal da Criança
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 ANDANÇAS: O CAMINHAR NA PESQUISA.....	28
2 A FORMAÇÃO DE LUGARES ESTIGMATIZADOS NA CIDADE	35
2.1 O CENTRO GEOGRÁFICO DO MUNDO.....	35
2.2 IDADE MÉDIA.....	36
2.3 PARIS E LONDRES NO SÉCULO XIX	40
2.4 A CIDADE E A INDUSTRIALIZAÇÃO	41
2.5 O INÍCIO DA (DES)URBANIZAÇÃO BRASILEIRA	43
2.6 TERRITÓRIO: UM CAMPO DE DISPUTAS.....	47
2.7 CRIANÇAS, CIDADE E PERIFERIA NOS TRABALHOS ACADÊMICOS: REVISÃO SISTEMÁTICA.....	49
3 A CIDADE INDUSTRIAL DE CURITIBA: UM BAIRRO ANTIGO DA CAPITAL PARANAENSE	58
3.1 A VILA DIFERENTE DE CASAS IGUAIS.....	60
3.2 A CIDADE DAS INDÚSTRIAS	67
3.3 A CIC SOB A PERSPECTIVA DOS DADOS SOCIOECONÔMICOS	70
3.4 A VILA QUE MUDOU DE LUGAR: MORADIAS SABARÁ	80
4 A CULTURA COMUM	87
4.1 ESTUDOS CULTURAIS.....	87
4.2 A CULTURA COMUM E SEUS SENTIDOS.....	91
4.3 A CULTURA NA CIDADE INDUSTRIAL DE CURITIBA.....	93
4.3.1 Capoeira.....	95
4.3.2 O Projeto das crianças	99
4.3.3 A Associação de Moradores que ocupou seu lugar no bairro	105
4.3.4 Disputa de poderes	112
4.3.4.1 As Festividades da Associação	116
4.3.4.2 Comprometimento e Práticas Culturais	119
4.3.4.3 Eventos no ano de 2019.....	124
4.4 ARREMATANDO OS FIOS DOS ESPAÇOS SOCIAIS E CULTURAIS DO SABARÁ.....	137
5 AS CRIANÇAS E SUAS REDES	140
5.1.1 Endrew, o irmão mais velho	144

5.1.2 Fios costurados entre irmãos	148
5.1.3 Outros tipos de fios tecidos no bairro	149
5.1.4 Fios desviantes.....	154
5.1.5 Alinhavando os fios das redes de interdependência de Endrew	155
5.2 VITÓRIA: A MENINA DONA DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES.....	156
5.2.1 Visita à casa improvisada de Vitória.....	162
5.2.2 A visita à nova casa de Vitória.....	166
5.2.3 Arrematando os fios das redes de Endrew e Vitória.....	168
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
REFERÊNCIAS.....	176
ANEXO 1 — TRABALHOS SELECIONADOS E DESCARTADOS POR DESCRITOR	180
ANEXO 2 — QUANTIDADE DE TRABALHOS DESCARTADOS POR CATEGORIA	

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento e o saber não estão restritos aos espaços educacionais, ao contrário diversos lugares podem ser educativos, inclusive a própria cidade. Esta tese tem a pretensão de apresentar as aprendizagens para além dos muros escolares. Como ponto de partida preciso mencionar minha inserção em um determinado campo de pesquisa, o da minha trajetória acadêmica em Educação. Sou formada em Pedagogia e meu mestrado e doutorado são na área da educação.

Nesta tese me preocupei em observar um desses aspectos mais de perto, o relacionado à dimensão da infância. Procurei, portanto, analisar a mobilidade espacial de crianças residentes em um bairro antigo e predominantemente de trabalhadoras/es da cidade de Curitiba. Meu foco foi também o de investigar como as crianças produzem suas experiências cotidianas nesses espaços, ou seja, como elas se apropriam das práticas culturais produzidas neste bairro e como elas também ajudam a produzi-las.

Sou a mais velha de quatro filhas/os (tenho uma irmã e dois irmãos), meus pais não tiveram o acesso à educação como eu, minha mãe concluiu o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio (EM) tardiamente (quando eu cursava Pedagogia) e, com o EM concluído no tempo previsto, logo meu pai ingressou na Aeronáutica como sargento (uma patente baixa no militarismo). Minha família e eu nos mudamos algumas vezes e, por dez anos, moramos em Brasília, em grande parte do tempo residindo no plano piloto (região central) e por um tempo menor em uma cidade satélite, localizada na região periférica da cidade. Em Curitiba, moramos por oito anos na parte sul da cidade (no bairro Boqueirão) e no centro da cidade.

Em 2012 tive a oportunidade de realizar um intercâmbio em Coimbra (Portugal), morei na cidade por seis meses. No período da Pandemia fomos morar em Navegantes (Santa Catarina) por sete meses, mas, depois disso, voltamos a morar em Curitiba. Em julho de 2021, tornei-me professora em uma escola social de uma instituição filantrópica na Fazenda Rio Grande (município dormitório da região metropolitana de Curitiba e que carece de infraestrutura básica, como espaços de lazer, ruas asfaltadas, calçadas, coleta de lixo adequada, entre outros). Esta experiência e meus múltiplos e diferentes locais de moradia, me proporcionaram a oportunidade de vivenciar e experienciar lugares tranquilos, violentos, movimentados, com baixos índices de violência, boêmios, urbanos, litorâneos, de fácil mobilidade, de

difícil locomoção, perto e longe das instituições de ensino. Morei tanto em espaços de grande concentração de equipamentos públicos e culturais quanto em lugares precarizados. Por meio da universidade, também tive a oportunidade de visitar muitas cidades. Essas múltiplas vivências permitiram um olhar como a de um caleidoscópio.

Um ano antes de ingressar na universidade (2008) ganhei uma bolsa em um curso pré-vestibular com apoio do IPAD (Instituto Paranaense Afrodescendente) e foi neste instituto que tive o primeiro contato com a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). No ano seguinte ingressei no curso de Pedagogia.

Sem qualquer referência sobre a vida acadêmica, recebi um conselho “gruda nos editais nas paredes” e foi assim que aproveitei todas as oportunidades oferecidas pela UFPR, desde a minha primeira bolsa na Iniciação Científica (IC) até a última, no 5º ano da graduação (incluindo os seis meses de estudos na Universidade de Coimbra-Portugal). As bolsas foram essenciais para garantir meu sustento, permanência na UFPR e proporcionar aprendizado e crescimento como pesquisadora. Os cinco anos de IC foram momentos de muito aprendizado e crescimento. As temáticas de minhas pesquisas foram diversas, desde a ERER (Educação das Relações Étnico-Raciais) na transição da Educação Infantil (EI) para o Ensino Fundamental (EF), até a representação étnico-racial em livros didáticos (tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC). Licenciada em Pedagogia em fevereiro de 2014 em março do mesmo ano, ingressei no mestrado na linha de Políticas Educacionais (na mesma universidade). Pesquisei em que medida a política de formação de professoras da Educação Infantil (EI) da Secretaria Municipal Educação (SME) de Curitiba contemplava a ERER. Descobrimos que não havia uma política para as docentes da EI e, a partir da nossa devolutiva, a prefeitura alterou a política de formação do município e incluiu a ERER em seu programa de formação continuada.

No ano de 2017, tive a alegria de ir trabalhar em uma escola. Vinte e oito crianças do 1º ano de uma escola municipal na região metropolitana de Curitiba me ensinaram a ser professora. Em uma atividade de Geografia (no 2º semestre), as crianças trouxeram os espaços que mais frequentavam e/ou que gostariam de visitar, mas na ocasião não me atentei em reconhecer os espaços no entorno da escola, o que dificultou a compreensão dos relatos das crianças. Naquele momento, não tinha me atentado o quão importante era considerar as crianças nas suas múltiplas vivências, para além dos espaços escolares. Este foi um dos fatores que contribuíram para a escolha de um trabalho de inspiração etnográfica.

Na área da Educação, há muitos estudos que se propuseram e ainda se propõem a pesquisar questões como o espaço escolar, os documentos escolares, os espaços e os sujeitos da escola (professoras/es, alunas/os, equipe pedagógica, pessoal administrativo e de serviços gerais). Reconhecemos a importância dessas pesquisas, mas esta tese vai em outra direção. As crianças são indivíduos biopsicosocioculturais, e suas aprendizagens vão além dos muros escolares. Na minha dissertação (Silva, 2016), já tinha destacado o quão fundamental seria considerar, respeitar e compreender as especificidades das crianças em seus contextos familiares, religiosos, étnico-raciais e de gênero.

A escolha do bairro CIC foi fundada nos resultados investigativos da pesquisa “Vivendo a infâncias na cidade: tensões e contradições nas redes de interdependência de crianças que se socializam em configurações urbanas do século XXI” realizada pelo grupo de pesquisa TECl (Território, Educação e Cidade), coordenado pela professora Doutora Valéria Milena Rohrich Ferreira e que começou a produzir dados sobre diferentes bairros da cidade entre os anos de 2014/2015.

Em uma das pesquisas, o grupo analisou 1060 questionários respondidos por famílias de crianças que frequentavam escolas municipais de Curitiba, com o objetivo de compreender de que maneira as crianças (de diferentes regiões da capital paranaense) experienciavam o bairro em que moravam/frequentavam. Na sequência, as pesquisadoras conversaram com diversas crianças desses mesmos bairros (as crianças também fizeram desenhos e as pesquisadoras também produziram observações e fotografias dessas regiões). Um dos resultados da pesquisa que também coincidiu com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010) foi que as/os moradoras/es da parte central e norte da cidade de Curitiba apresentaram um índice maior de famílias com salários mais altos (muitas famílias com mais de 5 salários-mínimos) quando comparados com os rendimentos salariais daquelas/es que moravam nos bairros do sul e extremo sul¹, essas com muitas famílias vivendo com até um salário-mínimo². No entanto, a desigualdade verificada entre os bairros sulistas e centro-nortistas não foi apenas econômica. Na região sul-

¹ Nesta pesquisa, trabalhou-se com três escolas de cada uma das regionais de Curitiba existentes à época. As escolas que se situavam a sudeste e sudoeste foram agrupadas no “sul-extremo sul” quando se quis sintetizar os dados dividindo a cidade em duas porções, norte-central por um lado e sul-extremo sul por outro. Essa forma de agrupamento só foi possível porque os dados em cada um dos polos eram muito próximos entre si e bem diferentes entre os dois polos.

² No próximo capítulo estes dados serão melhor explorados.

extremo sul da cidade, havia uma maior concentração de crianças negras; suas famílias eram menos escolarizadas; e os deslocamentos das/os sujeitas/os pesquisadas/os eram mais curtos e restritos à região do bairro em que moravam (Ferreira; Ferreira, 2020).

Outra constatação foi em relação às atividades realizadas pelas crianças fora do contexto escolar. As crianças dos bairros tidos como mais seguros (com baixos índices de violência), localizadas mais na região norte e central, praticavam esportes mais diversificados, elitizados e tranquilizantes, como yoga, meditação, equitação e balé. Em contrapartida, as crianças residentes na parte sul e extremo sul da cidade realizavam mais atividades voltadas para a defesa pessoal e/ou lutas, como as Artes Marciais, por exemplo, além de frequentarem mais atividades cívicas, como as atividades proporcionadas pela Guarda Mirim³. Em síntese, há uma tentativa explícita de controle dos corpos infantis, um enquadramento cívico, moral e religioso maior na parte sul e extremo sul da cidade, justamente nas regiões em que os índices de violência são maiores. (Ferreira; Ferreira, 2020).

No entanto, um aspecto importante quando falamos sobre essa comparação entre as duas regiões da cidade é que muitas pessoas justificam essa desigualdade argumentando que o sul e o extremo sul contam com bairros de constituição mais recente e que é por isso que não há uma quantidade/qualidade de espaços e infraestrutura semelhantes aos bairros centrais e ao norte, bairros estes de constituição mais antiga. Procurando-se, então, localizar e conhecer bairros ao sul ou extremo sul, que também eram de constituição mais antiga, chegamos à Cidade Industrial de Curitiba (CIC), bairro antigo da cidade que tem sua história de formação amplamente relacionada com a classe trabalhadora e com moradias populares para essa população. No entanto, como este bairro tem uma grande extensão territorial, realizamos um recorte ainda mais preciso, nas vilas Nossa Senhora da Luz e Moradias Sabará. A intenção inicial era pesquisar somente a Vila Nossa Senhora da Luz, mas com o tempo decidimos incluir também a vila Moradias Sabará. Por fim, no decorrer da pesquisa, ficamos apenas com o Sabará, pois foi o lugar que nos deu abertura, pela facilidade de encontrarmos contatos de pessoas no momento da Pandemia. Mas,

³ Trata-se de uma atividade em que um policial municipal fardado desenvolve atividades com as crianças, na maior parte das vezes, na escola, em período contrário ao da aula.

a Vila Nossa Senhora da Luz será, em alguma medida, apresentada também, para se entender o início da constituição do bairro Cidade Industrial de Curitiba.

A partir dos dados acima mencionados, veremos que as vivências das crianças na cidade dependem de sua condição socioeconômica, étnico-racial, de gênero, etária, entre outras categorias que ainda poderão surgir nas próximas análises. Considera-se, portanto, que o problema não está no modo diferenciado com que as crianças usufruem e circulam pela cidade, mas sim no fato de que essas experiências vividas não são só diversas, mas também desiguais. A desigualdade social é um fator determinante, pois proporciona experiências diversificadas e ampliadas para algumas crianças em detrimento de outras.

Assim, antes de discutirmos outros pontos relevantes que permeiam esta tese, é preciso lembrar que esta pesquisa foi construída no meio da Pandemia da Covid-19.

*No meio do caminho tinha uma Pandemia
tinha uma Pandemia no meio do caminho⁴*

De maneira imprevisível, fomos surpreendidas com a Pandemia. Lembro-me que dimensionei a sua gravidade quando a Universidade de São Paulo (USP) informou sobre o seu fechamento. Nesse momento, eu sabia que, como efeito dominó, a UFPR não demoraria a fechar. Minha *intuição* me levou para o Cine Passeio, *corri* para assistir ao filme “Nóis por Nóis”⁵ (Produzido sobre a CIC⁶ e especificamente no Sabará-CIC). (In)Conscientemente eu sabia/temia que esta seria minha última ação antes de ter que rever a metodologia de pesquisa; e defato foi!

Como é fazer pesquisa de campo, com inspiração etnográfica, em distanciamento social? É possível continuar com minhas *andanças*, se a recomendação era/é a de ficar em casa? De que maneira eu entraria em contato com as crianças se elas não estavam indo à escola? Eu poderia continuar me comunicando com aquelas que iniciei o contato? Se sim, como faria? Teria que

⁴ Paráfrase de “No meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade.

⁵ O filme retrata a violência policial contra as comunidades negras e periféricas. Gravado no bairro CIC, mais precisamente na vila Moradias Sabará (um dos campos de estudo deste trabalho), foi gravado em 2019 e lançado no começo de 2020.

⁶ Neste trabalho, por vezes mencionamos o bairro Cidade Industrial de Curitiba como ‘a CIC’, como é comumente chamado pelas/os moradoras/es locais. Embora gramaticalmente isso possa parecer incorreto, é a maneira como a comunidade se refere a este bairro.

abandonar minha pesquisa no *meio do caminho*? Dentre outras questões, essas foram perguntas que naquele momento inicial me assombraram e que me acompanharam durante os próximos dois anos de Pandemia, em que o processo de pesquisa precisava seguir ainda que em meio a tantos percalços. Assim foi que, no dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS), dirigida por Tedros Adhanom, elevou a classificação da infecção/transmissão, de epidemia à Pandemia (UMA-SUS, 2021). A contaminação por Covid-19, causada pelo vírus Sars-CoV-2, de lá para cá, veio devastando o mundo e por aqui não foi diferente. No Brasil, outros problemas se interrelacionavam e interdependiam com os da crise sanitária, como o negacionismo, a desinformação, a negligência e o descaso do governo federal.

O Brasil liderou o *ranking* mundial no número de mortes diárias por Covid-19 (20/05/2022) pela terceira vez desde o início da Pandemia (BBC News, 2021). O número de vidas ceifadas, desde então, cresceu exponencialmente, e os registros oficiais ultrapassaram, no próximo fim do primeiro semestre de 2022, a marca de 665.680 mortes (22/05/2022) (G1-Globo, 2022). Não são só números, foram vidas, sonhos, caminhos, trajetórias e histórias abruptamente interrompidas. O registro de mortes cresceu e, embora tenha diminuído muito no começo de 2022, o medo ainda rondava, pois, a cada novo mês, a cada onda de frio, a população se angustiava e acompanhava o noticiário com receio de reviver as piores fases da Pandemia. Neste contexto, repito, não são apenas números, pois, a cada dia, neste cenário, houve toda uma rede de interdependência⁷ enlutada: são familiares, amigas/os, colegas de trabalho, vizinhas/os, conhecidas/os, são pessoas que amamos e consideramos muito e que faziam parte do nosso cotidiano, como aquele senhor da portaria do prédio da UFPR que nos dava bom dia animosamente.

“E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre” (CNN-Brasil, 2020), disse o presidente da República do Brasil (2019-2022). Seu discurso desumano é carregado de ódio, sarcasmo, descaso e menosprezo que nos violenta. Vivemos em tempos de dor e de luto, sua falta de decoro nos desestabilizava ao invés de fornecer consolo, como manda o *protocolo* de pessoas humanizadas, altruístas e que honram o cargo eleito pelo povo.⁸

⁷ Este conceito será melhor trabalhado no decorrer desta tese.

⁸ Enquanto isso, assistíamos ‘invejosamente’ países como Israel, Estados Unidos, China e Itália que apresentaram altas taxas de vacinação e relaxou gradualmente as restrições sanitárias, como

O que também foi revoltante de se acompanhar foi a repulsa do Presidente Bolsonaro com as medidas farmacológicas que foram essenciais no combate à Covid-19, como o uso da máscara em lugares públicos e a higienização adequada das mãos. Estudos demonstraram que a negligência do governo federal custou 400 mil vidas⁹, ou seja, se o governo adotasse já no início da Pandemia outra postura e incentivado medidas de prevenção como o distanciamento social, campanhas de orientação, entre outras, **quatro** entre **cinco** mortes seriam evitáveis. (Agência, 2021, grifos nossos).

Voltando ao detalhamento da pesquisa, sabíamos que seria preciso investigar as tensões, as relações de poder no território, bem como a relação que os indivíduos possuem com o bairro, identificar como esses sujeitos, em meio ao descaso do poder público, alteram e são alteradas pelo território em que residem. Um pouco como considerava Elias, ao falar sobre tais tensões:

[...] ao atingirem certa intensidade e estrutura, [as tensões] geram um impulso por mudanças estruturais na sociedade. Graças a elas, as formas de relações e instituições da sociedade não se reproduzem aproximadamente da mesma forma de uma geração para outra. Graças a elas, algumas formas de vida em comum tendem constantemente a se mover em determinada direção, rumo a transformações específicas, sem que nenhuma força impulsionadora externa esteja implicada. (Elias, 1994, p. 44)

Em uma conversa¹⁰ com Lucas (14 anos), questionei-o sobre há quanto tempo morava na CIC e qual era sua percepção sobre o bairro. Ele me contou que recentemente havia voltado a morar ali, pois residiu por um curto tempo no bairro vizinho, Tatuquara. Quando perguntei qual a diferença entre morar nos dois bairros, Lucas me disse “Ah, tem prós e contras morar lá [Tatuquara] e aqui [CIC]” (Diário de Campo, 14 de maio de 2019). Embora tenha mencionado haver pontos negativos e positivos, em ambos os bairros, Lucas não mencionou uma perspectiva favorável em relação à CIC. Segundo ele “[...] no Tatuquara tinha mais acesso. Tinha acesso fácil. CRAS, UPA, cancha, comércio. Era tudo perto! Aqui [CIC] o acesso é mais difícil, é

o uso de máscaras em espaços ao ar livre, e testemunhou a redução de taxas de Covid-19 (22/06/2021), em comparação com os números do ano anterior. (Satie, 2021)

⁹ Este número está relacionado ao número total de mortos (509.282) registrados até o dia 24/05/2022.

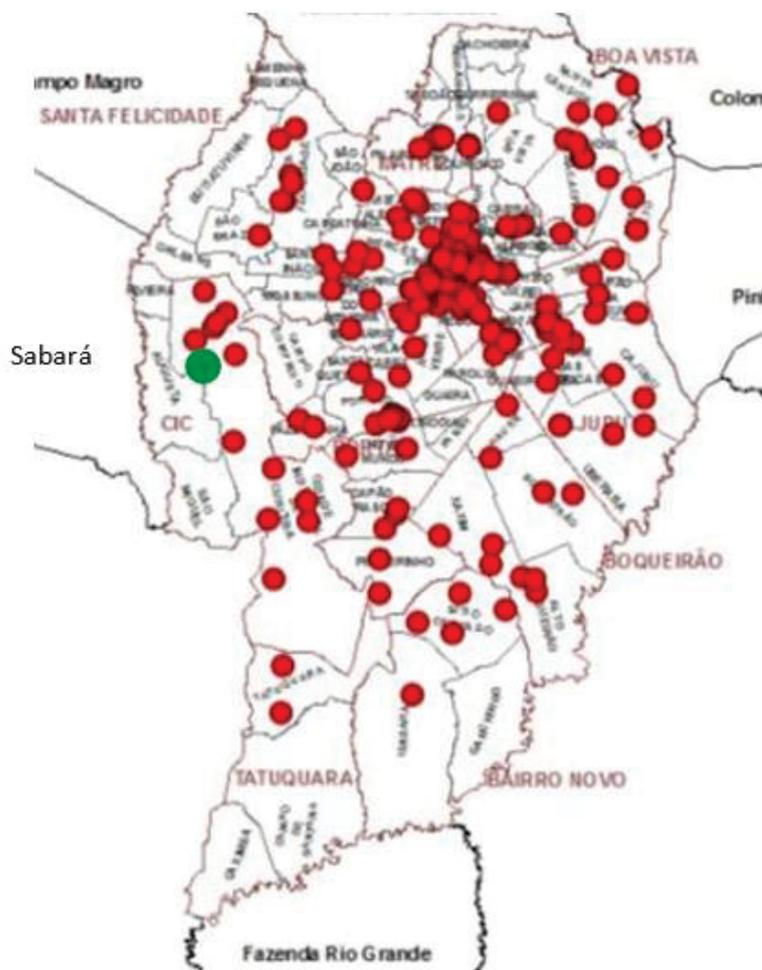
¹⁰ O momento da conversa ocorreu minutos antes do início da aula de Capoeira Angola em uma das vilas do Bairro Cidade Industrial de Curitiba. As aulas são gratuitas e acontecem sempre às terças-feiras no período noturno.

tudo muito longe” (Diário de Campo, 14 de maio de 2019). Apesar dos dois bairros localizarem-se no sul/extremo sul da cidade de Curitiba e compartilharem os meus problemas e dificuldades (embora é importante lembrar que a CIC é um bairro muito mais antigo do que o Tatuquara), Lucas constatou que há pouca infraestrutura pública na CIC (como CRAS, posto de saúde entre outros) e são distribuídos de maneira desproporcional em relação à disposição espacial, o que pode dificultar o acesso por parte da população.

A disparidade de distribuição foi mencionada pelo menino, sob uma perspectiva da distância espacial (já que a CIC é o maior bairro em termos de área entre os bairros da cidade) e é importante destacar que os equipamentos públicos citados por Lucas são essenciais para qualquer cidadã/ão, pois estão relacionados com a saúde, comércio, lazer e assistência social. Destacamos, portanto, a perspicácia do menino em relatar a distância dos equipamentos públicos essenciais para a garantia de direitos fundamentais para as/os residentes do referido bairro.

Para além da constatação de Lucas sobre a disparidade na distribuição de equipamentos básicos e de infraestrutura pública na CIC, foi possível perceber que a desigualdade na capital paranaense está presente também na distribuição de espaços de cultura consolidados, como museus e equipamentos culturais na cidade. A diferença pode ser visualizada por meio do mapa de equipamentos culturais (Figura 1) do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). No mapa, o bairro CIC fica na lateral/borda esquerda e conta com poucos desses espaços.

FIGURA 1 — MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DE EQUIPAMENTOS CULTURAIS EM CURITIBA



Fonte: IPPUC (2019)

O mapa acima é resultado de uma filtragem feita no próprio site do IPPUC. A Figura 1 indica os equipamentos culturais na perspectiva do instituto (museus, ruas da cidadania entre outros espaços privados e públicos), o que é, de certa forma pode ser limitador, pois pode induzir à interpretação de que apenas os espaços destacados são reconhecidos como espaços de cultura. No entanto, mesmo que essa classificação seja intrigante, ela revela a desigualdade no número de espaços culturais na cidade. Há um número maior de equipamentos na região centro-norte em comparação com o sul e extremo sul da cidade. Além disso, há uma diferença qualitativa nas marcações, já que a região centro-norte possui uma variedade maior de espaços culturais, incluindo museus e teatros, enquanto no sul e extremo-sul as marcações estão relacionadas somente às Ruas da Cidadania e Faróis do Saber. Na CIC, por exemplo, há mais registros relacionados à leitura, como a Casa da Leitura e o Farol do Saber. Esses espaços abrigam bibliotecas com um pequeno acervo,

disponibilizam computadores para a comunidade e oferecerem oficinas pagas, como o violão, viola e Mangá que acontecem na Casa de Leitura Paulo Leminski.

No entanto, existem espaços culturais que não aparecem no mapa, como aqueles que abrigam atividades como a Capoeira, que acontece com frequência e de forma gratuita, e a Associação de Moradores do Sabará I¹¹. Esses espaços serão apresentados de forma mais detalhada posteriormente na pesquisa.

Em relação à questão cultural em uma cidade, esta tese, seguirá a perspectiva de Raymond Williams que rompe com a ideia de elitização da cultura. Williams (2015) e os Estudos Culturais horizontalizam a cultura, defendendo a ideia de uma "cultura comum". Nesse sentido, até um passeio de ônibus é considerado uma prática cultural. A pesquisa foi orientada por essa perspectiva abrangente de cultura de Williams (2015), com o objetivo de observar e analisar as práticas culturais que as crianças experienciam na Cidade Industrial de Curitiba (CIC).

Além disso, o conceito de Williams de que a cultura é algo comum a todos, abrange também as produções artísticas e literárias de um povo. Não se pode deixar de observar a escassez de equipamentos culturais consolidados em determinados locais da cidade, o que reflete o descaso do poder público em relação à população de alguns bairros. Além disso, se observarmos a CIC, essa escassez persiste nos dias de hoje, afinal, ao compararmos os espaços culturais públicos da CIC com os de alguns outros bairros tão antigos quanto ela, e na região norte, a disparidade ainda persiste como apresentado no mapa acima (Figura 1).

Outro aspecto que precisa ser abordado é o ato de residir nas cidades. Rolnik (1998) afirma que é necessário aprender a viver em coletividade, já que ninguém pode viver em isolamento, uma vez que estarmos interligados uns aos outros, sobretudo em cidades cada vez mais urbanizadas. Mesmo que um indivíduo more sozinho e/ou esteja só em um automóvel, ele ainda é “um fragmento de um conjunto, parte de um coletivo” (Rolnik, 1998, p. 19). Este trecho de Rolnik, de certa forma, lembra o conceito de sociedade de Norbert Elias (1994) (que será melhor discutido no capítulo 5). Para o que nos interessa no momento, basta lembrar que, para o autor, a relação sociedade-indivíduo é intrínseca.

¹¹ Na Vila Moradias Sabará, existem duas Associações, sendo que a que estudamos é a Associação de Moradores do Sabará I. Nem sempre mencionaremos o nome completo, mas sempre referenciaremos a ela.

A sociedade, com sua regularidade, não é nada externo aos indivíduos; tampouco é simplesmente um 'objeto' 'oposto' ao indivíduo; ela é aquilo que todo indivíduo quer dizer quando diz 'nós'. Mas esse 'nós' não passa a existir porque um grande número de pessoas isoladas que dizem 'eu' a si mesmas posteriormente se une e resolve formar uma associação. As funções e relações interpessoais que expressamos com partículas gramaticais como 'eu', 'você', 'ele', 'ela', 'nós' e 'eles' são interdependentes. Nenhuma delas existe sem as outras. (Elias, 1994, p. 57)

Além dessa relação de interdependência entre sociedade e indivíduo, Elias afirma que cada indivíduo desempenha funções e posições em suas redes, como filha/o, neta/o, aluna/o, amiga/o, prima/o, paciente, entre outras. Essas funções são exercidas por um indivíduo para outros e estão relacionadas com terceiros.

Os tipos mais díspares de funções tornaram-na dependente de outrem e tornaram outros dependentes dela. Ela vive, e viveu desde pequena, numa rede de dependências que não lhe é possível modificar ou romper pelo simples giro de um anel mágico, mas somente até onde a própria estrutura dessas dependências o permita; vive num tecido de relações móveis que a essa altura já se precipitaram nela como seu caráter pessoal. E aí reside o verdadeiro problema: em cada associação de seres humanos, esse contexto funcional tem uma estrutura muito específica. (Elias, 1994, p. 22).

Considerando que todas as crianças são indivíduos e cidadãos, a cidade – que possui, e/ou deveria atender às necessidades de todos os indivíduos, independente da sua faixa etária –, poderia ser preparada, pensada e qualificada também por elas e para elas, isso garante que as/os pequenas/os tenham acesso às diversas formas de experiências em seu cotidiano. Isso inclui registrar, recordar e interpretar histórias, compreender fenômenos da natureza, ter experiências saudáveis e diversificadas, conhecer a si mesmas e os outros, assim, fornecendo elementos importantes para um desenvolvimento sadio e ampliando saberes a partir das vivências e experiências que o território pode oferecer.

Francesco Tonucci (2006) afirma que as crianças não têm vivido plenamente as múltiplas experiências que uma cidade poderia/deveria proporcionar. Às vezes, são privadas de experiências fundamentais para seu desenvolvimento, como aventuras, descobertas, surpresas, riscos, superações e emoções que brincadeiras e outras experiências podem gerar. Tonucci argumenta que tais experiências exigem condições fundamentais para serem desenvolvidas, como tempo livre e espaços públicos compartilhados em boas condições de uso.

Diante das dificuldades ambientais e a insegurança presentes nas cidades é crescente o número de responsáveis que impedem que suas/seus filhas/os circulem

pelo bairro ou pela redondeza de suas residências sem tutela. Como reflexo de tal situação, Tonucci (2006) afirma que o tempo livre das crianças tem se transformado em tempos organizados e dedicados a atividades que são desenvolvidas dentro e fora de casa, pagas ou não.

Apesar do destaque deste autor, é relevante pontuarmos que essa tendência de confinamento das crianças não deve ser algo generalizado a todas as crianças, afinal é preciso considerar a multiplicidade das infâncias e das crianças. Em relação às infâncias, Manuel Jacinto Sarmiento (2005) afirma sobre a importância em considerar as especificidades, os contextos culturais, territoriais e singulares de cada criança, recusando concepções uniformizadoras da infância.

Apesar das contribuições de Tonucci, Sarmiento e da Sociologia da Infância, é necessário considerar e discutir as especificidades das crianças latino-americanas e brasileiras. Infelizmente, ainda enfrentamos a realidade de muitas crianças em situação de vulnerabilidade social, que estão fora da escola, não têm acesso a uma moradia digna, não são devidamente protegidas, sofrem abuso sexual, têm seus direitos básicos violados, vivem em mendicância e não possuem um lugar seguro para brincar, entre outros problemas que afetam as infâncias brasileiras.

Sobre isso, e, fundamentada na perspectiva reticular eliasiana – que será explicada a seguir –, parte-se da ideia de que é preciso considerar as crianças como atores sociais que atuam e se posicionam de forma interdependente em suas redes. Eles não são indivíduos que atuam isoladamente, mas sim sujeitos ligados por fios em um emaranhado reticular que se move e se altera constantemente.

A fricção dos fios nas redes das crianças gera tensão, sejam elas econômicas, políticas, familiares ou geracionais. E nós tivemos a intenção de pesquisar se também há tensões territoriais nessas redes, pois também é no entretecer espacial desse emaranhado de fios, que são móveis e elásticos, e que constantemente se alteram, é que a vida das crianças ocorre. Observamos também como as crianças agem e reagem a essas tensões nos territórios por onde circulam

Ressalta-se, assim, que os sujeitos principais desta tese são as crianças em suas redes de interdependência. Elas não serão consideradas de maneira individual, mas sim de maneira interrelacional, situadas em uma sociedade múltipla que entrelaça diversas gerações.

Como mencionado anteriormente, para Elias (1994), a oposição entre indivíduo e sociedade é inadequada, ou seja, não é saudável colocar estes dois

termos em contraposição, tampouco considerar o indivíduo de forma isolada. O autor descreve que é preciso emancipar-se de perspectivas que colocam tais termos em situações opostas. Para ele, o indivíduo e a sociedade são concepções relacionais e não hierárquicas, coexistindo, uma vez que “os seres humanos individuais ligam-se uns aos outros numa pluralidade, isto é, numa sociedade”. (Elias, 1994, p.6)

Assim, os indivíduos não estão isolados e desconexos. Semelhante a uma peça de tricô composta por vários fios que se entrelaçam e se conectam por meio de *pontos*, a diferença é que na rede de interdependência apresentada por Elias, esses fios são móveis, elásticos e estão em constante tensão e movimento, com os indivíduos interligados uns aos outros em uma perspectiva reticular, denominada pelo autor como *redes de interdependência*. Embora este conceito seja melhor discutido no capítulo 5, é importante ressaltar, de início, que para Elias, as pessoas estão sempre ligadas entre si:

[...] cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem. (Elias, 1994, p. 20)

Assim, todas as relações são permeadas por relações de poder e estão em constante tensão. Os percursos de cada um são traçados tendo como ponto de referência as respectivas redes de cada indivíduo e também a de outros, ou seja, as escolhas não serão feitas aleatoriamente.

Assim, estudou-se as redes de interdependência das crianças que visamos compreender melhor tanto a mobilidade espacial quanto suas práticas culturais no território. Nosso objetivo geral na pesquisa é **investigar como se constituem tanto a mobilidade espacial de crianças quanto suas práticas culturais em um bairro antigo de trabalhadoras/es em Curitiba, a CIC**. Interessou-nos saber de que forma as práticas culturais acontecem diante da precariedade das instâncias governamentais, tendo em vista que os incentivos públicos iniciais no bairro foram voltados para a indústria, desde sua criação, como será explicitado ao longo desta tese.

1.1 ANDANÇAS: O CAMINHAR NA PESQUISA

De inspiração etnográfica, meu percurso no campo de pesquisa foi de maneira processual e não linear. Para Mariza Peirano

[...] a (boa) etnografia de inspiração antropológica não é apenas uma metodologia e/ou uma prática de pesquisa, mas a própria teoria vivida. Uma referência teórica não apenas informa a pesquisa, mas é o par inseparável da etnografia. É o diálogo íntimo entre ambas, teoria e etnografia, que cria as condições indispensáveis para a renovação e sofisticação da disciplina [...]. No fazer etnográfico, a teoria está, assim, de maneira óbvia, em ação, emaranhada nas evidências empíricas e nos nossos dados. Mais: a união da etnografia e da teoria não se manifesta apenas no exercício monográfico. Ela está presente no dia-a-dia acadêmico, em sala de aula, nas trocas entre professor e aluno, nos debates com colegas e pares, e, especialmente, na transformação em “fatos etnográficos” de eventos dos quais participamos ou que observamos. Desta perspectiva, etnografia não é apenas um método, mas uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação. (Peirano, 2008, p. 3)

Apesar de ser natural de Curitiba e ter residido na parte sul da cidade, durante parte da minha infância, eu não conhecia o bairro Cidade Industrial de Curitiba. Iniciei as buscas nas redes sociais e entre meus contatos para verificar se alguém próximo a mim, conheceu alguma criança moradora na CIC, mais precisamente na vila Moradias Sabará. Paralelamente, decidi *desbravar* o bairro. Por meio de grupos de bairros e associações de moradoras/es nas redes sociais localizei um morador engajado da Vila Nossa Senhora da Luz e ativista das causas da cultura e da *quebrada*¹². Josmar é moderador de vários grupos da CIC no *Facebook* e, naquele momento, julguei que ele pudesse apontar possíveis caminhos.

No dia 12 de junho de 2018, marcamos uma conversa¹³ com ele para contextualizar o bairro. Josmar, morador da Vila Nossa Senhora da Luz¹⁴ e ativista em prol da cultura periférica, foi uma importante conexão com outras pessoas envolvidas

¹² A nomenclatura utilizada pelas/os próprias/os moradoras/es, para designar seus lugares de moradia, que também são regiões segregadas a partir de critérios socioeconômicas.

¹³ No momento das entrevistas, notamos que existia uma perspectiva diferenciada dos atores culturais que propõem oficinas pagas. No caso das aulas de violão, viola caipira e de *Mangá*, as motivações dos proponentes são opostas. Enquanto aqueles que oferecem as atividades pagas estão mais voltados para questões financeiras, aqueles que estão envolvidos com o trabalho voluntário estão mais preocupados com a formação cidadã das pessoas, levando em consideração a saúde física, mental e social dos indivíduos. Outra preocupação comum entre os/as voluntariados/as está relacionada com a questão das drogas, pois veem nas práticas culturais um meio de afastar as/os jovens e crianças dos caminhos das drogas.

¹⁴ A Cidade Industrial de Curitiba é um bairro subdividido em várias sub-regiões, mas essas divisões são reconhecidas apenas pelas/os próprias/os moradoras/es. Em contato telefônico, o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) nos informou que reconhece apenas as divisões entre os bairros.

com questões culturais na CIC. Ele era conhecido na região da CIC e tinha amplo conhecimento de histórias e eventos que ocorriam no bairro, especialmente na Vila Nossa Senhora da Luz.

Josmar tinha uma aspiração constante de se candidatar a cargos políticos. Ele concorreu nas eleições de 2018 para deputado federal por um partido de extrema esquerda e em 2020 para vereador por um partido de centro-esquerda. Em 2018, Josmar promoveu um evento chamado “Plenural” – uma espécie de plenária cultural – cuja intenção foi lançar sua candidatura, convocar a população para auxiliá-lo nesse processo eleitoral e informar seu interesse caso fosse eleito. O evento foi realizado em uma das vilas da CIC, na Vila moradias Sabará, na Associação de Moradoras/es do Sabará 1, e foi por meio dele que conhecemos aquele espaço. Fiquei tão encantada com o lugar e sua história que, naquele momento cogitei incluí-lo na pesquisa.

A Associação de Moradoras/es é um espaço que foi ocupado¹⁵ por um grupo de habitantes da região. O prédio construído pertence ao antigo “Projeto Piá – Ambiental”¹⁶. Depois da finalização deste Projeto, houve uma redistribuição dos espaços físicos; entretanto, isso não ocorreu com o prédio que hoje pertence à Associação de Moradoras/es. Por ficar ocioso, o espaço foi gradativamente depredado devido à de manutenção e ao não uso, e passou a ser utilizado por usuárias/os de drogas. Por conta da nostalgia (pois alguns dos moradores tinham estudado lá e manifestavam carinho pelo espaço), mas também pela necessidade de um espaço para o coletivo, Josmar nos conta que os antigos frequentadores do Projeto Piá iniciaram uma disputa territorial com as/os usuárias/os de entorpecentes para ocupar o espaço e transformá-lo em um lugar da comunidade (Diário de Campo, 30 de agosto de 2019).

Josmar me indicou alguns nomes, e o próximo a ser entrevistado foi Jean: Jean, um homem branco, mestre e professor de capoeira de Angola. O capoeirista, muito carismático e receptivo, contou que possui um projeto social em que dá aulas gratuitamente em uma das vilas da CIC – além de dar aulas de maneira remunerada

¹⁵ Tanto a Associação de Moradores quanto o prédio em si estavam em processo de legalização. Por esse motivo, não havia luz até o ano de 2018, e a eletricidade só foi instalada no local em 2019. Quando ocorria algum evento, os vizinhos solidariamente cediam a luz para o espaço.

¹⁶ De acordo com informações do site da Secretaria Municipal de Curitiba, o Programa de Integração da Criança e do Adolescente (PIÁ) consiste em um programa de contraturno escolar.

em várias escolas e instituições de educação infantil no próprio bairro. Jean nos contou que foi o primeiro professor e mestre de capoeira a ser registrado nessa categoria no Paraná.

As entrevistas com estes dois sujeitos contribuíram para uma melhor compreensão sobre o bairro, além de me alertarem sobre o quanto aquela região era desconhecida por mim. Durante a entrevista, percebi que ao mencionar algum local na CIC, Jean expressava desapontamento ao perceber meu desconhecimento sobre os pontos de referência que ele mencionava. Foi então que iniciei um verdadeiro processo de “andanças”. Nesta etapa, concentrei-me em identificar elementos que eram familiares para as/aos moradoras/es, como as divisões entre uma vila e outra, os pontos de referência, os equipamentos públicos – que possivelmente seriam mencionados pelas/os entrevistadas/os e/ou pelas crianças – e o comércio. Foi perceptível o resultado do meu processo de familiarização com os locais da CIC, pois o “tom” das conversas ficou muito mais amistoso e acolhedor, o que favoreceu tanto a mim quanto às/aos entrevistadas/os, tornando-nos mais à vontade. Foi Jean quem me orientou sobre as regiões que eu poderia percorrer e aquelas que eu deveria evitar.

Durante os anos de 2018 e 2019, como mencionado anteriormente, iniciei *minhas andanças* pelo bairro e conversando com moradoras/es engajados, experimentando um modo de fazer etnográfico. Sobre esse modo de fazer, vale pensar que

[...] a etnografia é ação social, é comunicação, é “performance”, então, mesmo quando pensamos que estamos apenas trocando idéias, estamos “fazendo coisas” com as palavras. Um depoimento, uma entrevista, não são apenas relatos referenciais e propositivos, não apenas duplicam uma realidade mental que descreve o mundo por equivalentes verbais. Muitos são os significados embutidos numa conversa. (Peirano, 2008, p. 7).

Assim, frequentei festivais, manifestações, festas juninas, saraus, tomei café na casa das/os moradoras/es, participei de reuniões de organizações de eventos, participei de conversas em bares. Estive na Comunidade Escola, na Mostra Cultural, em encontros políticos, nas aulas de capoeira, de violão e viola caipira, assisti sessões na ALEP (Assembleia Legislativa do Paraná), aproveitei apresentações musicais, envolvi-me em conversas de *muro* entre vizinhas/os, participei de reunião da prefeitura com a comunidade, conversei com o professor de judô, de mangá e de Arte, encontrei-

me com o presidente da associação de moradoras/es e líderes religiosos de Organizações Não Governamentais, entrevistei a responsável pela secretaria da cultura na CIC, entre outras atividades.

Todo o percurso mencionado acima foi realizado para obter um entendimento mais profundo das práticas culturais das crianças no contexto do bairro. Em 2019, estreitamos laços com algumas crianças e iniciamos o contato com elas. Com um grupo de 3 delas, e com a autorização de seus familiares, conseguimos caminhar pelo bairro, visitando os lugares que frequentavam e acompanhando seus trajetos cotidianos.

Na capoeira acompanhávamos Flor (apelido dado pelo grupo de capoeira e que será utilizado neste trabalho)¹⁷, uma menina parda que era muito querida por todas/os, embora fosse introvertida, estava disposta a ajudar. Flor tinha uma relação interessante com o território, o que nos interessava, pois ela ia e voltava sozinha para as aulas de capoeira e se deslocava pelo bairro com autonomia.

Enquanto eu continuava em minhas *andanças* na CIC para localizar moradoras/es engajados, também agilizei os trâmites burocráticos necessários junto ao Comitê de Ética¹⁸ da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e à Secretaria Municipal de Educação de Curitiba. Nossa intenção inicial era estabelecer contato com as crianças e famílias e por meio das escolas também. O processo junto ao Comitê foi iniciado no dia 22 de março de 2019 e concluído em 21 de novembro de 2019.

Com a pesquisa devidamente autorizada e registrada pelo Comitê de Ética e a aprovação da SME para entrar nas escolas, planejávamos entrar em contato com a comunidade escolar logo após o início do ano letivo¹⁹ de 2020. Nossa abordagem inicial envolveria questionários para identificar e ampliar o número de crianças, seguidos por conversas com algumas delas. No entanto, devido à pandemia, isso não foi possível.

Além das atividades de campo e do acompanhamento regular das três crianças, fizemos uma pesquisa documental que envolveu o levantamento de jornais

¹⁷ Os nomes, nesta tese, serão fictícios e usados para garantir a segurança e privacidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

¹⁸ Esta pesquisa está vinculada ao programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, na linha de Pesquisa Educação, Diversidade, Diferença e Desigualdade Social. A apreciação ética foi expressa no Parecer de CAAE n° 13435019.3.0000.0102 em 08/08/2019.

¹⁹ Decidimos entrar nas escolas depois do início do ano letivo, pois as primeiras semanas são de adaptação e organização para toda a comunidade escolar.

e documentos antigos da Casa da Memória de Curitiba. Essa pesquisa documental proporcionou uma perspectiva histórica sobre a formação da Cidade Industrial de Curitiba. O resumo do processo de produção de dados da pesquisa está apresentado no quadro a seguir:

QUADRO 1 — PERCURSO METODOLÓGICO

Produção de dados	Como obter as informações necessárias	Local
Andanças virtuais	<ul style="list-style-type: none"> • Monitorar atividades, notícias, informações, postagens e produções sobre a CIC • Identificar grupos de moradoras/es e encontrar possíveis moradoras/es engajadas/os em projetos sociais e culturais no bairro (e mais especificamente no Sabará e Vila Nossa Senhora da Luz) • Conversas, por meio virtual, com moradoras/es antigos e integrantes dos grupos acompanhados. 	Redes sociais (Facebook e WhatsApp)
Andanças exploratórias no bairro	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o bairro e reconhecer pontos de referências das crianças da pesquisa e de moradoras/es engajados em projetos sociais e culturais. • Circular de ônibus e à pé para apreender o local. • Identificar locais mais utilizados no cotidiano das crianças da pesquisa e de alguns moradores/as envolvidos em projetos sociais e culturais. 	Cidade Industrial de Curitiba (Sabará e Vila Nossa Senhora da Luz)
Andanças contínuas no bairro	<ul style="list-style-type: none"> • Apreender a percepção de moradoras/es e conversar com eles sobre o bairro. • Acompanhar eventos culturais e sociais no Sabará e Vila Nossa Senhora da Luz. • Frequentar reuniões, festividades e aulas como as de capoeira, viola, violão e mangá 	Cidade Industrial de Curitiba (Sabará e Vila Nossa Senhora da Luz)
Conversar e acompanhar crianças pelo bairro	<ul style="list-style-type: none"> • Conversar com as crianças sobre o bairro, o uso do tempo fora do horário escolar, instituições frequentadas, brincadeiras etc. • Caminhar pelo bairro com as crianças, nos locais de seu cotidiano (escola, casa de parentes, parquinho, projetos sociais, associações, entre outros) 	Cidade Industrial de Curitiba (Sabará e Vila Nossa Senhora da Luz)

Análise documental	<ul style="list-style-type: none"> Analisar informações e notícias em jornais e documentos antigos sobre a CIC. 	Casa da Memória de Curitiba
--------------------	--	-----------------------------

Fonte: a autora (2022).

A partir da produção e análise de todos estes dados, organizamos a tese da seguinte forma: além desta introdução, o texto conta com 5 capítulos. No primeiro, contextualizamos nosso campo de pesquisa. Na sequência, mais precisamente no segundo capítulo, nos dedicamos a explicar o conceito de rede de interdependência de Nobeit Elias, bem como apresentar o sistema reticular das crianças investigadas. A questão das práticas culturais é apresentada no terceiro capítulo. No quarto capítulo, apresentaremos as análises sobre a mobilidade das crianças, suas práticas culturais e o resultado dos momentos de conversas e produções realizadas. No quinto capítulo, descrevemos as redes de interdependência das crianças.

2 A FORMAÇÃO DE LUGARES ESTIGMATIZADOS NA CIDADE

As funções essenciais de uma cidade são a troca, a informação, a vida cultural e o poder (Le Goff, 1998).

Neste capítulo procuramos analisar mais detalhadamente alguns aspectos ligados à cidade, levando em consideração as especificidades e os marcos históricos de cada época. Discutiremos sobre os primeiros aglomerados históricos, as cidades medievais, as cidades de Londres e Paris no século XIX, a cidade brasileira e contemporânea.

2.1 O CENTRO GEOGRÁFICO DO MUNDO

Nos primeiros aglomerados de pessoas, em tempos remotos, tanto a percepção quanto a organização do mundo se davam a partir do eu, do “*self*” compreendido como o centro do mundo. Sobre isso Tuan (2012, p. 53) comenta: “o egocentrismo é uma fantasia que consegue sobreviver aos desafios da experiência diária” embora seja difícil de ser alcançado, pois as pessoas são codependentes biopsicosocialmente umas das outras. Já um certo egocentrismo coletivo - o etnocentrismo -, este sim, é mais passível de se desenvolver, afinal um grupo pode intitular-se autossuficiente.

Desta forma, entre os primeiros aglomerados de pessoas, um sentimento de independência pairava no ar, sendo o etnocentrismo uma “defesa contra as forças culturais homogeneizadoras” (2012, p. 54). Para o autor, essa perspectiva de superioridade permeou grande parte dos povos, se não todos, quando estes estavam isolados e não sabiam, inclusive, da existência uns dos outros. Na atualidade, por termos acesso ao conhecimento sobre o mundo, estamos convictos de que nos conceber de modo etnocêntrico é uma ilusão, mas no passado, sobretudo entre os povos não escriturários, a experiência sustentava essa crença. (Tuan, 2012)

Como exemplo desse etnocentrismo antigo, podemos lembrar dos *Ostiak*, um pequeno grupo de caçadores e pescadores da Sibéria Ocidental. Esses esquimós, que habitavam o Ártico, acreditavam que viviam no centro geográfico do mundo, se autoconsiderando o centro populacional e cultural. Os chineses também seguiram essa visão até o final do século XVIII, quando os europeus chegaram ao país

pressionando o Império chinês para o comércio. Até então a China considerava-se o centro do mundo, pois, por três mil anos ela se julgou superior às culturas e aos povos menores com os quais mantinha contato (Tuan, 2012).

Algo comum entre os primeiros aglomerados de pessoas é, portanto, a fissura entre os povos e, isso era representado por exemplo, a partir de desenhos que eles faziam de seus territórios, sendo o seu lugar de moradia, sempre, o centro de referência. Tuan (2012) explicita que nos primeiros mapas havia uma tendência de exagerar na representação do lugar em que moravam, ou seja, o desenho de onde se localizavam era bem maior do que o de regiões mais distantes.

Os preceitos do etnocentrismo não se limitam aos indivíduos e/ou pequenos agrupamentos; o país e/ou o planeta podem também ser considerados como o centro do universo. A maioria das concepções foi sendo superada no decorrer do tempo, mas ainda na Idade Média a terra era considerada como tendo uma posição central no universo (visão geocêntrica de mundo). Galileu Galilei, por exemplo, defendia a tese de Copérnico, ou seja, de que a terra não ficava no centro do Universo, mas orbitava em torno do sol. A igreja não aceitou essa teoria e obrigou Galileu a negar suas ideias publicamente.

Mas o etnocentrismo não se limitou aos povos da antiguidade; é possível notá-lo nos dias de hoje de maneira ressignificada. Diante da multiplicidade de cidades, algumas tentam se destacar em meio às outras, justamente a partir de uma certa superioridade. Como exemplo, tem-se as cidades que se autointitulam as mais “ecológicas”, as “mais limpas”, entre outros slogans, a fim de se destacar entre as demais. (Tuan, 2012). Curitiba tem traços dessa etnocentricidade, pois insistentemente recorre a títulos para sustentar seu status de destaque e superioridade em relação às demais cidades.

2.2 IDADE MÉDIA

Processualmente os pequenos aglomerados de pessoas descritos acima, transformaram-se, em algum momento da antiguidade, em certos casos, em cidades de mais de um milhão de habitantes e, em outro momento, se dispersaram em cidades menores e mais agrárias.

Sobre as mudanças e permanências entre as cidades, Le Goff (1988) analisa que, em termos de proximidade, as cidades contemporâneas são mais parecidas com

as da Idade Média do que estas com as da Antiguidade. Ou seja, as cidades da Idade Média já eram muito diferentes e inovadoras. Nesse sentido, o autor afirma que o grande marco da urbanização se deu no século X, sobretudo no século XI. O desenvolvimento urbano europeu aconteceu a partir de núcleos chefiados por uma figura religiosa ou por um senhor leigo, como por exemplo, o conde. Esses pequenos aglomerados de pessoas eram governados a partir de palácios episcopais ou de castelos.

Desses postos de comando constituem-se dois tipos de territórios: de um lado, a cidade propriamente dita, cingida em torno deles e entremeada de campos, e, de outro, os burgos da periferia. Desde o século XII, a evolução das cidades medievais consistiu na reunião, lenta e numa única instituição, do núcleo primitivo da cidade e de um ou dois burgos importantes. A cidade vai, portanto, lançar seu poder sobre certa extensão em volta, na qual exercerá direitos mediante coleta de taxas: é isso que se chamará de subúrbio [...] a unidade contemporânea entre cidade e seu subúrbio, tão interdependentes, data da Idade Média. (Le Goff, 1988, p.17)

A troca, na feira e no mercado, era algo recorrente na Idade Média, além de que proporcionava oportunidades. A cidade também agrupava profissionais e especialistas e, para que um cidadão não fosse considerado desocupado, era necessário obter um emprego junto a algum empregador que também locava a habitação para o trabalhador. O locador, que também era o patrão, aumentava gradativamente, e propositalmente, o preço do aluguel a ponto de a/o trabalhadora/or não conseguir pagar. A dívida da locação era descontada do salário do inquilino. Este processo, de aumento do aluguel e redução dos rendimentos das/os trabalhadoras/res, alongava-se até o momento em que se trabalhava apenas em troca de moradia. Nesta situação, as pessoas viam-se obrigadas a trabalhar paralelamente em outro emprego para garantir sua sobrevivência e, naquele momento histórico, trabalhar em mais de um emprego não era considerado sinônimo de clandestinidade, pois não havia regulamentações trabalhistas na época (Le Goff, 1988).

Ainda neste cenário de exploração de mão de obra, o problema era exponencialmente maior quando se faz uma análise de gênero, pois restava a muitas mulheres trabalharem somente para ter acesso à moradia (quase sempre indigna). Outras viam-se obrigadas a prostituir-se para garantir o sustento, sendo essa, para Le Goff, uma das partes mais tenebrosas da história. (Le Goff, 1988)

A mendicância e o roubo eram algumas das alternativas que restavam para muitas pessoas. Sem ser anacrônica e entendendo que as proporções e contextos

históricos são diferentes, ainda assim, é preciso pontuar que é indignante e estarrecedor pensar que alguém precisa se submeter a um ato infracional como alternativa para sua sobrevivência. Independente da época, das legislações e das especificidades de cada momento histórico, é revoltante pensar na falta de condições mínimas de subsistência.

Ao contrário do roubo, a mendicância não era condenável, mas sim louvável. Mendigar não era uma prática restrita às/aos pobres; a própria igreja no século XIII – sobretudo as novas ordens, como a franciscana e a dominicana – não só a praticava, mas também se intitulava mendicante. Burgueses e burguesas, por meio das esmolas, também se beneficiavam, pois eram incentivados a praticar a caridade para garantir sua salvação. Assim, o jogo era o de permitir, cada vez mais, a existência da pobreza na cidade. (Le Goff, 1998)

As ordens mendicantes tiveram grande poder na Idade Média, sobretudo na história das cidades medievais, “parecia essencial a essas ordens fazerem-se aceitas dando às populações o exemplo da pobreza e da humildade” (Le Goff, 1998, p. 18). Elas, naquele momento, extraem

[...] lições dos movimentos sociais que estão emergindo, nos quais as pessoas simples da cidade questionam a atitude dos poderosos e, em particular a dos senhores, os quais de seu campo, de suas fortalezas, continuam a dominar o espaço incluindo o espaço urbano.

Entretanto, também diante do início de movimentos urbanos questionadores das atitudes opressoras dos senhores feudais, as ordens pregavam o exemplo e a humildade no intuito de “acalmar os ânimos” e minimizar possíveis rebeliões.

Assim, as ordens chegavam timidamente nas cidades, apresentavam-se e aos poucos tornavam-se conhecidas. Naquele tempo, em geral, elas não possuíam prestígio ou poder, então estabeleciam-se no limite da cidade, fora dela, ou nos arredores das portas, onde o preço do terreno era mais acessível e menos prestigiado:

[...] os mendicantes, portanto, encontram-se modestamente instalados na periferia, perto da muralha, no interior, mas às vezes também no exterior, da cidade. Eles manifestam assim o caráter subordinado e pobre do subúrbio com relação à cidade e ao centro da cidade. (Le Goff, 1998, p. 19)

Em resumo, as ordens religiosas atuavam ao lado dos pobres na Idade Média, beneficiando a classe burguesa e contribuindo para acalmar possíveis tumultos populares. Essas instituições eram o exemplo de humildade, mas também contribuíram, de alguma forma, para abafar os tumultos populares.

Guardada as devidas proporções e contextos históricos, assim como as ordens agiam ao lado das/as necessitadas/os na Idade Média beneficiando a classe burguesa, na atualidade, as ONGs (Organizações não governamentais) desempenham um papel semelhante, auxiliando as/os menos favorecidas/os, mas também, privilegiando e colaborando com o setor privado. Este tema será abordado mais detalhadamente na seção 4.4.2 do capítulo 4 desta tese. Mas, é também válido destacar que durante o período pandêmico, as ONGs foram essenciais para os mais desfavorecidos (80% das famílias das favelas cariocas dependiam dessas organizações para se alimentar)²⁰. Nesta tese, portanto, não temos a intenção de questionar as ações das instituições e de seus/suas voluntárias/os dentro do contexto de pouca assistência por parte das autoridades governamentais, mas sim de refletir sobre o papel que essas instituições desempenham em relação ao Estado. Neste sentido,

[...] no Brasil, tende-se a justificar o desmonte daquela Seguridade Social configurada na Constituição de 88, constituída na articulação da Saúde, Previdência e Assistência. Com o 'terceiro setor' operando ideologicamente na 'necessidade' de 'compensar', substituir' ou 'remediar' as atividades sociais precarizadas ou eliminadas das responsabilidades do Estado, a população tende a melhor aceitar a sua desresponsabilização nas respostas às sequelas da 'questão social'. As *perdas* de direitos universais por serviços públicos de qualidade tendem a ser vistas como *ganhos* nas atividades desenvolvidas pelo conjunto das forças voluntárias, não governamentais, filantrópicas. Verdadeiras perdas de conquistas históricas, são convertidas, pela ação ideológica do 'terceiro setor', em 'nova conquista' de um tipo de atividade - supostamente - solidária. (Montaño, 2002, p. 6, *grifos do autor*)

Concordamos com a crítica de Montaño (2002) que é desfavorável ao repasse de investimentos públicos para instituições do terceiro setor, mesmo que essa transferência esteja prevista na legislação. É essencial que o Estado Brasileiro assuma suas responsabilidades sociais, intervenha e aporte recursos nas áreas

²⁰ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/03/18/mais-de-80percent-das-familias-que-vivem-em-favelas-dependem-de-doacao-para-se-alimentar-diz-levantamento.ghtml>

sociais para garantir os direitos fundamentais das pessoas em situação de vulnerabilidade.

2.3 PARIS E LONDRES NO SÉCULO XIX

Com o fim da Idade Média, os próximos séculos desenvolveram cidades europeias pequenas, próximas de castelos e espaços agrícolas. Mas, nos séculos XVIII e XIX o papel que algumas delas viriam a tomar, mudou radicalmente. Cidades como Londres e Paris, abrigavam, no século XIX, o ir e vir de uma multidão. O movimentar de centenas de pessoas por meio de ruelas e edifícios da cidade grande, compôs, naquele momento, a “representação estética da sociedade”. (Bresciani, 1994, p. 8)

Londres e Paris foram os berços da Revolução Industrial e do capitalismo e, neste período, as jornadas exaustivas de trabalho podiam chegar até 18 horas. Todas/os, homens, mulheres e crianças ocupavam postos de trabalho nas fábricas.

Londres, por exemplo, na metade do século XIX, abrigava dois milhões e meio de habitantes e a cidade não estava imune aos “vários perigos presentes na vida urbana” (Bresciani, 1994, p.10). As individualidades transformaram-se em multidão, não era mais um sujeito que transitava na cidade, mas sim um aglomerado de indivíduos que andavam pelas ruas em um fluxo intenso e/ou deslocavam-se por meio dos transportes coletivos. O grande problema naquele momento, eram as péssimas condições dos bairros proletários, que “coincidentalmente” eram tidos como bairros ruins da capital inglesa, tendo como característica as superlotações das moradias. Das 5 366 famílias residentes em um bairro em Londres, 3 970 moravam em habitações de um cômodo apenas. Bresciani descreve a cena:

Nas ruas a animação é intensa, um mercado de legumes e frutas de má qualidade se espalha. [...] O cheiro é nauseante. A cena torna-se mais espantosa no interior das moradias, nos pátios e nas ruelas transversais. [...] Nas casas até os porões são usados como lugar de morar e em toda parte acumulam-se detritos e água suja. [...] Nesse centro de Londres, numerosas ruelas de casas miseráveis entrecruzam-se com as ruas largas das grandes mansões e os belos parques públicos; essas ruelas lotadas de casas abrigam crianças doentias e mulheres andrajosas e semimortas de fome. (Bresciani, 1994, p. 25)

Já em Paris, a cidade “apresentava-se” com várias faces e movimentava-se de acordo com a luz natural, ao menos na metade do século XIX. Antes dos primeiros

feixes dos raios de sol, ao amanhecer, surgiam os principais sujeitos na cidade, as/os trabalhadores/as. Sonolentas/os e carregando seus materiais de trabalho, aos poucos iam compondo e movimentando as ruas da cidade, rumo a mais um exaustivo dia de trabalho. Ao entardecer se dirigiam para suas casas para descansar de mais um longo e exaustivo dia enquanto, os que dormiam de dia, chegavam para outros tipos de trabalho à noite. A cidade não parava.

Assim, as cidades europeias, de um perfil agrário, artesanal e comercial foram lentamente se transformando em um perfil industrial, o que mudou profundamente a sua configuração social e as relações entre pessoas e grupos.

2.4 A CIDADE E A INDUSTRIALIZAÇÃO

O processo de industrialização foi um dos principais motores das transformações na sociedade, além de ter sido um ponto de partida para a discussão sobre a “problemática urbana”. A industrialização caracterizou a sociedade moderna. (Lefebvre, 2001)

Como já mencionado no início deste capítulo, as cidades são anteriores à industrialização. Henri Lefebvre afirma que a cidade arcaica (grega e/ou romana) estava relacionada com a escravização, já a cidade medieval estava inserida na complexidade das relações feudais, em que grupos lutavam contra a feudalidade da terra. O autor ainda afirma que a cidade oriental e arcaica foi majoritariamente política. Já a cidade medieval também teve seu caráter político, mas ela foi essencialmente comercial, artesanal e bancária. É importante ressaltar que foi a cidade medieval que integrou os mercadores que até então eram praticamente nômades e viviam fora da cidade. É, portanto, quando se inicia o processo de industrialização que o capitalismo nasce.

Foi a partir do subproduto da agricultura que as cidades começaram a acumular riquezas, já que havia acúmulo e circulação do capital e o artesanato (atividade que era/é bem diferente da agricultura) também prosperava. No ápice do seu desenvolvimento, Lefebvre (2001) menciona que as cidades medievais centralizavam as riquezas, mas grande parte deste acúmulo era investido (de maneira improdutiva), por seus dirigentes, nas cidades que estavam sob seu domínio. Concomitantemente, o capitalismo bancário e comercial, tornava as riquezas móveis viabilizando a circulação do capital. Com o declínio da predominância agrícola, as

terras deixaram de pertencer aos senhores feudais e ficaram sob o domínio dos capitalistas urbanos, que são enriquecidos pelo banco, comércio e o acúmulo de riquezas.

A industrialização foi uma mudança radical que gerou enormes crises, inclusive a urbana. “A industrialização pressupõe a ruptura desse sistema urbano preexistente; ela implica a desestruturação das estruturas estabelecidas” (Lefebvre, 2001, p.14). E isso foi se dando de forma a que algumas indústrias nascentes foram se instalando fora das cidades e perto de recursos naturais (rios, florestas, minérios), de meios de transportes (vias fluviais, ferrovias e rodovias) ou de regiões que já tinham mão de obra (artesãos, camponeses, ferreiros, entre outros), surgindo assim pequenas regiões (como, por exemplo, vales têxteis). Mas estas sobreviviam a muito custo se comparadas com as cidades antigas que contavam com maior estrutura como os locais de troca (como os mercados, as feiras, os comércios), espaços de giro de capital (bancos), residência de líderes (econômicos e políticos) e o essencial, a abundante mão de obra (inclusive a reserva, caso faltasse a principal). A cidade antiga também propiciava a concentração como ferramentas e matéria-prima.

Como é característico do capitalismo, o sistema não “se deu por satisfeito” e houve implantação de indústrias também próximas aos centros urbanos, o que acelerou a produtividade. A indústria passou a produzir os seus próprios centros urbanos, cidades e aglomerações (de pequena, média e de grande porte). Sobre os impactos das indústrias nas cidades, Lefebvre afirma que

[...] onde preexistir uma rede de cidades antigas, a indústria a toma de assalto. Apodera-se da rede, remaneja-a segundo suas necessidades. Ela ataca também a Cidade (cada cidade), assalta-a, toma-a, assola-a. Tende a romper os antigos núcleos, apoderando-se destes. O que não impede a extensão do fenômeno urbano, cidades, e aglomerações, cidades operárias, subúrbios (com a anexação de favelas lá onde a industrialização não consegue ocupar e fixar a mão-de-obra disponível). (Lefebvre, 2001, p.16)

Apesar de serem conflitantes a industrialização e a urbanização são interdependentes, em certa medida, pois neste processo de industrialização não se produz apenas empresas (operários, chefes de empresas), mas também outros estabelecimentos, como instituições bancárias, econômicas, técnicas e políticas.

Em geral as cidades “são centros da vida social e política onde se acumulam não apenas as riquezas como também os conhecimentos, as técnicas e as obras (obras de arte, monumentos)” (Lefebvre 2001, p. 12) e, nesta mesma perspectiva, elas

tornam-se espaços de troca. Lefebvre considera que a própria cidade é uma obra que tem valor de uso. Mas, com a interferência da industrialização e a capitalização dos espaços, instaurou-se na cidade uma seleção entre os que têm condições econômicas para acessar os espaços, daqueles que não possuem. Neste processo de hierarquização as/os pobres era/são jogadas/os para as beiras, quase fora das cidades.

Nesta concepção de Lefebvre a cidade deixa de ser obra e torna-se produto, o uso da cidade e seu valor de uso passam a estar subordinados ao valor de troca e assim, não são todas/os que conseguirão acessar a cidade.

Sobre este tema, Lefebvre afirma que

[...] a cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso, contudo o valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma revalorização do uso (Lefebvre, 2001, p. 12).

As cidades (desde as pequenas aglomerações mencionadas no início desta seção até as grandes cidades da contemporaneidade) constituíram-se, a princípio, como uso, como obra, portanto, voltar a acessá-la nesta direção, é um direito.

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à *apropriação* (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade. (Lefebvre, 2001, p. 134, *grifos do autor*).

Cientes de que a cidade é um direito para todas/os, é importante questionar quem tem acesso a este direito e qual é o lugar destinado àquelas/es que têm seus direitos violados.

2.5 O INÍCIO DA (DES)URBANIZAÇÃO BRASILEIRA

Enquanto as cidades europeias acompanhavam a efervescência da Revolução Industrial (com todos os problemas sociais e danos causados às/aos trabalhadoras/es), o Brasil ainda mantinha um crime contra a humanidade, o horrível período sistêmico escravocrata brasileiro. O tráfico transatlântico de africanas/os manteve a produção açucareira brasileira que, de início, foi realizada por indígenas

escravizados. Em meados do século XVI as/os africanas/os passaram a ser desumanamente trazidas/os ao Brasil e escravizadas/os. Enquanto a coroa portuguesa sancionou leis que coíbiavam, em parte, a escravização dos indígenas (depois de dizimarem a maior parte de seu povo), os portugueses aperfeiçoaram o tráfico transatlântico de negras/os (Marquese, 2006).

Os números do tráfico bem o demonstram: entre 1576 e 1600, desembarcaram em portos brasileiros cerca de 40 mil africanos escravizados; no quarto de século seguinte (1601-1625), esse volume mais que triplicou, passando para cerca de 150 mil os africanos aportados como escravos na América portuguesa (Marquese, 2006, p.s. p.).

No século XVIII, muitos portugueses chegaram ao Brasil, devido à mineração. A quantidade de africanas/os escravizados trazidos pelo tráfico transatlântico já era grande (e o maior no Novo Mundo) e na primeira metade do período setecentista duplicou. Os números, que já eram estarrecedores, continuaram a subir, entre os anos de 1701 e 1720 mais 292 mil africanas/os escravizadas/os desembarcaram em portos brasileiros. Entre os anos de 1720 e 1741 houve um novo aumento de 312,4 mil indivíduos. Nas duas décadas seguintes, o tráfico atingiu seu ápice, os portugueses trouxeram ao Brasil 354 mil africanas/os. (Marquese, 2006). Desta forma, para compreender a urbanização no Brasil, é preciso considerar os mais de 380 anos que o país foi escravocrata, sendo que essas raízes reverberam nas desigualdades socioeconômicas até hoje. (Maricato, 2000). Em comparação com outras cidades latino-americanas, no período colonial, o Brasil já possuía cidades de grande porte e, no final do século XIX, 10% da população residia nas cidades, mas foi a partir da virada do século, entre o final do século XIX e o início do século XX, que o processo de urbanização se desenvolveu. (Maricato, 2000).

Ainda sobre o século XIX, não se pode deixar de lembrar desse nefasto processo colonizador. Após o longo processo de luta dos povos africanos pela sua “libertação” da condição de escravizados, isso ocorreu sem políticas governamentais reparadoras, sem integração à vida comunitária e, no que diz respeito à questão territorial, houve seu afastamento de espaços valorizados. Estes foram então empurrados para territórios cada vez mais distantes ou sem nenhuma infraestrutura, enquanto imigrantes brancos europeus desembarcavam, como trabalhadores que iriam “branquear” o país e participar do seu “desenvolvimento”. Para eles, o acesso à terra e à moradia foi sempre mais favorável do que para os cidadãos agora “libertos”.

Quanto aos indígenas – os que sobraram –, estes foram perdendo cada vez mais territórios, precisando adentrar ainda mais nas florestas que restaram, lutando pela demarcação de suas terras (assim como as/os negras/os moradoras/es de quilombos), para não perderem a pouca terra que lhes sobrava e, também, para não perder a vida. Já no século XX, o Brasil vivenciou um intenso processo de urbanização, assim como em outros países da América Latina. No ano de 1940, a população urbana brasileira correspondia a 26,3%, e em 2000 o número subiu para 81%. Essa discrepância é numericamente muito maior, pois em 1941 o número da população urbana era de 18,8 milhões, enquanto em 2000 havia cerca de 138 milhões de pessoas. Ou seja, em um intervalo de 60 anos, ampliou-se os assentamentos urbanos que abrigavam mais de 125 milhões de pessoas. O aumento total nas cidades brasileiras foi de 22.718.968 de indivíduos. Ermínia Maricato (2000) menciona que houve um grande processo de construção urbana para que toda essa população fosse instalada, assim como organização de infraestruturas (realizadas por vias formais ou não) para atender necessidades como trabalho, abastecimento, transportes, saúde, energia, água, entre outras.

As reformas urbanas, realizadas em diversas cidades brasileiras entre o final do século XIX e início do século XX, lançaram as bases de um urbanismo moderno 'à moda' da periferia. Eram feitas obras de saneamento básico e embelezamento paisagístico, implantavam-se as bases legais para um mercado imobiliário de corte capitalista, ao mesmo tempo em que a população excluída deste processo era expulsa para os morros e as franjas da cidade. Manaus, Porto Alegre, Curitiba, Santos, Recife, São Paulo e especialmente o Rio de Janeiro são cidades que passaram, nesse período, por mudanças que conjugaram saneamento ambiental, embelezamento e segregação territorial. (Maricato, 2000, p. 22)

Até o ano de 1930, a centralidade da economia brasileira estava no setor agrário. Maricato explicita que neste momento houve a revolução burguesa, ou seja, o Estado investiu em infraestrutura para o desenvolvimento industrial como meio de substituir as importações. De 1930 ao fim da Segunda Guerra Mundial, a industrialização se firmou no país e abriu caminhos para o fortalecimento do mercado interno. No ano de 1950, o processo de industrialização avançou mais uma etapa, passando à fabricação de bens duráveis e de produção, como eletrodomésticos e bens eletrônicos.

Da ocupação do solo urbano até o interior da moradia, a transformação foi profunda, o que não significa que tenha sido homoganeamente moderna. Ao contrário, os bens modernos passam a integrar um cenário em que a pré-modernidade sempre foi muito marcante, especialmente na moradia ou no padrão de urbanização dos bairros da periferia (Maricato, 2000, p. 22)

No intervalo entre 1940 e 1980 o PIB brasileiro cresceu mais de 7% ao ano, um dos maiores do mundo naquele período. Mas foi com o Banco Nacional da Habitação (BNH), interligado ao Sistema Financeiro da Habitação (SFH), ambos criados no período da ditadura, que a iniciativa privada ganhou força, fundamentada nos edifícios de apartamentos. Foi a partir da década 1940 que o apartamento se evidenciou como a principal moradia da classe média, mais precisamente em Copacabana, no Rio de Janeiro. O financiamento imobiliário consolidou-se por meio de uma explosão imobiliária, mas, infelizmente, não garantiu a democratização do acesso à moradia. Pelo contrário, aumentou a desigualdade, uma vez que obras financiadas com recursos públicos dos estados e municípios beneficiaram iniciativas privadas, como o mercado imobiliário. (Maricato, 2000)

Mas é com a implementação do SFH [...], em 1964, que o mercado de promoção imobiliária privada, baseado no edifício de apartamentos, consolida-se por meio de uma explosão imobiliária. [...] Infelizmente o financiamento imobiliário não impulsionou a democratização do acesso à terra por meio da instituição da função social da propriedade. [...] O mercado não se abriu para a maior parte da população que buscava moradias nas cidades. Ele deu absoluta prioridade às classes médias e altas. (Maricato, 2000, p. 23).

Este sistema foi responsável por criar uma “nova” classe média urbana e manter grande parte da população sem acesso a direitos básicos, como moradia, saneamento e legislação trabalhista. Nas décadas seguintes, 1980 e 1990, houve uma recessão, momento em que o crescimento das taxas demográficas foi maior em relação ao crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Maricato afirma que na década de 1980 o PIB *per capita* foi negativo, o que gerou desdobramentos no âmbito social e ambiental, ampliando a desigualdade social e a concentração da pobreza urbana.

Pela primeira vez em sua história, o Brasil tem multidões concentradas em vastas regiões – morros, alagados, várzeas ou mesmo planícies – marcadas pela pobreza homogênea. Nos anos 80 a sociedade brasileira conheceu também, pela primeira vez, um fenômeno que ficaria conhecido como violência urbana: o início de uma escalada de crescimento do número de homicídios, sem precedentes na história do país.

As décadas perdidas não são as únicas a registrar as origens do que podemos chamar de tragédia urbana brasileira – enchentes, desmoronamentos, poluição dos recursos hídricos, poluição do ar, impermeabilização da superfície do solo, desmatamento, congestionamento habitacional, retorno de epidemias, violência, etc. O crescimento urbano sempre se deu com exclusão social, desde a emergência do trabalhador livre na sociedade brasileira, quando as cidades passam a ganhar nova dimensão e tem início o problema da habitação. (Maricato, 2000, p. 23).

Maricato (2000) é categórica ao afirmar que as tragédias da urbanização brasileira não são de responsabilidades exclusivamente do que a autora denomina como “décadas perdidas” (1980 e 1990), mas são reflexo do processo de constituição da nação brasileira ao longo dos cinco séculos, sobretudo da privatização da terra e da escravização.

2.6 TERRITÓRIO: UM CAMPO DE DISPUTAS

As seções anteriores, independente do momento histórico, apontaram para disputas e tensões no território, que foram atravessadas por diversas dimensões. Para Rogério Haesbaert (2007) o termo território surge com uma dupla conotação, etimologicamente há uma proximidade tanto de *terra – territorium*, quanto de *térreo – territor* (terror, aterrorizar), ou seja, o termo está diretamente relacionado com a questão da dominação e do poder (jurídico-política) somado a inspiração do terror e do medo daquelas/es que cotidianamente estão prestes a perdê-la e/ou são impedidos de acessá-lo. Mas, também, “para aqueles que têm o privilégio de plenamente usufruí-lo, o território pode inspirar a identificação (positiva) e efetiva ‘apropriação’”. (Haesbaert, p.20, 2007). Haesbaert ainda explicita que

[...] o território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação. (Haesbaert, p. 20, 2007)

Há duas dimensões do território que estão interligadas: a funcional e a simbólica. A função do território está relacionada com os “recursos naturais” (matéria-prima), cuja importância pode modificar-se de acordo com o modelo de sociedade, como, por exemplo, a supervalorização do petróleo na atualidade. Ainda que de maneira desproporcional, o território funcional contribui, em certa medida, para a construção de significados. A relação entre o território funcional e o simbólico não é

necessariamente párea, mas ela sempre existe, ainda que de forma desequilibrada. (Haesbaert, 2007)

Nessa inter-relação entre o território simbólico e o funcional, Milton Santos e demais geógrafas/os (2000), propuseram considerar o território como *território usado*. Este é resultado de um processo de base material e social de novas ações humanas. O espaço usado é constituído pela sua integralidade (totalidade), abrangendo todos os indivíduos, independentemente de suas singularidades; o espaço de todas as instituições, independente do seu tamanho; espaço de todas as empresas, não importando a sua influência e/ou poder.

O território usado constitui-se como um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares e conflitantes. Daí o vigor do conceito, convidando a pensar processualmente as relações estabelecidas entre o lugar, a formação socioespacial e o mundo. (Santos *et al.*, 2000, p.12, grifos do autor).

O geógrafo também menciona a presença de dois atores, os hegemônicos e os hegemonzados. Enquanto para o primeiro grupo, o território usado é um recurso que garante a realização de seus interesses e os ajuda a permanecer no poder, para o segundo (os hegemonzados), o território é abrigo que se altera constantemente e se move exigindo que os hegemonzados se adaptem ao meio geográfico local e (re)criem estratégias como meio de sobrevivência nos lugares. (Santos *et al.*, p. 2000)

Neste processo de apropriação e dominação, o território e a territorialização devem ser analisados sob uma perspectiva múltipla, ou seja, os diversos níveis de poder devem ser considerados, bem como todos os sujeitos envolvidos. Haesbaert (2007) afirma que, neste contexto, é preciso distinguir e identificar aqueles que constroem o território (sejam eles indivíduos, grupos sociais e/ou culturais, Estados, empresas, e/ou instituições religiosas) e averiguar os objetivos do controle social, por meio da territorialização, que pode variar de acordo com a sociedade, cultura, gênero, pertencimento étnico-racial, entre outras categorias.

Neste contexto de análise da apropriação e dominação dos territórios, é essencial explorar como a revisão sistemática dos trabalhos acadêmicos tem abordado a questão das crianças nas cidades e periferias, investigando as diversas formas de territorialização e suas implicações sociais.

2.7 CRIANÇAS, CIDADE E PERIFERIA NOS TRABALHOS ACADÊMICOS: REVISÃO SISTEMÁTICA

Nos capítulos anteriores, discutimos a história das cidades e suas transformações ao longo do tempo. No entanto, essa abordagem não nos permite compreender como as crianças, enquanto atores sociais, viveram e experienciaram suas vidas nesses diversos contextos urbanos. Para preencher essa lacuna, é essencial explorar o que as pesquisas acadêmicas têm estudado sobre a relação entre crianças e cidade.

O objetivo desta seção foi realizar uma revisão sistemática dos trabalhos acadêmicos que investigaram a presença e a experiência das crianças nas cidades, com um foco especial nas periferias. Essa análise é crucial para entender como diferentes processos de apropriação e dominação dos territórios urbanos impactam as vidas das crianças.

Ao analisar a literatura existente, buscamos destacar a importância de considerar as crianças nas discussões sobre urbanização e territorialização. Entender como elas interagem com seus ambientes urbanos, como são afetadas pelas dinâmicas sociais e espaciais das cidades, e quais são suas necessidades específicas, é fundamental para a construção de cidades mais inclusivas e igualitárias. Assim, esta seção contribuirá para ampliar o entendimento sobre a infância nas cidades, fornecendo subsídios para políticas públicas e práticas urbanas que considerem o bem-estar e os direitos das crianças.

Nesta revisão sistemática procuramos pesquisas realizadas na pós-graduação *stricto sensu* (Banco de teses e dissertações), no período de 2010 a 2019 que tratassem do tema da cultura, infância e periferia urbana²¹. Antes de realizarmos a busca no banco da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), selecionamos os descritores (os descritores estão na Tabela 1 no anexo desta tese) a partir de termos utilizados pelo Thesaurus Brasileiro da Educação (Thesaurus Brased).

A escolha desses descritores tem relação direta com o objeto desta tese, que procura relacionar, como já mencionado anteriormente, infância, cultura e periferia

²¹ O número de trabalhos é resultado de uma pesquisa feita em 20 de agosto de 2020 no banco de teses e dissertações da CAPES.

urbana em um bairro proletário de Curitiba. Foi a partir disso que procuramos selecionar, portanto, as palavras-chaves. Na sequência criamos combinações, com operadores booleanos ²² e estabelecemos um total de dezessete descritores ²³. Então, partimos para a busca avançada no banco de teses e dissertações da CAPES.

No processo de busca foi feita uma primeira seleção a partir dos títulos e, os que geraram dúvidas, foram selecionados para a próxima fase. Na segunda parte desse processo lemos todos os resumos dos trabalhos selecionados, para separar aqueles que não nos interessavam, dos que, de fato, teriam importantes contribuições.

É importante destacar que o operador booleano nos auxiliou na exclusão, em parte, dos trabalhos que tinham em seus títulos nomes de cidades, estados e/ou bairros, indicando apenas o local em que a pesquisa foi realizada, mas que não tratavam de questões que se aproximavam da nossa pesquisa (como, por exemplo, o trabalho “Ensino de Ciências: Diálogo na Educação Infantil e a aprendizagem da criança surda na cidade de Parintins/AM” que foge da nossa temática e que foi puxada pelo sistema por conter o termo cidade).

Ao todo foram 971 estudos. O resultado desta combinação está representado na Tabela 1, em anexo, que também traz o quantitativo por descritor e indica a quantidade de selecionados ou descartados. Para os trabalhos descartados criamos 13 categorias. O objetivo foi identificar a predominância dos trabalhos rejeitados (Anexo 2), por exemplo, a área da saúde/psicologia agrupou 10,8% (as taxas percentuais das demais categorias encontram-se no Anexo2). Lembrando que os trabalhos descartados em nada se assemelhavam ao nosso tema de pesquisa, apesar das nomenclaturas dos agrupamentos aparentarem ser consonantes com a nossa área e intenção de pesquisa, verificamos que elas não nos ajudaram.

As categorias criadas para os trabalhos rejeitados, foram as seguintes: ²⁴ Historiografia, Violação de direitos infantis, direito/política pública para crianças, outras

²² Os operadores booleanos utilizados: “and”, “or” e “not”. Eles serviram para restringir ou ampliar as buscas e obter uma pesquisa mais precisa. (PUC-RIO, 2009)

²³ A escolha por um número grande de descritores, 17 ao todo, foi feita para termos uma abrangência maior de trabalhos e minimizar o descarte de pesquisas relevantes. Ainda assim nossa revisão sistemática não esteve imune ao processo de escolha e provavelmente descartou trabalhos importantes, pois podem ter registrado palavras chaves diferentes dos descritores escolhidos por nós.

²⁴ Na categoria Historiografia reunimos todos os trabalhos que se debruçaram a estudar questões datadas e/ou com recortes históricos específicos, sejam eles da educação ou não; como o próprio nome sugere na categoria Violação de direitos infantis agrupou-se pesquisas que trataram das violações dos direitos das crianças e adolescentes. A categoria “escolas/instituições

faixas etárias (que não a trabalhada nesta tese), escolas/instituições de educação, saúde/psicologia, outros, mídia, consumo infantil, grupos minoritários), sociedade e família, trabalhos repetidos e de arquitetura/urbanismo. Esta última categoria agrupou trabalhos que permeavam a área da Arquitetura e Urbanismo, mas que seu cerne não contribuiu com a nossa intenção de pesquisa, é o caso, por exemplo, da pesquisa “Representação e Pedagogia nos embates por um projeto urbanístico: a revitalização do Cais Mauá de Porto Alegre” que se debruçou sobre o discurso e as representações em um projeto de revitalização para uma proposta de intervenção urbana na cidade de Porto Alegre.

Neste processo também identificamos algo curioso em relação ao descritor “criança periférica”, pois localizamos 38 trabalhos sobre saúde. Neste descritor (“criança periférica”) 56% dos trabalhos localizados pesquisaram questões neurológicas de crianças. O termo “periférica”, na área da saúde, remeteu à região periférica do cérebro de crianças e não locais periféricos da cidade, como procurávamos.

Apesar dos descritores referirem-se às crianças e/ou infância, localizamos muitos trabalhos, 59 (6,4%) no total, que tinham como sujeitos outras faixas etárias. Isso indica uma pretensão por sujeitos maiores em trabalhos que tinham por cerne cultura na periferia. Outra questão também identificada foi o grande volume de trabalhos que precisaram ser encaixados na categoria “outros” (31,2%) por não pertencerem à área da Educação (ou áreas próximas como sociologia, antropologia, geografia entre outras), tampouco se aproximaram de nossa temática de pesquisa.

Ao todo lemos 61 resumos de trabalhos selecionados. Esta foi a última etapa do filtro, o que resultou em apenas oito pesquisas escolhidas para lermos de forma completa, pois tinham relação com nossa pesquisa.

Das oito pesquisas, uma era tese e as outras sete eram dissertações. As autorias foram predominantemente femininas, sendo seis mulheres e dois homens. Há uma disparidade em relação à regionalização dos trabalhos, pois três são da região Sul, dois são do Nordeste, dois são do Sudeste, um pertence ao Centro-Oeste, mas nenhum dos trabalhos eram nortistas.

de educação” agrupam todas as pesquisas que foram desenvolvidas dentro de espaços escolares e que estavam diretamente relacionadas com o fazer pedagógico. Criamos a categoria “outras faixas etárias” para reunir trabalhos que não estavam relacionadas com a infância e que não foram pesquisadas outras áreas correlatas de nossa pesquisa.

Com exceção do trabalho desenvolvido no município de São Cristóvão – localizado na região metropolitana da capital do estado de Sergipe, Aracajú – todos os demais trabalhos foram desenvolvidos em capitais indicando uma ausência de investigações em cidades menores. É importante ressaltar que as três pesquisas da região sul foram realizadas na cidade de Curitiba em instituições de ensino localizadas na capital paranaense. Do total de oito pesquisas, apenas uma foi realizada em instituição privada (na Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR), as demais foram realizadas em universidades públicas.

A discrepância de gênero, identificada na autoria das pesquisas, não foi constatada nas bancas avaliativas, pois 10 eram homens e 13 mulheres (contando com o/a presidente da banca). Dos 23 integrantes das bancas, dois são estrangeiros, sendo um português e outro espanhol, os/as demais são brasileiros/as. As composições das bancas foram únicas, ou seja, não houve repetição de nenhum membro como indica o Quadro 1.

O predomínio do ano de defesa das investigações foi 2017, com três trabalhos, as outras cinco pesquisas foram defendidas uma em cada ano de 2010 a 2018, como indica o quadro a seguir. As áreas e os Programas de Pós- Graduação (PPG's) em que as pesquisas foram desenvolvidas foram diversas, apesar de serem predominantemente de humanas, dos oito trabalhos três foram desenvolvidos no campo da Educação. Chamou-nos a atenção o trabalho do PPG Ciências da Reabilitação da área da Saúde, por ter sido incomum, em nosso levantamento bibliográfico, esta área abranger temáticas que permeiam a infância no território.

QUADRO 2 — SÍNTESE DE DADOS TÉCNICOS DAS PESQUISAS

Trabalho	Programa de Pós-Graduação	Instituição	Banca	Ano
Lazer na infância: possibilidades e limites para vivência do lazer em espaços públicos na Periferia de Curitiba/Paraná	Educação Física	UFPR	Simone Rechia – UFPR (presidenta da banca) Fernando Marinho Mezzadri – UFPR Marco Paulo Stigger – UFRGS Sílvia Franco do Amaral – UERG Cristina Carta Cardoso de Medeiros – UFPR Sandra Maria Galheigo – USP (presidenta da banca) Não informado	2010
Retratos, relatos e impressões de crianças moradoras da periferia de São Paulo por meio do fotovoz	Ciências da Reabilitação	USP	Letícia Peret Antunes Hardt - PUC/PR (presidenta da banca) Não informado	2015
Paisagem socializada: relações entre qualidade de espaços livres públicos e sua apropriação por crianças e adolescentes em áreas periféricas da grande Curitiba, Paraná	Gestão Urbana	PUCPR	Daniela Barros da Silva Freire Andrade – UFMT (presidenta da banca) Luciane Cleonice Durante – UFMT Zoia Ribeiro Prestes – UFMT Dr. Jader Janer Moreira Lopes – UFF Dra. Ester dos Santos Ferreira – UFMT	2014
Representações sócio espaciais da cidade de Cuiabá segundo crianças	Educação	UFMT	Vania Carvalho de Araújo - UFES (presidenta da banca) Cláudia Maria Mendes Gontijo – UFES Gerda Margit Schütz Foerste – UFES Nelson Figueiredo de Andrade Filho – UFES Levindo Diniz Carvalho – UFMG Manuel Jacinto Sarmento Pereira – Uminho	2017
Entre subidas e descidas: as culturas da infância pelas ladeiras da região da vila Rubim	Educação	UFES	Frank Nilton Marcon – UFS (presidente) Co-Orientador: Dr. Lorenzo Bordonaro (UFS) Não Informado	2017
Ocupação Santa Maria: conflitos, infâncias e brincadeiras	Antropologia	UFS		

Infância, políticas de educação integral/ integrada e a Constituição de territórios educativos: Um estudo no bairro Uberaba em Curitiba	Educação	UFPR	Valéria Milena Rohrich Ferreira (UFPR) presidenta	2016
			Cristiane Regina Arns de Oliveira (sem instituição)	
A (re)ocupação das áreas públicas sob a ótica dos movimentos sociais Contemporâneos – o caso da cidade da esperança, natal/RN	Estudos Urbanos e Regionais	UFRN	Ângela Maria Scalabrin Coutinho (UFPR)	2018
			Tais Moura Tavares (UFPR)	
			Angela Lúcia Araújo Ferreira (presidenta da banca) (UFRN)	
			Giovana Paiva de Oliveira (UFRN)	
			Joana Tereza Vaz de Moura (UFRN)	
Júnia Maria Ferrari de Lima UFMG				

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES / Elaboração: a autora (2022)

Todos os oito trabalhos são de cunho qualitativo. Apesar da semelhança metodológica adotada pelos/as pesquisadores/as, identificamos que o termo “etnografia” foi utilizado em apenas três trabalhos, sendo um da Antropologia, um da Arquitetura e Urbanismo e o outro da Educação. Ao que parece, pode haver um receio no uso do termo “etnografia” por outras áreas que não sejam a antropologia, o desdobramento de tal apreensão manifestou-se na ausência da própria terminologia, ainda que a descrição do processo estivesse presente em alguns trabalhos.

Seis trabalhos tinham como principais sujeitos crianças, um teve os jovens como público-alvo²⁵, outra pesquisa foi mais abrangente e contemplou crianças e adolescentes. Dos seis trabalhos que tematizaram as infâncias, dois não contaram com a perspectiva das crianças, destas, as duas se propuseram a investigar o uso de parques, sendo que uma escutou as lideranças, mas não as crianças. Em síntese estes dois trabalhos se propuseram a investigar *para* as crianças, e não *com* as crianças como os outros seis trabalhos.

O trabalho que se propôs a analisar os espaços de um bairro periférico sob a perspectiva cultural contou com a escuta dos jovens em relação ao histórico do bairro e às atividades culturais desenvolvidas apesar do pouco incentivo das instâncias governamentais.

Os/As pesquisadores/as foram perspicazes com as escolhas dos instrumentos metodológicos para contemplar a perspectiva das crianças, pois os quatro trabalhos (que contaram com a contribuição das crianças) utilizaram os seguintes caminhos: conversas, fotografias, andanças pelo bairro e desenhos realizados pelas crianças. Dois trabalhos utilizaram fotografias tiradas pelas próprias crianças, sendo que um deles promoveu uma exposição para as produções. Somente em duas investigações as pesquisadoras circularam pelo espaço junto com as crianças, os outros trabalhos não tiveram a mesma proposta.

Dois dos oito trabalhos concluíram que as praças são espaços de disputas. Cachorros, lixo acumulado, usuários de drogas, idosos, adultos e adolescentes são “barreiras”, citadas pelos/as autores/as, que foram dribladas pelas crianças para que usufríssem das praças. Essas duas pesquisas também concluíram que a escola

²⁵ Conforme indica a tabela 1, em Anexo, somente uma palavra-chave não teve “infância” em sua composição, mesmo assim trabalhos de outras faixas etárias, como adolescentes, bebês e jovens foram selecionados pelo sistema. Este foi o único trabalho que contemplou os jovens, e foi selecionado devido a aproximação temática.

é um importante referencial para proporcionar e lazer e passeios/visitas para conhecer diversos territórios da cidade.

Três trabalhos concluíram que as praças também são lugares de encontros inter e intrageracionais. O trabalho que se propôs a avaliar a qualidade dos espaços públicos de lazer na Cidade Industrial de Curitiba averiguou que o uso das praças é diferente de acordo com a faixa etária, ou seja, enquanto os adultos usam para se exercitar, as crianças usam para brincar – e por vezes de maneira individualizada –, e os adolescentes utilizam como espaços de encontros. Este mesmo trabalho também quantificou a frequência por gênero nas praças e concluiu que 65% dos frequentadores eram homens e 35% eram mulheres. Dois trabalhos indicaram que praças, equipamentos públicos e espaços preservados, (e com constante manutenção), são mais frequentados, um exemplo é a rua de um dos espaços pesquisados que, quando foi asfaltada, começou a ser utilizada para se andar de carrinho rolimã.

As ruas e os demais espaços foram lugares de apropriação pelas crianças, este quesito foi comentado por três pesquisas. Um destes três trabalhos mencionou a relação entre “afetividade-crianças” pelos lugares na cidade e de como as crianças se guiavam por meio da estética (da concepção bonito-feio, novo-velho etc.). Outra pesquisa, deste grupo, constatou a inventividade de uma criança que, em meio à pobreza, catalisava oportunidades e ressignificava os espaços para ser criança. Dos oito trabalhos, cinco mencionaram a ressignificação e a apropriação dos espaços pelas crianças.

A criticidade das crianças também foi um aspecto notado por todas/os as/os pesquisadoras/es que consideraram a perspectiva das crianças, afinal elas apontaram problemas sociais, ausência de infraestrutura nos espaços públicos e violência, demonstrando que estavam a par dos problemas em que viviam.

Um dos trabalhos, por exemplo, que discute as dificuldades das questões de moradia vivenciada pelas crianças de uma ocupação, analisou que elas são diretamente prejudicadas pela constante rotatividade de vizinhos, além de terem que conviver com o medo das ameaças de despejo, da área ocupada. Para além dessa pesquisa sobre ocupação, em outras duas investigações, o medo foi algo que assombrou as crianças. No trabalho sobre saúde, foi identificado que as crianças eram coagidas pelos adultos por meio de boatos, na tentativa de impedir que as crianças frequentassem determinados lugares “mal-assombrados” (proibidos).

Nesta mesma pesquisa foi falado para uma das crianças que temesse os policiais, pois nem sempre eles eram bonzinhos. A pesquisadora também constatou que os adultos utilizam a medicalização para gerir problemas sociais das crianças. Ainda sobre essas três pesquisas, elas também evidenciaram o medo das crianças da violência urbana.

Em relação à fundamentação teórica, a grande maioria dos trabalhos mencionou autores do campo da Sociologia da Infância, com exceção da pesquisa que se propôs a estudar a juventude. A seguir apresentamos, por divisão temática, os principais autores/as utilizados nas pesquisas.

QUADRO 3 — PRINCIPAIS REFERENCIAIS DOS TRABALHOS

Território	Estudos da Infância
Lefebvre Tuan Santos Jacob Rechia Haesbaert Galdeira Forman Paviani Sennet Rolnik Saquet Raffestin Harvey Maricato Lanski Araújo Mueller Mayumi	Benjamin Horn Brougère Florestan Fernandes Natália Fernandes Sarmiento Prout Qvortrup Hillesheim Moruzzi Christensen Corsaro James Jenk Prout Christen Cohn Ariès Rizzini Mollo-Bouvier Abramovitz

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações –CAPES / Elaboração: a autora (2022).

3 A CIDADE INDUSTRIAL DE CURITIBA: UM BAIRRO ANTIGO DA CAPITAL PARANAENSE

Quando decidimos que a CIC seria o bairro a ser pesquisado iniciei a busca de informações pelos sites de busca e foi assim que conheci a Vila Nossa Senhora da Luz e as muitas imagens dos seus inconfundíveis telhados. No dia 4 de junho de 2018 resolvi caminhar pelo campo de pesquisa para me ambientar e, apesar de ter morado no sul de Curitiba, não conhecia a região, por isso decidi iniciar minhas *andanças* no entorno do terminal de ônibus da CIC, iniciando na região à cima do terminal. Notei que os terrenos eram amplos, havia calçada, as ruas eram largas e bem pavimentadas. As casas de alvenaria eram bem cuidadas, preservadas, assim como os jardins. Grande parte das residências não apresentavam sinais/marcas de deterioração pelo tempo. Não havia sinais de depredação. As quadras eram longas, mas havia travessas que interligavam uma rua à outra. Naquele momento eu não sabia, mas estava caminhando pelo Conjunto Oswaldo Cruz 1, a “prima rica” da Vila Nossa Senhora da Luz (Fernandes, 2006), de acordo com reportagem do jornal Gazeta do Povo.

Minha intenção era *entrar* na Vila e enfim conhecer as casas tão famosas pela estrutura peculiar do telhado, conhecidas por seus telhados no formato de ‘V’ invertido, mas até aquele momento não havia localizado nada parecido. Resolvi entrar em um *mercadinho* e perguntar como eu poderia chegar à Vila, a moça me informou que a Vila *era muito longe* para ir andando e indicou o ônibus que eu deveria pegar. Retornei ao terminal e peguei o ônibus indicado²⁶ e, em poucos minutos, depois de ter saído do terminal, percebi que o ônibus entrou em uma região de ruas apertadíssimas (a impressão era de que o ônibus não passaria pelas ruelas). As calçadas eram muito estreitas e não comportavam duas pessoas caminhando lado a lado²⁷. De repente, avisto uma casa com o telhado em ‘V’ invertido, enfim estava

²⁶ Na realidade eu só precisava atravessar uma avenida principal para chegar no conjunto habitacional, mas como era a minha primeira vez ali, eu não sabia desse caminho. Outra questão está em relação à nomenclatura, pois os moradores da CIC a conhecem por Vila, como usei o nome oficial (e completo) pode ter ocorrido um equívoco.

²⁷ A impressão de que era impossível caminhar duas pessoas, lado a lado, na estreita calçada da Vila, foi constada no dia 25 de outubro de 2019. Neste dia fui a Vila juntamente com Ester para conhecer a Escola Municipal Nossa Senhora da Luz. Ester era uma colega em uma disciplina que cursamos juntas, ela também foi pedagoga no Núcleo de Educação da Rede

na Vila Nossa Senhora da Luz. Enquanto o ônibus perpassava o local, notei que não havia tantas casas com a estrutura original, tive a impressão de que grande parte delas foi alterada/reformada.

E de fato foi! De acordo com uma reportagem do jornal Gazeta do Povo (2006) modificar as casas era “um atestado de que os tempos de penúria passaram [...], reformar o ‘predinho” (Fernandes, 2006, s. p.), ainda que com pequenos reparos, sinalizava o fim das prestações do financiamento, o que deixava o orçamento familiar um pouco mais *tranquilo*, possibilitando as reformas. Esta mesma reportagem ainda afirma que essa prática tornou as construções originais em raridades que *guardam* lembranças de tempos ruins, mas também de momentos bons e saudosos.

É preciso mencionar que um dos maiores mitos disseminados pelos/as saudosistas e orgulhosas/os moradoras/es, ainda nos dias de hoje, é que a Vila foi o primeiro Conjunto Habitacional do Brasil²⁸. A verdade é que o primeiro conjunto habitacional construído no país, em *ipsis litteris*, foi a Vila Kennedy, em 1963, na cidade do Rio de Janeiro, seguida pela Cidade de Deus, também na mesma cidade. (Fernandes, 2006)

Antes de projetar a Vila Nossa Senhora da Luz o arquiteto e engenheiro tcheco, Alfred Willer, visitou os dois empreendimentos cariocas e assustou-se com a padronização dos conjuntos. Apesar das críticas de Alfred Willer e de algumas diferenças no projeto, comparado com as vilas Kennedy e Cidade de Deus, a reportagem intitulada “O bairro diferente das casas iguais” do jornal Gazeta do Povo mencionou que “a vila não deixou de seguir o destino dos demais agrupamentos, paupérrimas/os, superpovoados e largados à própria sorte” (Fernandes, 2006)²⁹

Apesar da intenção de Alfred Willer de planejar algo inovador, o arquiteto, na verdade, reproduziu a mesmice dos conjuntos habitacionais, localizados bem longe dos centros das cidades e, no caso da Vila, foi construída na região periférica de Curitiba onde não havia qualquer infraestrutura. Sua inauguração precedeu a construção do bairro CIC.

Municipal de Curitiba na CIC, por isso me acompanhou, gentilmente, na visita, juntamente com a Diretora da Escola.

²⁸ Curitiba é uma cidade que gosta de enaltecer-se com esses “títulos”: como cidade ecológica, cidade modelo etc.

²⁹ BAIRRO diferente das casas iguais. Gazeta do Povo, Curitiba, 5 nov. 2006.

3.1 A VILA DIFERENTE DE CASAS IGUAIS

A partir de meados da década de 1960 Curitiba foi marcada por profundas mudanças em sua urbanização. No dia 10 de agosto de 1966 aprovou-se a Lei nº2828 que instituiu o Plano Diretor de Curitiba e as Diretrizes Básicas, para controle do desenvolvimento integrado do Município. De acordo com o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano (IPPUC), as principais transformações estavam relacionadas a questões econômicas, físicas, culturais e sociais (IPPUC, 2021).

Tinha-se por princípio proporcionar mudanças estruturais e adotar um modelo linear de expansão urbana para que a cidade crescesse de maneira "ordenada e estruturada". (ver críticas à esse momento histórico em Souza, 2001)³⁰. O Plano Diretor de Curitiba foi efetivado a partir do ano de 1970, na gestão do ex-diretor do IPPUC, o prefeito Jaime Lerner (1971-1974). Uma das principais mudanças estava nos eixos estruturais que normatizavam o tráfego rodoviário da capital paranaense. Vias expressas foram previstas para que o trânsito fluísse rapidamente, assim como faixas exclusivas para o transporte público. Estas faixas foram um definidor para o planejamento da densificação e para o direcionamento do crescimento da cidade, sob o argumento de aumentar a qualidade do transporte público.

Para garantir o êxito deste plano diretor, foi preciso "limpar o terreno" para dar início às obras em Curitiba. O primeiro passo foi a tentativa de retirada da população das favelas (também porque esse tipo de habitação "manchava" a imagem idealizada que a cidade pretendia construir). Esta etapa, de "limpeza", iniciou-se cinco anos antes do Plano Diretor e Urbanístico, em 1965. Esta estratégia foi anunciada em 1965 na capa de um informativo de Curitiba: "IPPUC planejará Curitiba de amanhã". (IPPUC, 1965, s. p.)

O anúncio relatava a visita ao canteiro de obras da Vila Nossa Senhora da Luz, de autoridades políticas, como o Governador do Estado Paulo Pimentel (1966-1971), o então ex-prefeito de Curitiba Ivo Arzua Pereira (1962-1966) e diretores da Polícia Militar. Todos atestaram a rapidez da construção das casas populares

³⁰ O autor analisa o Plano Preliminar de Urbanismo (PPU) instituído em 1965, matriz do Plano Diretor que transformou o espaço urbano de Curitiba na década de 70. Souza (2001) analisa o discurso técnico e a classificação do espaço e da população da cidade. "O saber técnico articulou-se fortemente às estratégias de divisão desigual do espaço e orientação diferenciada das políticas urbanas", definindo a localização dos eixos estruturais, cujo efeito foi atribuir um valor suplementar a espaços já valorizados e formar um estoque para expansão seletiva do centro da cidade.

destinadas a população de Curitiba, pois, ao que parece, quanto menor o tempo para a construção do Conjunto Habitacional, mais rápido seria deslocar as/os pobres para regiões periféricas. Outra hipótese para a rapidez da construção, seriam os créditos que os políticos ganhariam ao realizar uma obra em sua gestão e, também, pelas pressões que ocorriam por parte das pessoas sem moradias, já naquela ocasião. Esforços não foram poupados para esta etapa, tinha-se pressa para construir as 2.176 casas que foram erguidas em menos de um ano. No dia 13 de novembro de 1966, em uma cerimônia de menos de meia hora, o Presidente da República Castelo Branco (1964-1967) inaugurou o primeiro conjunto do estado do Paraná, da Companhia Habitacional (COHAB), do programa nacional de desfavelização (implantado depois do golpe militar de 1964): a Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais³¹. (Fernandes, 2006)

Há boatos de que o conjunto seria batizado com o nome do *ilustríssimo* presidente da república, o então Castelo Branco, mas ele recusou tal honraria, provavelmente por motivos elitistas, mas são só especulações, não encontramos nenhuma evidência comprobatória.

Em entrevista ao pesquisador Felipe Sobzcynski Gonçalves (2008), Frei Miguel, atuante na região, mencionou que o objetivo central do projeto de desfavelização foi retirar a população do *inferninho* de Santa Quitéria e da favela da Vila Guaíra. (Gonçalves, 2008). Deslocou-se a população, mas não foi garantido no novo local infraestrutura e equipamentos públicos próximos, que atendessem as necessidades essenciais das/os moradoras/es, como luz, água e transporte. Como exemplo deste descaso com a população, pode-se mencionar o sistema hidráulico das residências da Vila. Curiosamente, as casas possuíam sistema hidráulico, mas, nos primeiros anos da Vila, a água não saía em muitas torneiras (Gonçalves, 2008). Em entrevista à Gonçalves (2008)³², o engenheiro e arquiteto da Vila, Alfred Willer, comentou:

³¹ As/Os moradoras/es referem-se a Vila Nossa Senhora da Luz, carinhosamente, por “Vila”. Portanto neste trabalho não usaremos a sigla VNLS, mas assim como as/os residentes iremos chamar apenas de Vila. Ao mencionarmos outras vilas referenciaremos seu nome completo para evitar equívocos.

³² A entrevista realizada com o diretor técnico e arquiteto da primeira gestão da COHAB-CT, Alfred Willer foi feita no dia 19 de junho de 2007 pelo pesquisador Gonçalves (2008).

[...] quando esta Vila Nossa Senhora da Luz foi construída, era para atender os moradores das favelas de Curitiba, então foi calculado que havia 2.100 moradores nas favelas e daí, então, foi planejado um conjunto que pudesse abrigar todos os moradores das favelas, só que o problema era você vender uma casa, porque as casas eram vendidas a suaves prestações, o que equivale hoje a 20, 30 reais por mês, muito barato. (Gonçalves, 2008)

O valor mencionado por Alfred Willer poderia ser irrisório para ele ou para famílias com uma situação econômica confortável, mas esse mesmo valor poderia significar muito para famílias que tinham um poder aquisitivo menor e/ou que não tinham renda fixa, como já era o caso de muitas famílias na época. A ambição pelo projeto da Vila não considerou o óbvio, a realidade econômica das/os moradoras/es. O arquiteto ainda falou que

[...] apenas 20% da população das favelas puderam preencher os requisitos para ganhar uma casa, porque eles não tinham emprego fixo, viviam de bico, não tinham carteira assinada. Então, nessas condições, o Banco Nacional de Habitação, que era avalista não aceitava como garantia o retorno do dinheiro da família nestas condições. Então, só uma parte das casas foi ocupada por moradores das favelas. (Gonçalves, 2008, p. 12)

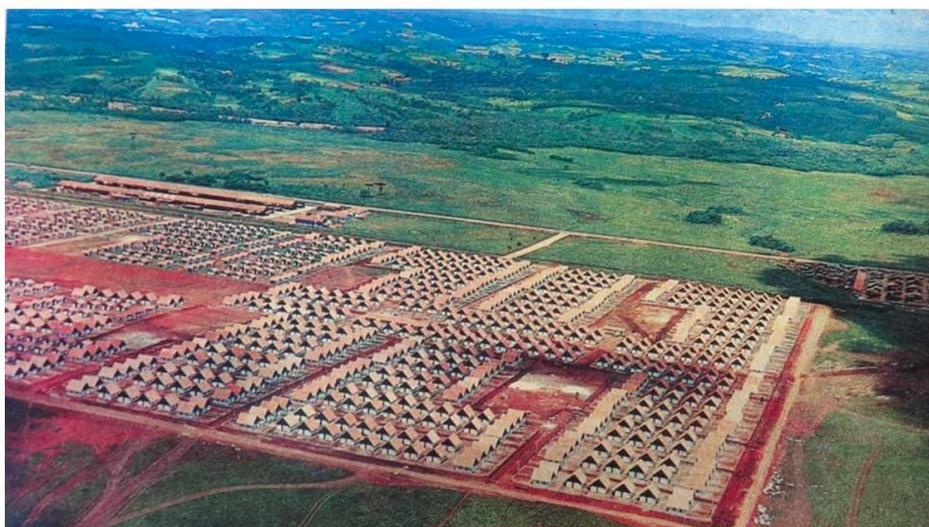
Neste cenário as famílias pobres, que tinham uma condição de vida minimamente estável em relação às demais, tiveram a oportunidade de financiar uma casa, a muito custo. Com as residências veio junto o isolamento, a ausência de infraestrutura e o descaso do poder público. Em meio a muita dificuldade e esforço, algumas famílias puderam concretizar o sonho da casa própria, mas Alfred Willer (nesta mesma entrevista à Gonçalves) relatou que o sonho de acabar

[...] com as favelas de Curitiba, não deu certo. Foi tirada do meio de uma favela a elite de uma favela que tinha a sorte de ter um emprego fixo, e o resto ficou lá. É a mesma coisa que não fazer nada, porque, a casa que esvaziou foi imediatamente ocupada por outro, outra família. Então, a favela não diminuiu nada, pelo contrário, foi crescendo mais. Neste sentido o plano não funcionou, mas funcionou pra atender uma demanda de falta de moradia não só da camada especial de favelados, mas da camada de pessoas de baixa renda. [...] O critério financeiro era que sua renda familiar fosse inferior a cinco salários mínimos. Cinco salários mínimos já davam condições de pagar 20 ou 30 reais por mês sem prejudicar muito o orçamento familiar. (Gonçalves, 2008)

O descaso com as necessidades das/os residentes isolou a Vila do restante da cidade. No local de sua construção, continuou havendo muito mato, campos e as poucas edificações que existiam eram madeireiras. As casas localizavam-se distantes de comércios e instituições. O morador João Marreiro, em entrevista ao

jornal Gazeta do Povo (08/09/1998), afirmou que somente após um ano da inauguração da vila, a eletricidade foi instalada. Como pode ser visto na foto a seguir, não havia avenidas e/ou ruas que integrassem a vila a outros bairros de Curitiba. Construída em um local quase inabitado as/os primeiras/os moradores/as sofreram com o distanciamento e com a ausência de infraestrutura básica. Uma estação de água própria, por exemplo, teve que ser construída devido ao distanciamento da Vila, de outras estações (Área tem características urbanísticas próprias, 1998). O acesso ao centro da cidade também era limitado, poderia ser feito por meio de transporte público, mas a oferta de ônibus era limitada a um ônibus por dia e a outra possibilidade era ir a partir de um trem que saia de Araucária. A mobilidade espacial, era, portanto, extremamente limitada, como indica o título da manchete do jornal Gazeta do Povo e a imagem a seguir: “Concepção do conjunto habitacional se destaca no mapa da cidade como uma ilha e isso impediu integração com outros bairros”. (Área tem características urbanísticas próprias, 1998).

FIGURA 2 — IMAGEM AÉREA DA VILA NOSSA SENHORA DA LUZ



Fonte: *Facebook* (2021).³³

Em relação ao isolamento da Vila, havia aqueles que tinham uma perspectiva positiva, mas, não se pode negar a intencionalidade em isolar e afastar as/os moradoras/es mais pobres. Inicialmente tinha-se a pretensão de fundamentar o projeto da Vila com soluções atuais daquela época.

³³ GRUPO Vila Nossa Senhora da Luz: a primeira do Brasil. **Facebook**. Acessado em: 28/06/2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/204354173375873/posts/1152204535257494>

Ainda se concebiam conjuntos habitacionais seguindo a Carta de Atenas, com planejamentos do tipo Brasília. Essas obras tinham dificuldades em estabelecer uma ligação com a malha urbana, eram consideradas pequenas linhas, como se fosse um disco voador que descia e se implantava ali. Já eram totalmente autossuficientes: tinha comércio, escolas de artesanato, mercado, igreja, centro de saúde, até cinema (Czornnei, 2018, p. 62)³⁴

A vila foi construída com dois padrões de casa destinados exclusivamente para habitações, a metragem da menor era de 21m² e era subdivida em quatro cômodos: cozinha, sala, banheiro e um quarto. A de 50m² tinha um sótão de madeira. Havia também um terceiro modelo de casa que contava com espaço para comércio no térreo (Czornnei, 2018). Para além das 2 176 casas, Willer explicitou para a pesquisadora Nathana Louise Czornnei (2018) que o projeto contava com

[...] duas escolas primárias, mercado, igreja, uma escola de ofícios, centro comunitário, posto de saúde e quatro ruas comerciais com um total de 32 lojas. Inicialmente a área residencial foi pensada para ser 12 pequenas unidades (uma espécie de 'microbairros') cada unidade teria sua própria praça com estruturas esportivas e de lazer. Desta forma esperava-se que cada 'microbairro' construísse sua própria identidade. (Czornnei, 2018, p. 62)

Para a política governamental todas e todos eram considerados iguais – pobres, trabalhadoras/es e sem teto –, assim, “curiosamente”, as chaves da porta de entrada das casas eram iguais, ou seja, com uma chave era possível abrir qualquer casa da Vila e acessar a privacidade e individualidade de cada moradora/or, denunciando que os planejadores não consideraram as singularidades daquela população no momento de projetar as 2 176 moradias iguais, famosas pela estrutura peculiar do telhado.

Consideradas/os indignas/os de residir próximos ao centro da cidade, foram instaladas a 15 km de distância da região central. E para convencer as pessoas a morar na Vila, a prefeitura também doou fogões e beliches para cada família. (Área tem características urbanísticas próprias, 1998). As/Os moradores/as mais antigas/os da Vila disseram ao jornal Gazeta do Povo que não sentiam falta “*do tempo em que todo dia chegavam caminhões cheios de famílias e seus cachorros*” (Fernandes,

³⁴ O pesquisador Czornnei entrevistou o arquiteto Willer. Os trechos das entrevistas constam na dissertação de Czornnei (2018), por esta razão quando mencionarmos as falas de Willer, na íntegra, referenciaremos o pesquisador Czornnei.

2006). Um dos maiores sinais de desumanidade com a população sem moradia naquela época foi a forma como foi realizado o processo da mudança para a localidade. O transporte das famílias foi feito por caminhões da prefeitura e do exército. Esta cena permanece na memória de Getúlio dos Santos, de 51 anos, que chegou na vila em 1967 aos 12 anos. Getúlio comentou que *“Ficava contando quantos vinham nos caminhões. Lembro da fila do balde, da solidão, da escuridão. Todo mundo era igual. A casa era igual”*. (Fernandes, 2006)

Outro problema latente na Vila Nossa Senhora da Luz estava em torno da segurança pública, mais precisamente na ausência dela. Em uma antiga notícia, de um dos principais jornais do estado, uma moradora da “Praça 5” relatou à repórter que, por temer problemas com sua filha, obrigou-se a tirá-la da escola. A menina estudou no que hoje seria o Ensino Médio. Ela relata: “determinado dia, ao descer do ônibus, cujo ponto é distante de sua casa, alguns bandidos tentaram agarrá-la. Assim preferiu sair da escola a correr o risco de sofrer alguma violência” (Nossa Senhora da Luz, 1982)

Passados mais de 36 anos desses relatos, quando conversamos com as/os moradoras/es, no início de trabalho de campo, também ouvimos informações semelhantes. A moradora Marlene nos contou que na Vila havia apenas uma escola, carinhosamente chamada de Grupão pelas/os moradoras/es, que ofertava o que seria hoje o Ensino Fundamental. As filhas de Marlene e Josmar, frequentavam, o equivalente ao Ensino Médio, no período da noite, em uma instituição da Vila. Naquele momento, Josmar, marido de Marlene, servia na Polícia Militar do Paraná durante o dia, mas para complementar a renda tinha um bico³⁵ como taxista á noite e, ao final do expediente, conseguia buscar as meninas na escola. (Diário de Campo, 12 de agosto de 2018).

Isso demonstra todo um esforço que havia nas redes de interdependência da família naquele período, e que continuou ao longo dos anos, como se verá mais adiante, para que os pais conseguissem sustentar a casa e fornecer educação para as filhas. O indivíduo não existe em isolamento, mas sim de maneira relacional com os outros. O *eu* só existe por que o *nós* existe, e é nessa rede de interdependência

³⁵ Termo dado por trabalhadores a trabalhos esporádicos, remunerados fora do expediente do trabalho, e/ou sem qualquer vínculo empregatício.

que o indivíduo encontra apoio. A partir dessa rede de interdependência, o indivíduo consegue sustentação para driblar as adversidades da vida. (Elias, 2019)

Além da ausência de segurança pública, outro problema enfrentado pelas/os moradoras/es naquele início da década de 1960, que se estendeu ao longo das décadas até os dias de hoje, foram os estigmas recebidos, relacionados à violência, uso de entorpecentes, depredação de patrimônio público, entre outros. Sobre isso, o morador Ivo Ganem afirmou à época, ao jornalista da Gazeta do Povo: “o preconceito em relação a nós se tornou tão forte, que se você fosse pedir emprego em qualquer repartição e falasse que era daqui, ninguém te aceitava” (Javorski, 1985).

Somado à dificuldade de encontrar um emprego nas regiões mais centrais de Curitiba, quer seja pela distância, quer seja pelos preconceitos que sofriam, as/os moradoras/es tiveram que lidar ainda com o alto índice de desemprego na própria região, pois próximo à Vila praticamente não havia oportunidades de emprego para suas/seus moradoras/es.

Assim, do que foi visto até aqui, pode-se dizer que, desde sua criação, e mesmo antes de se tornar um bairro conhecido como CIC - “Cidade Industrial de Curitiba” (que foi criada somente em 1973, como se verá na próxima seção), a Vila já tinha se tornado uma comunidade de pessoas indesejadas pela elite econômica e política da cidade e, de alguma forma, também, de modo geral, pela população da cidade. Foram colocadas no limite fronteiro de Curitiba, em um dos pontos mais extremos da cidade, quase fora dela.

É interessante pensarmos nos múltiplos sujeitos que fazem parte dessa trama: *eu* mãe e curitibana pobre, *nós* moradoras/es segredadas/os e inferiorizadas/os por vivermos nas margens/bordas da cidade, *eles*, os superiores que residem no centro ou nas partes nobres. Sobre esse jogo de pronomes, Elias considera imprescindíveis de serem considerados na constituição de uma configuração:

Compreende-se facilmente que a posição individual neste tipo de relações não possa ser tratada separadamente. A função que o pronome «eu» desempenha na comunicação humana só pode ser compreendida no contexto de todas as outras posições relativamente às quais se referem os outros termos da série. As seis outras proposições são absolutamente inseparáveis pois não conseguimos imaginar um «eu» sem um «tu», sem um «ele» ou uma «ela», sem nós, vós ou eles. (Elias, 2019, p. 134)

Elias explicita que a identidade do eu não existe sem o tu, eles, nós e eles, ou seja, um indivíduo só existe porque há uma sociedade – como dito na introdução desta tese, indivíduo e sociedade são conceitos relacionais. Mas, neste caso aqui, as interdependências parecem ser de um tipo específico, pois as/os moradores/as estigmatizadas/os da vila só existem porque há aquelas/es que os estigmatizam e sentem-se superiores em relação aos que vivem nas margens. Para existir uma camada social e economicamente superior é necessária a existência de uma massa de trabalhadoras/es para limpar as ruas, entregar fast food e/ou desempenhar outras tarefas essenciais para a manutenção da cidade.

3.2 A CIDADE DAS INDÚSTRIAS

Curitiba, no início da década de 1960, carecia de um amplo campo industrial e infraestrutura para a instalação de indústrias. As poucas indústrias presentes na cidade eram antigas e limitavam-se principalmente à produção de alimentos, torrefação de café e erva-mate, abate de animais e madeireiras. Dois exemplos notáveis foram a indústria Todeschini (1985), especializada na fabricação de biscoitos e massas, localizada na instalada na Avenida Silva Jardim e a Mueller & Irmãos Ltda (1878), dedicada à produção de ferros de passar roupas à brasa e à moldagem de peças de fogões e lareiras. Atualmente, o prédio desta última abriga um tradicional shopping da cidade no bairro Centro Cívico, o shopping Mueller. (Chiapetti, 1994)

A ausência de uma base industrial expressiva em Curitiba, aliada às condições projetadas para a expansão industrial em níveis nacionais e internacionais, além das mudanças significativas na urbanização da cidade, como a implementação de vias expressas para que o trânsito fluísse rapidamente e faixas exclusivas para o transporte público, propiciaram o surgimento de um novo bairro: a Cidade Industrial de Curitiba (CIC). A viabilização desse projeto incluiu incentivos fiscais para as indústrias, formalizados por meio de legislações que ofereceram concessões, estímulos tributários e econômicos. A lei nº4.431/72, por exemplo, regulamentada pelos decretos nº1,150/73 e nº158/72, criou critérios para a concessão desses estímulos, como os seguintes benefícios: isenção do Imposto Predial e Territorial Urbana (IPTU) por vários anos, venda de áreas industriais equipadas a preços subsidiados e infraestrutura básica, como atendimento às necessidades de água, esgoto, energia elétrica e telefone. (Chiapetti, 1994). Como

mencionado anteriormente, a construção da Cidade Industrial foi resultado de uma parceria entre os governos municipal, estadual e federal. Diante dessa grande colaboração, em reportagem ao jornal da época, o prefeito de Curitiba posicionou-se:

É importante salientar que, pelo lado do Município de Curitiba, outros incentivos foram concedidos e estão sendo rigorosamente cumpridos. Os mais significativos são os estímulos de natureza física, como terraplanagem, demarcação, levantamento topográfico e sondagem do terreno, ou os de natureza tributária, como a isenção, por dez anos, do imposto [dobrasse] a propriedade e do imposto sobre serviços. (Cidade, 1979, s. p.)

O Governo Federal também investiu em estímulos fiscais. Alguns deles foram: a isenção do imposto de renda na fonte, redução ou restituição do imposto de renda para promoção e propaganda no exterior, isenção do IPI (imposto sobre Produtos Industrializados), isenção de direitos e IPI na importação de maquinário cuja produção era voltada à exportação, entre outros. Esses benefícios foram retirados gradualmente em um período de 10 anos. (Chiapetti, 1994)

A criação oficial da CIC deu-se no dia 19 de janeiro de 1973, por meio do Decreto nº 30 (Curitiba, 1973).³⁶ Vale ressaltar que antes da criação oficial da CIC, a Vila Nossa Senhora da Luz já havia sido instalada, conforme discutido na seção anterior. O documento, declarado de utilidade pública, determinou a desapropriação de toda área localizada na região oeste de Curitiba, dentro dos limites estabelecidos pelo documento. Até então, a região era considerada área rural da cidade e a execução de todo o processo de desapropriação, seja de cunho amigável ou judicial, ficou sob a responsabilidade de empresa URBS (Urbanização de Curitiba)³⁷

O processo de desapropriação não ocorreu como o previsto, pois foi marcado por tensões entre poder público e os proprietários das terras particulares. Dentro da demarcação da CIC, havia loteamentos residenciais que já tinham sido implantados e que resultaram em ações judiciais contrárias às desapropriações. Todo esse processo gerou atrasos em sua efetiva implantação, como a disputa judicial da maior propriedade particular, que levou dezoito anos para ser completamente desapropriada. (Chiapetti, 1994).

³⁶ Apesar do Decreto datar 1973, foi somente em 5 de março de 1975, com três indústrias – já em funcionamento – é que enfim a CIC foi oficialmente inaugurada. (Chiapetti, 1994)

³⁷ Urbanização de Curitiba S/A é uma empresa de economia mista que controla o sistema de transporte público da cidade de Curitiba.

Apesar desses contratempos, pode-se afirmar que a criação da CIC foi até bem planejada para receber as indústrias. Os noticiários da época fizeram questão de enaltecer esse feito:

O grande trunfo da Cidade Industrial de Curitiba é que ela foi planejada para ser menos um distrito industrial rotineiro e sim uma cidade de indústrias. As áreas verdes, as vias de acesso, as zonas de serviços, de apoio, tudo foi previsto. (Gazeta do Povo, 1979, s. p.)

Sobre a distribuição das indústrias nesse novo território da cidade, a tabela a seguir, produzida pela URBS (URBS, 1979), a partir de um relatório de diagnóstico e proposições, apresenta o índice de ocupação da CIC até o ano de 1979. Somando a área já ocupada pelas indústrias e a remanescente (áreas que ainda poderiam ser utilizadas), tinha-se 68,5%. Ao compararmos essa porcentagem com a porcentagem referente à área das habitações e às áreas verdes e de preservação (8,3% mais 7,1%, ou seja, 15,4%), identificou-se uma desproporcionalidade, obviamente, a favor da área industrial.

TABELA 1 — CIDADE INDUSTRIAL DE CURITIBA: OCUPAÇÕES DAS ÁREAS (1979)

Tipo de ocupações	Área (m ²)	%
Empresas industriais e de serviços	8.342.458,07	26,5
Sistema viário	3.903.729,66	12,4
Áreas habitacionais	2.617.121,20	8,3
Linhas de alta tensão	1.159.562,73	3,7
Áreas verdes e de preservação	2.232.429,00	7,1
SUBTOTAL 1	18.255.300,66	58,0
SUBTOTAL 2 – Remanescentes à disposição da	13.255.300,66	42,0
continuidade do projeto		
TOTAL DE DESAPROPRIAÇÕES	31.457.159,17	100,0

Fonte: Cidade Industrial de Curitiba, diagnóstico e proposições. Curitiba: URBS, 1979. Adaptada: IPPUC (2010)

O discurso e os dados atestam que a CIC foi de fato um bairro construído para as indústrias, garantindo incentivos e infraestrutura para a efetivação do projeto ambicioso. Para colocar as indústrias para funcionar, precisou-se de trabalhadoras/es, mas a área a elas/eles designada era muito pequena, ficando óbvio que o interesse

do capital era maior do que o bem-estar das/os trabalhadoras/es, que ficaram em casas de ínfimos 21 metros quadrados.

E enquanto as/os trabalhadoras/es estavam em áreas restritas, em casas apertadas e com uma baixa mobilidade espacial, o balanço dos primeiros seis anos da CIC, de acordo com o prefeito que esteve no período subsequente à sua implantação, Saul Raiz (1975-1979), concluiu de maneira enaltecida

Ao longo desses seis anos – disse Raiz – já se pode verificar que a CIC, com um projeto diferente de todos quantos se tem conhecimento no Brasil, **não atropela o homem ao buscar o desenvolvimento**. Nós criamos um polo industrial sem poluição, respeitando, ao mesmo tempo, a dignidade dos trabalhadores, dando-lhes condições de moradia próxima ao local de trabalho, transporte fácil, áreas verdes – enfim, todos os itens necessários para que ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento, este homem dele usufrua os benefícios como consequência lógica. (Gazeta do Povo, 1979, s. p., grifos nossos)

Já para o prefeito que veio alguns anos depois, Maurício Fruet (1983- 1985), o empreendimento da CIC não foi tão exitoso quanto o esperado, afinal aCIC

[...] foi concebida como motor do desenvolvimento industrial do Município e como uma área urbana provida de todos os serviços necessários, no entanto, e apesar do crescimento da CIC, as expectativas iniciais quanto ao número de empregos a serem criados e a à sua contribuição para gerar renda para o Município, não foram até hoje totalmente satisfeitas. (IPPUC, [198?], s. p.)

É evidente, que as Políticas Públicas de incentivo e implementação das indústrias visavam principalmente favorecer o setor industrial e seus responsáveis, à/aos moradores/es trabalhadoras/es do bairro. O foco nos interesses do capital ficou evidente nos investimentos, na organização e na implantação, sem uma preocupação real em beneficiar a população residente na CIC, em sua maioria proletária.

3.3 A CIC SOB A PERSPECTIVA DOS DADOS SOCIOECONÔMICOS

Todos os dados sobre os bairros da cidade apresentados nesta seção foram fundamentados nos relatórios do IPPUC, que se baseou nos dados do censo do IBGE de 2010. Estamos cientes de que 12 anos é um tempo muito longo e, sem dúvida, muitas mudanças ocorreram e essa defasagem de dados nacionais não

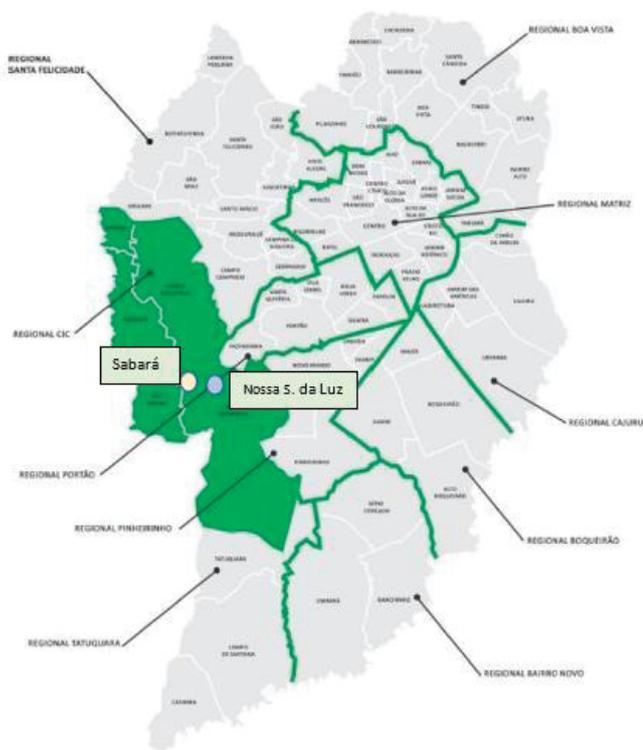
dimensiona os problemas verossímeis de hoje. O governo Bolsonaro também escolheu não realizar as pesquisas censitárias, fundamentais para a elaboração de políticas públicas e para dimensionarmos o real contexto da nação. Assim, não poderemos apresentar uma conjuntura socioeconômica a partir de dados atuais, mas, para podermos analisar aspectos das desigualdades socioeconômicas entre os bairros, faremos uso dos dados do último Censo (2010), ainda que desatualizados.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estima que em 2020 Curitiba tenha aproximadamente 1.948.626 habitantes distribuídos em uma área correspondente a 434,67 km² (IBGE, 2010). De acordo com a COMEC (Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba), Curitiba e as 29 cidades que compõem a região metropolitana possuem juntas 3.223.836. A cidade de Curitiba é organizada a partir de dez regionais administrativas. Cada regional agrupa bairros próximos um dos outros. As regionais são: Boa Vista, Tatuquara, Santa Felicidade, Matriz, Cajuru, Portão, Boqueirão, Bairro Novo, Pinheirinho e CIC (Cidade Industrial de Curitiba). Esta última regional começa no oeste da cidade, como mostra a Figura 3 logo a seguir, mas, estende-se predominantemente ao sul⁴⁰³⁸, fazendo divisa com os municípios de Araucária e Campo Largo.

A regional CIC é composta pelos bairros São Miguel, Riviera, Augusta e CIC, sendo este último o bairro onde foi desenvolvida esta pesquisa. O bairro CIC é o maior da cidade em termos de dimensões territoriais, ocupando 10,19% de extensão da capital paranaense.

³⁸ Como já explicado anteriormente e para dimensionarmos as desigualdades territoriais presentes em Curitiba, em alguns momentos, iremos analisar a cidade a partir de grandes regiões: sul, extremo sul, norte e região central.

FIGURA 3 — MAPA COM AS REGIONAIS DE CURITIBA E O DESTAQUE DA REGIONAL CIC



Fonte: Agência Curitiba/ Observatório Econômico

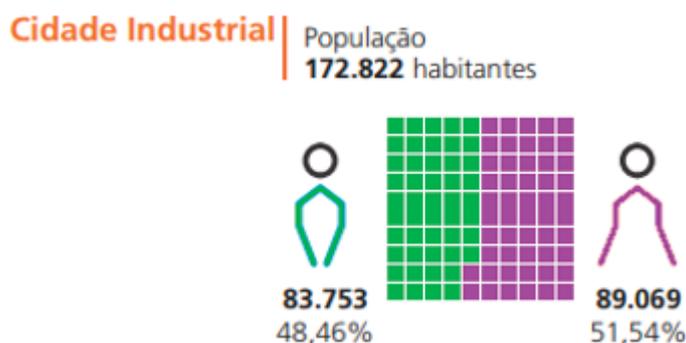
FIGURA 4 — MAPA DA REGIONAL CIC



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010; IPPUC. Adaptação: a autora (2022)

O bairro CIC possui 172.822 habitantes, sendo 89.069 mil mulheres(51,54%) e 83.753 mil homens (48,46%) como indica o seguinte gráfico.

FIGURA 5 — GRÁFICO DA RELAÇÃO DE HABITANTES



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010

Elaboração: IPPUC – Banco de Dados

Adaptação: A autora (2022)

A população deste bairro é relativamente jovem, com concentração na faixa etária dos 20 aos 29 anos (Tabela 2 logo na sequência). Entretanto, ao observar as diferentes faixas etárias e sua relação com gênero, um dado importante surge. Enquanto nas faixas etárias de 0 a 4 e 14 a 19 anos, o número de homens é relativamente maior do que o de mulheres, na faixa etária entre 20 e 24 anos os números indicam uma redução numérica no percentual masculino em comparação com a população feminina (a diferença percentual é de 0,07 a mais para as mulheres). Nas faixas etárias seguintes, o percentual é igual para a faixa de 25 a 29 anos, mas, desta faixa para frente até a faixa de 80 anos ou mais, os índices são superiores para as mulheres.

TABELA 2 — RELAÇÃO DE FAIXA ETÁRIA NA CIC

Idade	Nº total	Homens %	Mulheres %
0 a 4	12.199	3,55	3,51
5 a 9	13.096	3,95	3,63
10 a 14	15.371	4,48	4,41
15 a 19	15.382	4,47	4,43
20 a 24	16.262	4,67	4,74
25 a 29	16.797	4,86	4,86
30 a 34	15.514	4,43	4,55
35 a 39	13.978	3,92	4,17
40 a 44	12.942	3,59	3,90
45 a 49	11.395	2,97	3,61
50 a 54	9.515	2,47	3,03
55 a 59	7.283	1,95	2,27
60 a 64	4.926	1,27	1,58

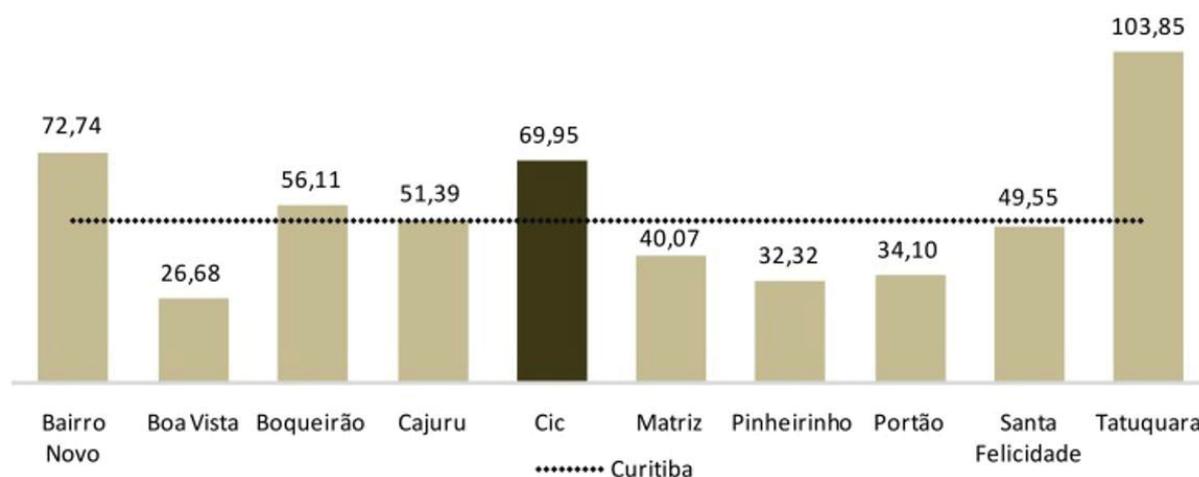
65 a 69	3.258	0,80	1,09
70 a 74	2.242	0,53	0,77
75 a 79	1.431	0,31	0,52
80 ou mais	1.263	0,25	0,48

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010; IPPUC – Banco de Dados

Elaboração: A autora (2022)

Os números da tabela anterior demonstram a diminuição do índice masculino justamente quando os indivíduos entram na juventude, principalmente na idade adulta. E o gráfico a seguir mostra o alto índice de homicídios por regional da cidade, podendo-se verificar que as taxas mais elevadas de mortalidade de jovens estão nas regionais mais periféricas, o que demonstra que não é apenas coincidência a relação entre juventude, morte e periferia, sendo, inclusive, “impossível dissociar o território das condições socioeconômicas e da violência”. (Ermínia Maricato³⁹, 2000, p. 30).

FIGURA 6 — GRÁFICO DE TAXAS DE HOMICÍDIOS DA POPULAÇÃO JOVEM POR 100 MIL HABITANTES



Fonte: SESP, 2015.

Elaboração: IPPUC – Gerência de Monitoramento Socioeconômico

Assim, os números nos mostram que quanto mais ao extremo sul da cidade, maiores são os índices de homicídios. Tatuquara, sendo a regional mais ao extremo sul da cidade, também é o bairro com o maior índice de homicídios. As regionais CIC, Tatuquara e Bairro Novo são as três regionais com os maiores índices de homicídios,

³⁹ Apesar de a orientação da NBR 10520 (Norma Brasileira) da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) ser de referenciar o sobrenome do/a autor/a, salientamos que mencionaremos o nome completo de cada autora na primeira vez que for utilizada no texto, como meio de dar visibilidade a autoras e pesquisadoras. Nas seguintes citações, de mesma autoria, seguiremos normalmente as determinações normativas.

coincidindo com as regiões da cidade que também têm índices baixos quanto à renda, escolaridade, entre outros.

A relação intrínseca entre território e taxas de mortalidade se reflete em outras estatísticas da cidade. De acordo com o Gráfico 3, a seguir, o número de homicídios em Curitiba é de 42,81%, enquanto na CIC é 70,59% (uma diferença de 27,78%). Tal disparidade estende-se também para as Ocorrências Gerais, sendo que Curitiba registrou um índice de 52,06% em relação a elas, enquanto os números da CIC atingiram 82,17% (uma diferença de 30,11%).

FIGURA 7 — GRÁFICO DO ÍNDICE DE HOMICÍDIOS E OCORRÊNCIAS GERAIS



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010; IPPUC

Outro dado alarmante apresentado pelo IPPUC (2010) é o índice de homicídio doloso. Em 2015, a regional CIC registrou 28 ocorrências por mil habitantes. O instituto reconhece que tais dados são preocupantes e apontou para a necessidade de ter pesquisas que analisem esses resultados. (IPPUC, 2017) Mas, é necessário questionar imediatamente, por que as políticas públicas não agem de forma mais contundente para evitar essas taxas.

Por outro lado, também é problemático simplesmente cruzar dados sobre pobreza e violência. Raquel Rolnik (2002) afirma que a violência urbana está diretamente relacionada com a exclusão territorial:

Os municípios que apresentam as piores condições de exclusão territorial – e não os mais pobres – são aqueles onde há maior violência. Ou seja, a violência está muito mais associada à exclusão do que à pobreza propriamente dita. (Rolnik, 2002, s. p.)

Já com relação à questão étnico-racial, a porcentagem de negras/os é maior nos bairros da região sul e extremo sul da cidade, com altos índices na CIC e Umbará CIC e Umbará, onde também os índices de escolaridade e de renda são menores

quando comparados com os outros bairros de Curitiba. Como indica o quadro 140, a seguir, a porcentagem de negras/os nos bairros sulistas e extremo sulistas - tomando os três bairros com maior percentual como exemplo - é o dobro do percentual curitibano. A situação é inversamente proporcional nos bairros da parte norte de Curitiba – tomando outros três bairros como exemplos -, onde o índice de pessoas brancas é muito superior à média curitibana.⁴¹

QUADRO 4 — CATEGORIAS ÉTNICO-RACIAIS – EXEMPLOS DE BAIRROS

Região/ Bairro	Sul /Extremo sul			Norte/Central			Curitiba %
	Umbará %	CIC %	Ganchinho %	Batel %	Vista Alegre %	Bigorriho %	
Negras/os	23,13	28,59	38	3,98	11,95	0,81	19,64
Branças/os	76,36	70,66	61,43	93,47	86,52	92,71	78,88
Amarelas/os	0,33	0,57	0,42	2,52	1,49	2,45	1,32
Indígenas	0,17	0,18	0,14	0,03	0,04	0,04	0,15

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010; IPPUC, 2013. Elaboração: A autora, 2018.

Batel e CIC são bairros contrastantes: o primeiro é menor em extensão e predominantemente vertical, enquanto o segundo é o mais extenso de Curitiba e mais horizontal em relação ao primeiro. No conjunto de disparidades, há também o pertencimento étnico-racial, como demonstrado no quadro. Quanto mais ao centro/norte, maior é a porcentagem de brancas/os e menor a de negras/os. No sul/extremo sul, a porcentagem de negras/os aumenta e de brancas/os diminui. É bom

⁴⁰ Nesta seção temos a pretensão de demonstrar as desigualdades socioeconômicas entre as regiões sul-extremo sul e centro-norte de Curitiba. Para demonstrar tais disparidades optamos por apresentar dados de bairros que se localizam em cada uma dessas regiões. Estamos cientes de que cada bairro possui suas especificidades intrabairros, mas neste momento deixamos estas particularidades e centramos-nos na análise geral de alguns bairros, por isso ao longo desta seção apresentaremos diversos bairros, respeitando, neste momento, somente a divisão sul-extremo sul e centro-norte de Curitiba.

⁴¹ Cabe ressaltar que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) classifica os cidadãos/ãs em cinco categorias: branca, preta, amarela, parda e indígena, entretanto o Movimento Negro, considera negro/a, todos/as aqueles/as que se autodeclararam pretos/as e pardos/as. Portanto para compor o quadro, agrupamos os dados do IBGE, para melhor visualização e para estar em consonância com a classificação do Movimento Negro.

lembrar que um bairro elitizado e de maior status, como o Batel, possui moradoras/es que contam tanto com maiores índices de rendimento quanto de escolaridade, e nele o número de negras/os é ínfimo. Vejamos os gráficos abaixo que comparam os dados da CIC com Batel.

FIGURA 8 — GRÁFICO DO RENDIMENTO NOMINAL MENSAL DOMICILIAR PER CAPITA EM SALÁRIOS-MÍNIMOS



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010; IPPUCA adaptação: A autora (2019)

As diferenças nesses dados são abissais. Ao analisarmos os rendimentos da categoria *mais de 1 a 2* salários-mínimos⁴⁴ constatamos que a diferença entre a CIC e o Batel é de 31,03 pontos percentuais. Os índices de Curitiba, em relação à média

⁴⁴ O valor do salário mínimo utilizado é de R\$510,00, pois os dados foram retirados do Censo Demográfico de 2010 do IBGE.

de 1 a 2 salários-mínimos, são médios o que sinaliza que em bairros marginalizados a renda da população também é menor. Estamos cientes de que há divergências intrabairros, mas, neste momento, nos interessa analisar diferenças entre os bairros do sul e extremo sul, daqueles centrais e do norte de Curitiba.

Nesta direção, citaremos, como exemplo, dados socioeconômicos de alguns bairros, respeitando sempre o seu pertencimento regional (sul e extremo sul / centro e norte).

QUADRO 5 — VALOR DO RENDIMENTO MÉDIO- EXEMPLOS DE BAIROS

	Localidade Rendimento (reais)	Média por Domicílio
Sul/ Extremo Sul	CIC	2.163,27
	Caximba	1.613,24
Centro	Hugo Lange	8.258,53
	Jardim Social	9.488,39
	Curitiba	3.774,19

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010; IPPUC, 2013. Elaboração: A autora, 2021

No quadro acima, há mais indícios que testificam disparidades entre os exemplos de bairros sulistas e outros da parte norte/central de Curitiba. O valor do rendimento médio do Jardim Social (central) é 5,88 vezes maior que o rendimento médio do Caximba (no extremo sul). Estamos falando de uma mesma cidade que impulsiona uma desigualdade explícita entre diferentes regiões do seu território, beneficiando com infraestrutura e uma série de equipamentos e espaços de lazer e cultura, justamente as regiões que contam com moradores/es que têm altos rendimentos, em detrimento das/os moradoras/es do sul/extremo sul, estes com mais rendimentos baixos.

Todos esses dados, descritos anteriormente, sinalizam que a população negra e pobre está marginalizada na cidade. De acordo com Henrique Cunha Junior (2019) houve uma tendência da urbanização brasileira de reproduzir um padrão europeizado em relação à concepção de cidade, em que o padrão periférico ficou explícito. Geralmente, essas regiões periféricas ficaram muito afastadas dos centros urbanos, mas esta não é uma regra absoluta, é uma condição, pois há casos em que espaços desprivilegiados encontram-se muito próximos de regiões prestigiadas. No

caso de Curitiba, pode-se citar a Vila Torres, uma comunidade pobre oriunda de um processo antigo de ocupação que está localizada na região central de Curitiba.

Sobre a definição de “regiões desprivilegiadas”, Cunha Jr (2019) afirma que estas englobam loteamentos não regulamentados, a autoconstrução ou conjuntos habitacionais pequenos e superlotados. Tais construções, com pouca infraestrutura básica, muitas vezes situam-se longe de espaços públicos consolidados de lazer e cultura. O autor ainda disserta sobre a divisão binária da cidade, ou seja, a *cidade formal* e a *cidade informal*. Enquanto a primeira possui equipamentos públicos e garante uma qualidade de vida maior às/aos suas/seus moradoras/es, a segunda, conta com a ausência e/ou precarização da tecnologia e de equipamentos públicos, entre outros fatores que minimizam a qualidade devida das/os cidadãs/ãos e as/os privam do direito a uma habitação digna.

O autor ainda relata que há uma correlação entre regiões onde há uma maior concentração da população negra e designações que são atribuídas a elas, como: região clandestina, cidades irregulares, cidades informais, invasão, região periférica. Em síntese, são territórios que ficam à margem da urbanização e que não recebem investimentos necessários e de maneira proporcional à densidade da população. (CUNHA Jr., 2019)

No quadro a seguir, fica mais nítida as diferenças entre déficits habitacionais em diferentes bairros, sendo que, quanto menor é o índice, melhor é a situação habitacional do bairro.

QUADRO 6 — DÉFICIT HABITACIONAL E TIPIIFICAÇÃO DE HABITAÇÃO A PARTIR DE EXEMPLOS DE BAIROS DO SUL/EXTREMO SUL E DO NORTE/CENTRAL

Região	Bairro	Déficit habitacional (%)	Domicílios do tipo casa (%)
	Curitiba	5,34	69,48
Norte/Central	Jardim Social	2,54	94,24
	Hugo Langue	2,54	62,67
Sul/extremosul	CIC	6,50	77,43
	Campo de Santana	5,03	96,66

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010; IPPUC, 2013. Elaboração: A autora, 2021

A diferença entre os índices de Déficit Habitacional do bairro Jardim social (2,54) para o da CIC (6,50) é de 3,96 pontos percentuais, o que deixa o primeiro bairro em uma situação mais favorável. E, apesar da diferença entre o bairro Campo de Santana e a capital paranaense ser de 0,31, o índice é alto e igualmente preocupante, como os demais bairros do sul e extremo sul da cidade.

Os dados demonstram, neste sentido, que o Estado tem falhado em relação à garantia de habitação digna para a população, sobretudo para as/os mais pobres, não produzindo amplas, consistentes e sistemáticas políticas habitacionais e deixando na mão do mercado imobiliário onde e como serão feitas as habitações.

Assim, muitas famílias sem moradia – um bem social que todos deveriam ter acesso – obrigam-se a ocupar espaços “não oficiais” (propriedades vazias, sem uso, entre outros), e isso acontece não por uma escolha dos indivíduos, mas porque escolher tais espaços, com tanta precariedade (somados a inúmeras outras dificuldades), só acontece devido à necessidade das pessoas em buscar abrigo para si e suas famílias. Este movimento de ocupação é feito porque não há incentivo das instâncias governamentais, existe um Estado que não garante habitação digna, com condições básicas e cidadãs para as famílias e para o desenvolvimento sadio das crianças. (Maricato, 2000)

3.4 A VILA QUE MUDOU DE LUGAR: MORADIAS SABARÁ

A ausência de habitações em áreas urbanas é grande, crescente e tem levado muitas pessoas a ocuparem áreas públicas e particulares. O problema não é recente, e o processo com a Vila Moradias Sabará não foi diferente. No ano de 1987, aproximadamente duas mil e trezentas famílias ocuparam uma propriedade particular ociosa que ficava em uma área nobre do bairro Campo Comprido. Assim que a área foi ocupada, as/os donas/os da propriedade (a família Trevisan) solicitaram a reintegração de posse, junto à justiça, da área que hoje é o Terminal de ônibus do Campo Comprido. Em busca de um pequeno pedaço de terra para viver, um pequeno grupo de moradoras/es consultou advogadas/os da Assembleia Legislativa, Câmara Municipal para as 2.300 famílias, na tentativa de obter uma possível revogação da liminar. Com o auxílio de alguns advogados, as/os moradoras/es conseguiram a suspensão provisória da ordem de desocupação das famílias da área do Campo Comprido. A estratégia da suspensão ajudou famílias e advogadas/os a ganharem

tempo para pensar em alternativas para abrigar as 2.300 famílias. (Rodrigues, 2001). O advogado das famílias, em entrevista concedida ao pesquisador Júlio Cardoso Rodrigues (2001) mencionou que todo este processo foi marcado por tensões.

Nós traçamos uma estratégia. Naquele momento precisávamos ganhar tempo, evitar que a ordem de despejo se consumasse. Eu falo despejo, mas a expressão certa não é despejo, é desocupação mesmo da área esbulhada. Nós então conseguimos na justiça, no espaço de 10 dias aproximadamente, uma liminar no Tribunal de Alçada contra o despejo das famílias suspendendo a decisão da justiça comum (Civil). A partir daí nossa estratégia foi de conseguir terra para o povo.

Quero registrar que essa liminar chegou na iminência de ser executada. Inclusive, no dia que conseguimos a contra-ordem no Tribunal de Alçada, a polícia já havia se deslocado para o local. Três ônibus de policiais se encaminharam ao local para desalojar as famílias da terra. Nós conseguimos a liminar cerca de 1 a 2 horas antes da polícia começar a executar a desocupação.

Como eu disse, a estratégia era conseguir terra para o povo ficar, já que aquela situação ali se prenunciava inviável de ser transposta via judicial, ou seja, não havia como fazer uma composição entre os moradores e os donos da terra. Porque a terra era supervalorizada naquele local e os moradores eram pessoas pobres e não tinham condições econômicas de pagar. (Rodrigues, 2001, p. 50).

A suspensão da liminar de reintegração de posse durou até março de 1988. Neste tempo, advogados e moradores/es, a muito custo, conseguiram junto a prefeitura um terreno na Cidade Industrial de Curitiba, o equivalente à 500.000 m².

As famílias seriam reassentadas na área do Bolsão do Sabará, esta área compreende uma região da CIC que surgiu em 1988. A prefeitura desmatou a região (Rodrigues, 2001) para reassentar as 2.300 famílias que foram retiradas da área ociosa e supervalorizada no Campo Comprido. A área foi ocupada inicialmente pelas famílias em processo de reassentamento. A primeira a Vila foi a Moradias Sabará, subsequente houve um processo de ocupação por outras famílias. Além do Sabará as Vilas que surgiram nas proximidades foram: Esperança, Conquista, Eldorado, Marisa e Morro do Juramento.

De acordo com Bruno C. D. Meirinho e Laura E. Bertol (2010), a região do reassentamento era/é um local estável (em termos políticos), pois a área pertencia à empresa CIC que “é uma empresa municipal, sociedade de economia mista responsável pela negociação de terras para instalações de indústrias na região industrial da cidade, e, por isso, proprietária de várias áreas no bairro da Cidade Industrial.” (2010, p. 6).

Após conquistar um lugar para as famílias, as tensões persistiram. Uma grande manifestação e uma ocupação no prédio da prefeitura foram feitas até firmarem acordos beneficiando ambas as partes. [...]

A prefeitura cumpriu até o final do ano de 1987 as obras de abertura de ruas e demarcação de lotes e também fez, junto conosco, o sorteio dos lotes e a seleção das famílias. [...] Foi acertada a terraplanagem, acertamos também com a empresa Trevisan o fornecimento de todo o transporte das famílias para a área mencionada. Provisoriamente as famílias ficariam em Campo Comprido, [...] final de dezembro de 1987, em janeiro de 1988 começamos a transferência das famílias. Quando eles foram assentados não tinha água, não tinha luz, não tinha nada era só a terra e as ruas com os lotes demarcados. [...] No mês de abril já estavam instalados alguns telefones. A água e a luz demoraram pelo menos mais dois meses. Mas também ficaram cerca de 6 meses em Campo Comprido sem água e sem luz. (Rodrigues, 2001, p. 52- 53)

Este processo aconteceu de maneira semelhante à Vila Nossa Senhora da Luz. Tanto no Sabará, quanto na Vila, é possível constatar que o território não é neutro, mas é cercado e marcado por constantes tensões. O processo de reassentamento das famílias não foi tranquilo, mas marcado por disputas, relações de poder e estratégias para a transferência das famílias. (Rodrigues, 2001). O reassentamento só foi possível porque contou com a participação de toda uma rede que se movia, se alterava e estava em constante tensão.

Neste processo de reassentamento, foi possível ver nitidamente como as questões de poder atuam. Na perspectiva eliasiana, por exemplo, o poder não é fixo, tampouco unilateral. Ainda que desigual, sempre haverá resistência por parte do lado mais enfraquecido. No processo de reassentamento do Sabará, ficou nítida a disputa de poder e como é possível, em alguns momentos, o poder pender para o lado do “mais fraco”. Mas, nesta situação, apesar de conquistarem um novo local para se instalar, a balança de poder estava a favor do grupo mais forte. Afinal, as famílias foram retiradas de uma região central, bem localizada, valorizada e de fácil acesso a equipamentos públicos, e tiveram que ir para um local distante e com pouca infraestrutura. Assim, como a região que estavam era considerada uma região nobre e bem localizada (e que já estava passando por um processo de gentrificação), as/os antigos e novos moradores/es de classe média e alta não poderiam admitir conviver com essas pessoas pobres e sem moradia.

Com quantas vilas se faz a Cidade Industrial de Curitiba?

Como mencionado na seção anterior, a CIC é o maior bairro, em extensão territorial, de Curitiba. Onde começa e termina uma vila na CIC? Um turbilhão de questionamentos rondava em minha mente, não conhecia nada e nem ninguém no bairro e, por ser uma pesquisadora introvertida, recorri a outras vias para compreender meu campo de pesquisa. Foi então que liguei (no segundo trimestre de 2018) para o IPPUC a fim de ter notícias sobre as subdivisões intrabairros. O técnico me informou que para eles não há distinções de uma vila ou outra; essas nomenclaturas são feitas e reconhecidas entre as/os moradoras/es. O técnico ainda mencionou que é provável que alguns nomes tenham surgido com os loteamentos e que o Instituto trabalha com o reconhecimento dos limites fronteiros dos bairros.

Em julho de 2021 contatei novamente o IPPUC pois queria compreender por que as linhas de ônibus na CIC utilizam as nomenclaturas das subdivisões do bairro. Por e-mail, eles afirmaram que os bairros são divididos em microbairros.

Ainda querendo compreender mais sobre as diversas vilas da CIC, recorri ao *Google Maps*, o que não me ajudou muito. Ao escrever o nome da Vila (como, por exemplo, Vila Sabará), ele me indicou os equipamentos públicos que tinham esse nome (como o Centro Municipal de Educação infantil Moradias Sabará que, por óbvio, fica na Vila Sabará), mas não demarcava os limites de cada Vila (como faz quando colocamos o nome de um bairro ou uma cidade pequena). Por outro lado, ajudou-me a compreender a localização das vilas, ainda que de modo generalizado. Para além dos equipamentos públicos, o *Google* também me informou sobre a existência de um ônibus alimentador⁴³, que circulava pelas vilas.

Como o IPPUC e o *Google Maps* não me ajudaram muito naquele primeiro momento, resolvi tentar por conta própria. Fiz minhas *andanças* de ônibus no período da tarde, pois neste horário o fluxo de pessoas era menor. Ao entrar no ônibus no terminal da CIC, eu acionei o aplicativo *Samsung Health* no celular para registrar o meu percurso, como indica a Figura 11 a seguir (eu também fazia esse procedimento nos meus percursos a pé, a fim de reconhecer a região). Com o diário de campo em mãos e com o auxílio desse aplicativo, dava início às minhas *andanças*.

⁴³ Os ônibus alimentadores são aqueles que saem dos terminais de ônibus e percorrem o interior dos bairros. O trajeto pode ser intra ou interbairros.

de extensão, mas também tem aquelas com 17 mil habitantes, como a Vila Verde. (Fernandes,2006)⁴⁴.

Já para um grupo de moradoras/es do *Facebook*, o bairro é subdividido em 49⁴⁵ “quebradas” (nomenclatura utilizada pelas/os próprias/os moradoras/es, como citado anteriormente). A composição das nomenclaturas, para estas subdivisões, que precedem os nomes, são diversas: vila, moradias, conjunto ou simplesmente um nome como denominação. (Diário de Campo, 24 de fevereiro de 2019).

É importante ressaltar que as subdivisões foram feitas e nomeadas pelas/os próprias/os moradoras/es “Para **surpresa** geral [...] essas vilas mantêm o nome próprio, sem que os moradores se rendam à **facilidade** de **simplesmente** dizer que vivem na CIC”. (Fernandes, 2006, p.2, grifos nossos). É compreensível a *simplificação* em pequenas áreas, como é feito pelas/os moradoras/es, pois cada região, ainda que pequena, possui suas próprias particularidades. O local de habitação é constituído por pessoas diversas, histórias, lembranças, especificidades e memórias que só quem viveu pode descrever. Não se trata somente de quadras e ruas; cada metro quadrado vai constituindo as pessoas ao mesmo tempo em que elas o constituem.

Assim, para além da diversidade interbairros, há diferenças também no interior de cada bairro, como a vila Moradias Sabará e o conjunto Oswaldo Cruz I; a primeira é oriunda de um processo de reassentamento e de ocupações, já o segundo é resultado de um loteamento planejado cuja infraestrutura das casas foi intencionalmente projetada para ser melhor, mesmo quando comparada com as casas da sua *vizinha antiga*, a Vila Nossa Senhora da Luz ou ainda com o Sabará. Não são

⁴⁴ FERNANDES, Carlos José. A história da cidade que virou bairro. Seção Vida e Cidadania. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 8/10/2006. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/a-historia-da-cidade-que-viceu-bairro-a81isj3qhtd2vletp6v9xuw5q>. Acesso em: 2 jul. 2021.

⁴⁸ As vilas do bairro, de acordo com Josmar e demais moradoras/es do bairro que integram e ajudaram na construção da lista do grupo “Vila Nossa Senhora da Luz – A primeira do Brasil” no *Facebook*, são: Vila Nossa Senhora da Luz, Vila Nossa Senhora da Luz II, Vila Verde, Oswaldo Cruz I, Oswaldo Cruz II, Parque Verde, Moradias Sabará, Caiuá, Barigui I, Barigui II, Barigui da Estação, Alto Barigui, Independência, Resistência, Nova Barigui, Sete de Setembro, Santana, Nossa Senhora Aparecida, Vila Rose, Vila Luana, Vila Jacira, Beija-flor, Vila Concórdia, Vila Angra, Oswaldo Cruz V, Santa Helena, Vilas Novas, Ilha do Sol, Campo Alegre, Ferrovila, Santa Maria, Vitória Régia, Rondon, Vila Sandra I, Vila Sandra II, Atenas I e II, Moradias Augusta A e B, Tramontina, Colibri, Ilha Bela, Ilha Verde, Diadema, Gabinete, Vila Modelo, Ocupação Tiradentes, Dona Cida, Nova Esperança e Ocupação 29 de Março.

só as habitações que são estruturalmente melhores, o próprio planejamento urbano da região é diferente.

O Sabará tem um jeito próprio, um acolhimento, uma cultura que se expressa na arte dos muros, nos pequenos espaços entre as casas, que são feitos pelas/os próprias/os moradoras/es. Para além de todos os problemas socioeconômicos e ausência de infraestrutura apresentados neste capítulo, há também, muitas vezes, a negligência do poder público em relação à jardinagem, à manutenção e à infraestrutura no Sabará. Frente ao insuficiente serviço de manutenção de áreas públicas, há uma estética colaborativa, cooperativa das/os próprias/os moradoras/es que o ornamentam com flores e plantas (como a foto à esquerda, a seguir, em que os moradores colocaram flores e plantas em um pneu) e que, à sua maneira, expressam zelo e também a sua cultura (como nas grafitagens da foto ao meio, a seguir), deixando esses espaços mais afetuosos e que não seguem o padrão de estética da “Curitiba sua linda”⁴⁶. Na foto à direita, a garagem improvisada, mostra também que, frente aos pequenos espaços há o aproveitamento de tudo o que pode como o uso em frente ao espaço da casa, onde sempre há espaço para uma garagem, uma plantação de bananas, uma horta, uma oficina de conserto, entre outros.

FIGURA 10 — TRAJETO DAS ANDANÇAS



Fonte: Valéria Milena Rohrich Ferreira (2022)

⁴⁶ Jargão usado pelo prefeito de Curitiba, Rafael Greca, na atual gestão.

4 A CULTURA COMUM

A luta dos coletivos culturais periféricos é uma luta pelo direito à cidade, mediada, pelo acesso à cultura. (Pereira, 2019)

Antes de aprofundarmos o conceito de cultura com o qual trabalhamos nesta tese, situaremos os Estudos Culturais, por ser um marco teórico importante para esta pesquisa, contextualizando sua origem, principais autores e seus pressupostos teóricos. Isso se faz necessário uma vez que, como lembramos, a nossa intenção de pesquisa é investigar as crianças nos usos do espaço de um bairro antigo e de trabalhadoras/es de Curitiba, a CIC, analisando como elas agem em suas práticas culturais. Interessa-nos saber de que forma essas práticas acontecem diante do pouco incentivo das instâncias governamentais, tendo em vista que os incentivos públicos iniciais no bairro eram voltados para a indústria, desde sua criação e que, nas décadas seguintes, não houve investimentos esperados pelo Estado para áreas como de cultura e lazer, na mesma proporção que as indústrias tiveram incentivos na constituição do bairro.

4.1 ESTUDOS CULTURAIS

Os Estudos Culturais surgiram na Grã-Bretanha nos anos 1950, por meio de uma disciplina que foi ministrada no período noturno para trabalhadoras/es. A disciplina e os debates em torno da cultura estiveram relacionados com as transformações sócio-históricas ocorridas na Inglaterra, sendo que o período também foi demarcado pela reorganização da sociedade no segundo pós-guerra. (Cevasco, 2003) No entanto, foi no ano de 1964 que o Centro de Estudos Culturais Contemporâneo da Universidade de Birmingham foi fundado na Inglaterra. Maria Elisa Cevasco (2003) e Tomaz Tadeu da Silva (2013) descrevem que a motivação inicial partia dos questionamentos em torno da cultura dominante na crítica literária britânica, o que resultou na disparidade entre cultura e democracia.

Como meio de pôr fim à perspectiva burguesa e elitista de cultura, as obras *Culture and Society* (Cultura e Sociedade) de Raymond Williams (1948), publicada em 1958 e *Uses of literacy* (A utilização da cultura: aspectos da vida cultural da classe

trabalhadora), publicada no ano de 1957 por Richard Hoggart, foram essenciais para fundamentar as reações do Centro de Estudos Culturais. Mais tarde, no ano de 1963, chegou ao Centro uma importante contribuição teórica de Edward Palmer Thompson, por meio do livro *The making of the English working class* (A formação da classe trabalhadora inglesa). É importante ressaltar que os Estudos Culturais não excluíam a “alta cultura”, ao contrário, foi proposto um novo modo de lê-la, colocando-a no mesmo patamar da cultura popular de um modo circular e não hierarquizante (Cevasco, 2003).

Por propor essa horizontalidade entre as diferentes culturas, as perspectivas teóricas e metodológicas dos Estudos Culturais inicialmente se ancoraram em Raymond Williams. A concepção de cultura comum proposta pelo autor – que será explanada melhor mais à frente nesta tese – põe fim, no campo teórico, às distinções entre “alta cultura” e cultura popular. Os modos de vida da sociedade são ampliados e fazem-se discussões importantes em torno da cultura popular e das manifestações da cultura de massa, como livros populares, rádio, televisão e mídia em geral. (Silva, 2013)

Inicialmente, as temáticas dos Estudos Culturais debruçaram-se sobre formas culturais urbanas e gradualmente adotaram uma perspectiva mais marxista, em comparação com as pesquisas iniciais do Centro. Com o passar dos anos, os Estudos Culturais foram ampliados.

Sob tensão, o Centro de Estudos Culturais dividiu-se em dois e, em termos metodológicos, de um lado ficaram os estudiosos que realizavam pesquisas de cunho etnográfico e, do outro, aqueles que realizavam interpretações textuais. Silva (2013) relata que essas duas perspectivas refletem a origem de dois campos nos Estudos Culturais, a Sociologia e os Estudos Literários.

A etnografia é utilizada sobretudo nos estudos das chamadas ‘subculturas urbanas’, enquanto a interpretação textual é reservada para a análise dos programas de televisão e dos textos propriamente ditos de certas obras literárias consideradas ‘populares’. (Silva, 2013, p. 132)

Os Estudos Culturais não se limitaram ao Centro de Birmingham, ganharam força e foram ampliados para vários países, sendo a sua difusão, além de numerosa, também diversificada. Algumas pesquisas continuaram com o teor marxista, enquanto outras optaram pelas perspectivas sociais mais heterogêneas, centrando suas

questões em categorias como a etária, de gênero, raça, territorial, entre outras, relacionavam quando necessário.

Devido ao caráter heterogêneo dos Estudos Culturais, Silva (2013) relata que não é possível homogeneizar as pesquisas e/ou enquadrá-las em determinismos em relação à forma, metodologia, campo teórico, entre outros. O que caracteriza os Estudos Culturais, na verdade, é a centralidade dos trabalhos na análise da cultura, considerando a concepção proposta por Williams. Segundo Silva:

Os estudos culturais concebem a cultura como campo de luta em torno da significação social. A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significação. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição de identidade cultural e social dos diferentes grupos. A cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser. A cultura é um jogo de poder. (Silva, 2013 p. 133-134)

A análise das relações de poder é importante para os Estudos Culturais, afinal, ela contribui para o campo cultural. Em síntese, é possível afirmar que os Estudos Culturais se preocupam com questões que estão em torno da cultura, da significação, da identidade e do poder.

Outro ponto em comum aos trabalhos dos Estudos Culturais é a “construção social”. Silva (2013) relata que o que distingue os Estudos Culturais das outras disciplinas são as suas pretensões, uma vez que as análises, neste campo teórico, não são neutras, tampouco imparciais. As críticas feitas em torno das questões de poder tendem a defender grupos minoritários e que são socialmente marginalizados. Os Estudos Culturais têm a intenção de que suas análises intervenham no âmbito social e político nas vidas das pessoas.

Na perspectiva de Raymond Williams o termo “cultura” é uma das palavras mais complicadas para se definir no idioma inglês e, na língua portuguesa, este contexto não é diferente. Em parte, essa complexidade é resultado do desenvolvimento histórico em diversas línguas europeias e por se referir a conceitos importantes, distintos e que ainda são usuais.

A cultura no latim, *culture*, possuía diversos significados, como habitar, cultivar, proteger e honrar com veneração. Cada uma dessas palavras foi se desenvolvendo e adaptando a língua ao contexto histórico de cada país. A palavra “habitar” teve origem do latim *cultus* e chegou em *colony* [colônia]. A palavra *cultus*

desenvolveu-se e chegou até *cult* [culto] significando “honrar com veneração”. Nas formas francesas do latim cultura era *couture*. A palavra, oriunda do francês antigo, teve suas próprias modificações e que mais tarde iria se transformar em *culture*. Williams explicita que somente no século XV o termo passou para a língua inglesa, referindo-se à lavoura, mais especificamente ao seu cuidado crescente e natural. Estes foram os primeiros usos do termo cultura e todos eles se referiam a um processo, ou seja, ao cuidado com algo – mais precisamente com as colheitas e/ou com os animais. (Williams, 2007)

Foi a partir do início do século XVI que o significado “cuidado com o crescimento natural” foi ampliado, passando a se referir também ao processo de desenvolvimento humano. Em síntese, era possível afirmar expressões como “a cultura da soja este ano está boa” e “aquela mulher é muito culta”.

No século XVIII, o termo cultura desenvolveu-se e passou a se referir à civilização. Nessa perspectiva, o termo *cultura* acompanhava a palavra *civilização* e começou a ser utilizado para referir-se a um processo progressivo intelectual e espiritual. Cabe ressaltar que ainda nos dias de hoje o termo *cultura*, por vezes, está relacionado à civilização e/ou comportamento de um grupo de indivíduos.

No decorrer do romantismo (entre os séculos XVIII-XIX), sobretudo na Inglaterra e na Alemanha, o termo *cultura* passou a ser utilizado em contraposição à terminologia *civilização*, como alternativa ao que era considerado ortodoxo e dominante. Desta maneira, enfatizava-se o folclore, a cultura das nações e o domínio dos valores humanos, opondo-se assim às características mecânicas da “civilização” que o período da Revolução Industrial começou a trazer. Em síntese “[...] o termo [cultura] foi usado para distinguir desenvolvimento ‘humano’ do ‘material.’” (Williams, 2007, p.120)

As transformações do termo cultura, no decorrer dos anos, revelam a complexidade e as tensões que permeiam a terminologia e indicam que a linguagem não é estática, mas é móvel, sofre com tensões e modifica-se constantemente. No momento em que cultura se refere a processos físicos, a compreensão é mais fácil, como por exemplo a “cultura de batatas” e/ou a “cultura de bactérias”. Entretanto, quando se sai da referência física, é preciso considerar, segundo Williams, três amplas categorias, que nos ajudarão a classificar e compreender o termo, sem hierarquizá-las.

No primeiro uso da categoria, o autor considera que o termo é um substantivo abstrato e independente, faz referência ao processo de desenvolvimento no nível intelectual, espiritual e estético e começou a ser utilizado a partir do século XVIII. No segundo uso, é um substantivo independente e possui um caráter mais antropológico, pois pode ser usado de maneira mais abrangente ou específica, mas podendo indicar um modo de vida particular, um povo, um grupo ou a humanidade em geral. O terceiro e último uso da categoria também é um substantivo independente e abstrato, sendo usado para descrever as obras artísticas e as práticas de atividade intelectual. Williams (2007) relata que é este último substantivo o mais difundido.

Neste processo de transformações e atribuições de significados da palavra cultura, a autora Maria Cevalco afirma que

[...] uma das coisas que ficam evidentes nesse apanhado rápido das mudanças de significados de cultura é que o sentido das palavras acompanha as transformações sociais ao longo da história e conserva, em suas nuances e conotações muito dessa história. (Cevalco, 2003, p. 11)

Em relação à complexidade em torno do termo cultura, é preciso ressaltar que o conceito não se restringe apenas a um significado, mas sim a uma sobreposição de sentidos. Portanto, é possível afirmar que no decorrer dos anos e nos processos de variações e transformações em que o termo foi submetido, os significados, ainda que distintos, foram agregando-se e se mesclando, resultando na variedade de significados que ainda permeiam os dias de hoje.

4.2 A CULTURA COMUM E SEUS SENTIDOS

Conforme explicado no item anterior, a cultura é complexa e têm significados que passaram por processos de transformação no decorrer do tempo, em sociedades distintas. Nesta tese, optamos por utilizar o conceito proposto por Raymond Williams, pelo seu teor democrático, pelo seu caráter engajado e de solidariedade para com a cultura da classe trabalhadora, bem como por estimular pesquisas qualitativas e próximas da etnografia.

Ao ser compreendida como sendo colocada em uma posição de prestígio social, a cultura esteve “nas mãos” de uma minoria elitista. No decorrer do tempo, foi se transformando, ganhando novos significados e sendo hierarquizada por um grupo que

separava aquelas/es que podiam ter acesso a ela, daquelas/es que foram consideradas/os “indignas/os” de acessá-la. Contrapondo-se a essa ideia de que uma minoria dita o que é ou não cultura, Williams apresenta uma proposição que elimina essa hierarquização.

Sobre a “cultura popular”, Williams (2015) faz duras críticas àqueles que insistiam em estereotipar o termo, separando-a e/ou denominando-a de culturas de massa. Para Williams, esta forma de referir-se à cultura da classe trabalhadora é pejorativa e discriminatória.

Com o rompimento da elitização da cultura, Williams (2015) afirma que a cultura é comum para todos/as, enquanto indivíduos, e para todas as sociedades, pois estas apresentam especificidades e maneiras de expressar-se que diferem uma das outras.

A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra. A sociedade em desenvolvimento é um dado e, no entanto, ela se constrói e se reconstrói em cada modo de pensar individual. A formação desse modo individual é, a princípio, o lento aprendizado das formas, dos propósitos e dos significados de modo a possibilitar o trabalho, a observação e a comunicação. Depois, em segundo lugar, mas de igual importância, está a comprovação destes na experiência, a construção de novas observações, comparações e significados. Uma cultura tem dois aspectos: os significados e direções conhecidos, em que seus integrantes são treinados; e as novas observações e os significados que são apresentados e testados. (Williams, 2015, p.5)

Para o autor, a cultura é algo comum e refere-se às práticas mais simples do cotidiano dos indivíduos. A cultura é todo um modo de vida, que se dá pelo fato de se viver em uma determinada localidade, observar sua configuração e perceber de que modo acontece sua transformação. A cultura comum é, por exemplo, quando no final da tarde, Vitória (uma das crianças participantes desta pesquisa), e suas/seus amigas/os caminham pela rua em direção à casa de um dos vizinhos que vendem espetinhos de carne, e que, um tempo depois, comendo os espetinhos, se dirige com outras 3 crianças em direção à Associação de Moradores. Portanto, a forma de pensar, de expressar-se, as crenças, os ideais, o linguajar, os relacionamentos, os deslocamentos diários e esporádicos, o modo de ver e viver a vida, as obrigações do cotidiano, nos momentos de lazer, entre outros aspectos relacionados ao poder e as tensões vividas no cotidiano, compõem a cultura comum. Como mais um exemplo,

pode-se mencionar um grupo de crianças que brincava no parque infantil que existia dentro de um CMEI, em um sábado ensolarado. As crianças não estavam sozinhas; havia um adulto cuidando delas, ou seja, adultos e crianças pularam o muro do CMEI para desfrutar de um espaço público de lazer que é fechado nos finais de semana.

Para além da cultura como um modo de vida, Williams também apresenta outra perspectiva de cultura: as artes. O autor não foca o conceito apenas no modo de vida, afinal, ele afirma que “[...] usamos a palavra cultura nesses dois sentidos: para designar todo um modo de vida – os significados comuns –; e esforço criativo” (2015, p.5). Portanto, o autor não exclui as expressões e práticas artísticas, como música, teatro, museus, obras artísticas entre outras manifestações da arte. Williams, não só as considera como cultura, como também defende que elas sejam democratizadas e estejam sob o domínio de todos/as. É preciso ressaltar também que entre a cultura como um modo de vida e as obras de arte, Williams ainda considera a cultura como um processo de desenvolvimento espiritual.

Mas, em geral, o que é significativo é o leque e a sobreposição de sentidos. O complexo de significados indica uma argumentação complexa sobre as relações entre desenvolvimento humano geral e um modo específico de vida, e entre ambos e as obras e práticas da arte e da inteligência. (Williams, 2015, p. 122)

Em síntese, Williams não se restringe a pensar apenas em uma concepção de cultura, mas considera as três categorias; a cultura como um modo de vida, o processo de desenvolvimento espiritual e as obras e práticas de atividades artísticas. Sob a perspectiva do autor, estas agem de maneira circular e não hierarquizante.

A cultura estava/está em todos os lugares, situações e circunstâncias na CIC. Neste contexto, a cultura comum que a permeia, está no estilo de vida das/os cidadãs/ãos, representada também nos muros, nas atividades promovidas pelas suas instituições, na forma de cuidar das áreas comuns e em muitas outras situações e lugares, como se verá mais adiante.

4.3 A CULTURA NA CIDADE INDUSTRIAL DE CURITIBA

De início, é preciso mencionar que esta seção irá abordar diferentes lugares que são importantes tanto para a cultura do Sabará quanto para as crianças com as quais se trabalhou mais de perto, na produção de dados da pesquisa. Por

isso, ainda que rapidamente (pois os dados sobre elas serão bem desenvolvidos no próximo capítulo), começamos por apresentar as três crianças. Depois de decidirmos que a CIC seria meu campo de pesquisa, comecei uma busca de possíveis sujeitos para minha investigação. A primeira criança é um menino negro de 9 anos que participava de um projeto (que será mencionado posteriormente) e que morava em uma ocupação no Sabará. Andrew é o irmão mais velho de uma família recomposta, tendo duas irmãs mais novas e um irmão pequeno por parte de mãe.

Andrew e suas irmãs, Mariana e Priscila, também convivem com um primo, o Gustavo. O menino é branco e também frequentou, por um tempo, a instituição Bom Pastor, que detalharemos no capítulo a seguir. Gustavo caminhou conosco por alguns lugares do bairro juntamente com seus primos, mas com o tempo e o surgimento da Pandemia perdemos o contato com ele.

Outra criança que mais conseguimos nos aproximar foi Vitória, menina branca de 9 anos. Uma menina esperta que é filha de mãe surda e integrante de uma família majoritariamente de mulheres. Ela gosta de animais e sempre pode ser vista circulando por diferentes lugares com os seus cachorros e, inclusive, participou também de vários eventos da Associação de Moradores. Como será melhor detalhado no próximo capítulo, ela se dá bem com vários membros da Associação e, juntamente com eles, circula por espaços, conversas e eventos político-culturais que eles promovem.

Outras crianças que participaram de momentos esporádicos da pesquisa e que apareceram na sequência foram; Camile (tia mais velha em um ano de Vitória), que por vezes era vista caminhando ou indo à Associação com Vitória; e também Flor, de 8 anos, que frequentava, junto com Lucas, aulas de Capoeira às terças-feiras à noite em uma vila próxima do Sabará.

Com Flor e as outras crianças que faziam a aula de Capoeira, conversamos muito pouco, minutos antes do início da aula, mas elas tanto me ajudaram a entender “o mundo da capoeira”, explicando sobre os instrumentos, as diferenças entre as lutas, como também falam de suas rotinas escolares e suas percepções sobre o bairro. Um ponto interessante sobre a Flor, foi ela ter me contado que circula grandes distâncias no bairro sozinha, como da sua casa para a escola e para a casa de sua irmã mais velha. A menina morava muito perto do local das aulas de capoeira, mas retornava para casa sozinha à noite, mesmo sendo considerada a região, por parte do professor de capoeira, muito perigosa.

Na sequência, traremos então alguns locais culturais que se entrelaçam e ajudam a tecer e a compreender, na perspectiva de Elias, as redes de interdependência das crianças na relação com o espaço vivido. Decidimos apresentar apenas as instituições culturais que nos deram uma abertura maior por parte das/os moradores/as considerados por nós, como “engajadas/os” na vida da vila. Para além da capoeira, do Projeto Social de contraturno e da Associação de Moradores, acompanhamos, por um breve tempo, aulas de Mangá, de Violão e Viola caipira (em que as alunas insistiam em aprender músicas do universo coreano). Conversamos também com o professor de Judô da região e com uma moradora que fazia oficinas de produção de fotografias, a partir de vivências das crianças. Apesar de não nos aprofundarmos nessas experiências culturais desenvolvidas pelas crianças da pesquisa, elas foram fundamentais para o percurso da pesquisa e para apontar para uma perspectiva plural do campo de pesquisa.

4.3.1 Capoeira

A primeira entrevista que faço, depois da indicação de Josmar, é com Jean. Marcamos a conversa em uma padaria bem conhecida na Vila Nossa Senhora da Luz. Ao contatar e agendar uma conversa com Jean, informei que Josmar havia me passado o seu contato. Senti Jean apreensivo. Mais tarde, por meio da entrevista, soube que seu receio/incômodo era de que eu estivesse envolvida com questões político-partidárias (por ter mencionado que Josmar havia me passado seu contato). Quando ele percebeu que meu interesse era acadêmico, ficou muito mais à vontade na entrevista (neste momento soube que era necessário que me apresentasse como pesquisadora da universidade e não mais vinculada ao Josmar). Jean nos contou que participa de parcerias culturais com Josmar desde que não haja envolvimento explícito político-partidário.

Regado a suco de laranja, Jean contou-me sua história. Mineiro, branco, de baixa estatura, sorridente e muito receptivo, Jean em 2018 completou 35 anos de capoeira e, quando questionei se sua atuação era sempre relacionada com o voluntariado, ele explicou: “Flávia, é preciso tirar dinheiro de quem tem para investir naqueles que não têm”. Assim, ele trabalha remuneradamente como professor de capoeira (o primeiro a ser registrado nessa categoria no Paraná) em pequenas

creches e escolas privadas/filantrópicas na CIC. Reside há 24 anos na Vila Nossa Senhora da Luz, sempre atuando com projetos voluntários no bairro CIC.

Jean é um professor para todas as idades, ministra aulas tanto para crianças de 2 anos de idade (voltada para a musicalização) quanto para adultos, sendo as crianças e as/os adolescentes seu maior público. Para as crianças muito pequenas, e da rede privada, dá aulas de musicalização e trabalha com uma variedade de ritmos: samba reggae, afro capoeira, samba de roda, maculelê, forró, sertanejo, repente, fanfarra, entre outros tantos.

Jean também lidera um grupo de capoeira que está vinculado à Associação de Capoeira Lenço de Seda, grupo mineiro que o acolheu no início de sua carreira e ao qual ele e suas/seus alunas/os estão vinculados até hoje. O Lenço de Seda na CIC é composto por alunas/os que acompanham Jean desde que ele chegou à Vila Nossa Senhora da Luz. Atualmente, o mestre ainda ensina para essas/esses antigas/os alunas/os (que o acompanham desde a infância) e para as/os filhas/os delas/es. Jean formou professoras/es de capoeira que atuam no exterior, em países como França, Itália, Chile, México, Portugal entre outros. Ele conta que algumas/alguns destas/es alunas/os estavam envolvidos com entorpecentes e a capoeira foi um meio de "resgatar e apresentar novos caminhos" a essas/esses jovens. Ele destaca que seu maior prazer é contribuir para que eles tenham outras possibilidades de vida.

Ao ser questionado sobre a relevância da capoeira, Jean responde que ela possui diversos benefícios, como formação, disciplina do corpo e respeito pelo outro. Além da "capoeira social", que acontece nas terças e quintas-feiras, Jean nos conta que aos sábados há reuniões deliberativas realizadas em sua casa, geralmente acompanhadas de rodas de samba. O mestre possui uma chácara privada com objetivo formativo do seu grupo. Lá, são realizadas oficinas em que ele trabalha conceitos mais densos e realiza práticas, como, por exemplo, o processo de confecção de Berimbau.

No período de um mês, no ano de 2019, frequentei as aulas de capoeira de Jean no seu projeto social, sempre às terças-feiras, no período da noite. Por estar em uma região avaliada por ele como perigosa, nos encontrávamos no terminal e de lá íamos para o projeto. O grupo era intergeracional e relativamente pequeno, em torno de 12 pessoas, entre mulheres, homens, adolescentes e crianças. As aulas começavam com um alongamento, seguida da capoeira, finalizando com uma roda. Em geral, neste momento tocava-se instrumentos ou acontecia o momento da roda

de samba e/ou outro ritmo. Em uma das aulas de Jean, o número de participantes não foi tão alto e fui convidada a participar do momento dos instrumentos. O grupo cantava as cantigas e tocava, cada um com o seu instrumento e, de tempos em tempos, havia revezamento para que todas/os manejassem um instrumento diferente. Fiquei entre Jean e a menina Flor, e os dois me auxiliaram a tocar o triângulo e o reco reco.

Durante dois meses, acompanhei as aulas no grupo que se reunia às terças-feiras. Neste período, acompanhei e conversei com duas crianças (sempre alguns minutos antes do início da aula). Gustavo e Flor me explicavam alguns movimentos da capoeira e me apresentavam os instrumentos musicais, mas também era nesse momento que eu podia perguntar sobre o que eles pensavam sobre seus deslocamentos pelo bairro. Lucas é muito crítico sobre isso e contou que se mudou recentemente para a CIC. Ele já havia residido no bairro, mas foi para o Tatuquara (bairro próximo e vizinho da CIC). Ao ser indagado sobre sua preferência, o menino apontou as facilidades e divergências entre os dois bairros. Mencionou que onde morava, no Tatuquara, os equipamentos públicos básicos eram mais próximos, quando comparado com a CIC. É importante ressaltar que o Tatuquara é um bairro menor e que, assim como a CIC, está localizado no extremo sul de Curitiba e que compartilha de problemas infraestruturais tanto quanto a CIC. Quando perguntei sobre questões do próprio bairro, Gustavo me explicou que os preços das mercadorias no comércio próximo ao terminal da CIC são mais caros, quando comparados com as lojas no interior do bairro. Ressalto que o entorno do terminal da CIC é considerado uma região central e mais valorizada, quando comparado com regiões mais distantes desse “centro” da CIC. Na sequência, algumas imagens das aulas da capoeira mostram essa integração entre adultos, jovens e crianças.

FIGURA 11 — IMAGEM DAS AULAS DE CAPOEIRA



Fonte: a autora (2022).

No final de maio de 2019, Jean me avisou sobre uma parceria firmada, agora com a Escola Municipal Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, que se encontra na região central da Vila. Aos sábados há um projeto na escola, em que se oferece várias modalidades de esportes, oficinas e atrações culturais para as crianças, por voluntários/os. Resolvi ir, pois haveria uma oficina de capoeira, e eu encontraria Flor. Ao chegar na escola, não localizei o grupo Lenço de Seda e fui informada que a oficina foi adiada para o próximo sábado.

Resolvi permanecer no pátio da escola onde estava acontecendo uma contação de histórias para as crianças menores. Neste momento, fui surpreendida por uma mensagem de WhatsApp da tia de Andrew, na qual o menino perguntava por que eu não estava acompanhando a apresentação especial de Dia das Mães. Como

já estava na Vila, perguntei o endereço e fui em direção ao Projeto da Irmã Rita (fui de ônibus, cheguei atrasada, mas consegui participar de parte do evento). Pensei que seria uma boa oportunidade para conversar com a Irmã Rita, afinal não tinha conseguido contatá-la via e-mail, e de fato, foi bom ter comparecido ao evento. Irmã Rita é uma figura religiosa importante e conhecida em toda a CIC (e em outros bairros do sul e extremo sul de Curitiba). É ela quem gerencia a Instituição Bom Pastor frequentada por Andrew e seu primo Gustavo. A irmã e a instituição serão melhor apresentadas na próxima seção.

4.3.2 O Projeto das crianças

Cheguei ao Centro de Integração Social Bom Pastor⁴⁷, que fica no Sabará, quase no final da programação do Dia das Mães (que aconteceu no final do mês de maio de 2019)⁴⁸. Como igrejas ou castelos medievais que ficavam no ponto mais alto da cidade, assim é o Centro Bom Pastor, localizado na parte mais alta do Sabará. Fui recepcionada, já de início, por algumas irmãs da ordem Sagrado Coração de Jesus que, gentilmente, me indicaram o caminho do Ginásio (do portão já era possível ouvir as músicas do evento). A arquibancada estava cheia de familiares entusiasmados munidos com os seus celulares para registrar o momento.

Avistei a tia de Andrew e suas irmãs no final do ginásio e caminhei até lá. Consegui assistir a última apresentação de balé (em que Mariana protagonizou uma apresentação solo de dança coreografada) e acompanhei a oração final do encerramento, o Pai Nosso. As três crianças ficaram muito animadas com minha presença, cumprimentei e conversei um pouco com elas sobre a apresentação e o espaço físico do projeto (enquanto aguardava a diminuição de familiares em torno da Irmã Rita). Muitas famílias estavam em torno da líder religiosa, foi então que me aproximei do grupo. Como uma celebridade, a irmã atendeu os pedidos das famílias para tirar uma foto, outros foram cumprimentá-la e comentar que já pertenceram ao projeto quando pequenos. A irmã conversava animadamente com as/os responsáveis e até se arriscou a imitar alguns passos de Hip Hop de uma das

⁴⁷ O nome da instituição é fictício.

⁴⁸ Neste sábado estava acompanhando um evento cultural na Escola Municipal Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, na Vila Nossa Senhora da Luz, que acontece aos sábados.

apresentações das crianças, ao mesmo tempo em que ouvia algumas pessoas ao seu redor, que aproveitavam para solicitar alguma informação ou pedido de ajuda, como por exemplo, uma mãe que pediu informações sobre óculos para a filha. No mesmo momento, a irmã Rita mandou uma mensagem via celular para saber da situação dos óculos e informou à família que eles já estavam prontos e que já poderiam ser retirados na ótica⁴⁹.

Após as sessões de fotos, conversas e solicitações, consegui me apresentar a ela. Caminhando para a saída do ginásio expliquei minha intenção de pesquisa. Curiosa para saber como soube do evento, revelei que já estava acompanhando algumas crianças que frequentavam o projeto e que, como estava na CIC, fui assistir à apresentação. Enquanto as/os funcionárias/os fechavam o espaço, a irmã Rita animadamente mencionou que nosso encontro foi um acaso divino. Ela me apresentou a irmã Lourdes (uma espécie de assessora) e marcamos uma data para conversar e visitar o espaço.

Após alguns dias da apresentação do Dias das Mães, irmã Lourdes me recepcionou pontualmente e me explicou que o Centro de Integração Bom Pastor existe há 35 anos e surgiu na vila Santa Helena, uma outra vila na CIC, atendendo crianças e adolescentes. Inicialmente, o centro foi construído para a comunidade poder lutar por seus direitos, com cursinhos e oficinas e, até o ano de 1999, entre outras ações, distribuía cestas básicas. Irmã Lourdes conta que as irmãs que atendiam naquela época, tinham uma concepção mais assistencialista e sem nenhuma formação específica, ensinavam o que sabiam, como, por exemplo, ofertavam oficinas de pintura em tecido. No ano de 1999, a irmã Rita assumiu o local e começou a reestruturar e reformar o centro e passou a atender crianças e adolescentes em um projeto de jornada ampliada e de contraturno escolar. Com as mudanças e alterações na legislação de Assistência Social no Brasil, a instituição foi se adequando e desde o ano de 2006 trabalha com serviço de convivência e fortalecimento de vínculos.

A irmã Lourdes nos conta que a questão de drogas na CIC era bem complicada. Havia duas gangues rivais que geravam mortes, em média, um adolescente por semana. Em um desses episódios, um adolescente foi morto por

⁴⁹ Em entrevista, a Irmã Lourdes (que coordena o Centro de Integração Social Bom Pastor juntamente com a Irmã Rita) informou que a instituição está em constante busca de parcerias, uma delas é com o Rotary Clube que financia óculos para crianças de baixas condições econômicas.

engano; ele era irmão de uma criança da creche das irmãs. A irmã Rita foi convidada pela mãe do adolescente para rezar no ato fúnebre. Foi nessa ocasião, contou a irmã Lourdes, que a Irmã Rita, a líder religiosa, recebeu "um chamado divino"; ela teve o sentimento de que o menino pediu para que ela interviesse nas situações do bairro: "faça alguma coisa antes, rezar aqui no caixão não resolve".

A partir desse episódio, a irmã Rita começou a juntar a "piazadinha"⁵⁰ no campinho para jogar bola. O campo de futebol de areia era precário, ficava na frente da casa das irmãs (onde hoje é a unidade de saúde) e muito disputado, pois era um dos únicos na região. Inicialmente, foi a própria Rita que treinou as crianças, depois pediu ajuda para os seminaristas e somente depois de dois ou três anos contratou um técnico. A cada sábado, o número de "piás" (meninos) aumentava, e houve até um tempo em que a irmã conseguiu uma parceria com o clube do Atlético, mas esta parceria durou um curto período de tempo.

Como já mencionado, o campinho de futebol era muito disputado, e por vezes, a Irmã Rita chegava com os meninos e o espaço estava ocupado (por pessoas que jogavam bola ou por usuárias/os de entorpecentes). Em alguns momentos, o grupo se dirigia a outros lugares mais distantes no bairro. A irmã e as crianças precisavam de um campinho fixo para treinar. Foi então que Rita recorreu a um grande empresário do ramo imobiliário que, possuindo muitos terrenos na região, doou um para a irmã construir sua escola de futebol (lugar em que hoje encontra-se o ginásio da instituição)

No momento da terraplanagem do terreno doado, os pedreiros avançaram em um terreno ao lado, e o erro só foi identificado depois que toda a fundação da obra havia sido feita. A irmã Rita foi então negociar a parte invadida e recorreu novamente ao empresário (que entrou em contato com o dono deste outro terreno e fez uma permuta de terrenos). O mesmo empresário também acabou doando mais terrenos, totalizando quatro. Atualmente, a instituição conta, então, com cinco terrenos (um deles foi comprado), totalizando 5.000m². Para além das doações dos terrenos, a irmã Rita conseguiu investimentos financeiros de um grande grupo religioso (que atua na Educação) e, mesmo com recursos em mãos, ela foi em busca de descontos a fim de

⁵⁰ Em Curitiba o termo *piá* refere-se a meninos pré-adolescentes e adolescentes.

baratear a obra. O resultado das parcerias e da economia feita, foi a construção de um campo de futsal.

A irmã Lourdes nos conta que as doações são insuficientes para sustentar a instituição, há convênios firmados com a prefeitura e com o FAS (Fundação de Ação Social de Curitiba) para custear os salários das/os funcionárias/os e demais despesas. Sobre essa realização de convênios entre o público e o terceiro setor é uma característica do desenvolvimento de políticas das últimas décadas. Sobre isso, Carlos Montañó explica:

Em geral, as organizações do chamado 'terceiro setor' não têm condições de autofinanciamento e requerem, particularmente, a transferência de fundos públicos para seu funcionamento mínimo. Esta transferência é chamada, ideologicamente, de 'parceria' entre o Estado e a sociedade civil. O Estado, supostamente, contribuindo (financeira e legalmente) para propiciar a participação da sociedade civil. (Montañó, 2002, p. 4-5)

Sobre as crianças que frequentavam este projeto da irmã Rita, soube que Gustavo, primo de Andrew, o utilizava⁵¹. Telefonei então para a sua mãe, expliquei o propósito da pesquisa e perguntei se Gustavo poderia participar da pesquisa. A mãe autorizou e então, combinei um dia tanto para pegar a autorização quanto para perguntar ao próprio Gustavo, pessoalmente, se ele concordaria em conversar.

Como ele também concordou, aproveitei no mesmo dia para iniciar uma conversa sobre suas vivências no bairro. Perguntei para ele sobre o projeto, pois sabia que ele frequentava e, espantei-me com a resposta, pois o menino comentou que havia parado de ir ao projeto. Quis saber o motivo e ele foi explícito “é que não tem mais prato pra mim”. Fiquei pensativa com a fala dele e precisei entender a questão.

Há as crianças que são do centro de convivência (cujo ingresso se dá por meio do encaminhamento do FAS) e, para estas, o projeto é gratuito, mas, há aquelas que igualmente frequentam o projeto, mas que precisam pagar uma “pequena taxa” para custear o almoço (Gustavo fazia parte desse grupo). Há ainda as crianças que frequentam somente as oficinas, o custo era de R\$30,00 para atividades que aconteciam uma vez na semana e R\$40,00 para aquelas que aconteciam duas vezes na semana. Existe ainda, um outro grupo pagante que são as crianças de 5 anos,

⁵¹ Chegamos ao Gustavo da seguinte forma: a mãe de Andrew, comentou que tinha um sobrinho com o mesmo perfil de Andrew (morador do Sabará e frequentador da instituição Bom Pastor), a mãe das crianças me passou o contato de sua irmã.

estas, são crianças que já saíram da educação infantil, saíram do tempo integral e precisam ficar em algum lugar enquanto suas famílias trabalham. Assim, se por um lado é notório os benefícios da instituição para com a comunidade (principalmente com aquelas famílias que não conseguiram vaga nas creches ou no Ensino Fundamental integral), por outro, é necessário problematizar que essas ofertas de atividades acontecem nas brechas deixadas pelo Estado que tem sido negligente na oferta de vagas em creches e escolas e é nestas ausências que agem as Organizações Não Governamentais (ONG's). Desta forma, muitas vezes, como se viu no caso de Gustavo, essas ofertas não são inteiramente gratuitas, onerando e limitando o uso por boa parte da comunidade que precisa, mas, não tem o dinheiro para pagar.

Este jogo entre falta de vagas em instituições públicas e o atendimento a partir de convênios entre público e o terceiro setor, é uma característica do desenvolvimento de políticas das últimas décadas. Sobre isso, Carlos Montaña explica:

Em geral, as organizações do chamado 'terceiro setor' não têm condições de autofinanciamento e requerem, particularmente, a transferência de fundos públicos para seu funcionamento mínimo. Esta transferência é chamada, ideologicamente, de 'parceria' entre o Estado e a sociedade civil. O Estado, supostamente, contribuindo (financeira e legalmente) para propiciar a participação da sociedade civil. (Montaña, 2002, p. 4-5)

De acordo com o autor, existe um discurso falacioso sobre uma suposta escassez de recursos que sustenta a retirada do Estado e de sua responsabilidade social, e a expansão de serviços comerciais e/ou desenvolvidos pelo terceiro setor. O autor explica que se cria aí uma suposta nova “questão social”.

A 'questão social' – que expressa a contradição capital-trabalho, as lutas de classe, a desigual participação na distribuição de riqueza social – continua inalterada; o que se verifica é o surgimento e alteração, na contemporaneidade, de suas refrações e expressões. O que há são *novas manifestações da velha 'questão social'*. (Montaña, 2002, p. 2, *grifos do autor*).

Como solução para crise, o neoliberalismo reforça o mercado, minimizando e/ou eliminando a intervenção social do Estado em diversas áreas e atividades e desresponsabilizando-o em relação às intervenções. Esta é, portanto, a resposta neoliberal para a “nova questão social”, resposta esta que visa

[...] acabar com a condição de *direito* das políticas sociais e assistenciais, com seu caráter *universalista*, com a *igualdade de acesso*, com a base de *solidariedade e responsabilidade social e diferencial* (todos contribuem com seu financiamento e a partir das capacidades econômicas de cada um). (Montaño, 2002, p.2)

Montaño (2002) afirma que o projeto neoliberal engloba distintas respostas. Uma delas é a precarização das políticas sociais e assistenciais, sobretudo aquelas fornecidas “gratuitamente” pelo Estado. A segunda, é a privatização da seguridade e das políticas sociais e assistencialistas desdobradas em duas perspectivas: uma, é a re-mercantilização dos serviços sociais e a outra é a re-filantropização como resposta às questões sociais, na medida em que setores da sociedade ficam desassistidos pela assistência estatal (precária, ausente e sem cobertura estatal para parte de grupos populacionais) e sem condições econômicas para acessar serviços privados (caros). Transfere-se, assim, para "a órbita da 'sociedade civil' a iniciativa de assisti-la mediante práticas voluntárias, filantrópicas e caritativas, de ajuda-mútua ou auto-ajuda” (Montaño, 2002, p.4). O autor afirma que é neste campo que surge o terceiro setor, que atende a população excluída e sem seus direitos garantidos.

Escamotear a veracidade deste processo exige um duplo caminho: primeiro da indução a uma imagem mistificada de construção e ampliação da cidadania e democracia, porém retirando as reais condições para sua efetiva concretização; segundo, o da indução a uma ideológica imagem de transferência de atividades, de uma esfera estatal satanizada (considerada naturalmente como burocrática, ineficiente, desfinanciada, corrupta) para um santificado 'setor' supostamente mais ágil, eficiente, democrático e popular (o de uma 'sociedade civil' transmutada em 'terceiro setor'). A desresponsabilização estatal das respostas às seqüelas da 'questão social' é compensada pela ampliação de sistemas privados: mercantis (empresariais, lucrativos) e filantrópicos-voluntários (do chamado 'terceiro setor'). (Montaño, 2002, p. 2)

Ainda que as taxas cobradas pela instituição Bom Pastor sejam pequenas, o valor compromete a renda dos economicamente desfavoráveis. No caso do projeto da irmã Lourdes, compreendi que a família de Gustavo não pôde arcar com a taxa cobrada pelo projeto e o menino ficou “sem o prato” e precisou sair da instituição. É preciso ressaltar que esses episódios aconteceram antes do período pandêmico e é provável que a situação tenha piorado muito com a pandemia.

Gustavo não é alienado da situação econômica de sua família, ao contrário, ele tanto vive esta situação diariamente, quanto também tem sugestões de como interviria para melhorar a situação econômica das pessoas pobres, caso pudesse. Ao

questioná-lo sobre quais mudanças faria, caso fosse prefeito, por exemplo, Gustavo responde que iria diminuir o “salário” da água (referência ao alto custo da conta de água) e também não permitiria que as pessoas perdessem o emprego. O menino, desde muito cedo, convive com os problemas socioeconômicos que afligem sua família e demais pessoas da comunidade.

4.3.3 A Associação de Moradores que ocupou seu lugar no bairro

Entendemos como “morador/a engajado/a” pessoas significativas que são referências em uma determinada área, prestando serviços de relevância, contribuindo, portanto, com a comunidade. O primeiro morador engajado que encontramos foi Josmar, localizado por meio das redes sociais, atuando como moderador de vários grupos na CIC. Em nossa primeira conversa, ele nos falou que as/os artistas na CIC estão articulados como uma rede. A rede de Josmar nos auxiliou para contatarmos à/ao outras/os artistas na CIC. Josmar foi fundamental para nos conectar com outras/os moradoras/es engajadas/os.

Na biografia de Josmar, nas redes sociais, ele apresenta-se como diretor de teatro e presidente do Instituto de Cultura e cidadania Nação da Luz CIC. No final de setembro de 2019, Josmar foi eleito para ser representante do Conselho de Cultura da regional CIC na gestão 2019-2021. Este conselho conta sempre com a participação de representantes da comunidade, mas os/as antigos/as representantes eleitos/as, de acordo com Diogo (atual Presidente da Associação de Moradores do Sabará I)⁵² e Josmar, estavam em consonância com o governo municipal e não atuavam em prol das solicitações da população. (Diário de Campo, 8 de junho de 2019)

Foi na calçada, na frente da casa da mãe do Diogo, que Josmar, Diogo e Wainer (outro integrante da Associação de Moradores do Sabará) conversavam sobre como o conselho não os representava e apontavam para a necessidade de ter alguém da “quebrada” que pautasse, enfrentasse e representasse a comunidade na regional CIC. Tempos depois, Josmar elegeu-se para ser representante e antes, fez uma forte campanha nas redes sociais.

⁵² Diogo é amigo de Josmar e falaremos melhor sobre ele mais adiante.

Josmar é uma pessoa que visa à valorização da cultura na e da “quebrada”. Para ele, não são as/os periféricas/os que precisam ir até os centros culturais para acessar “um tipo específico” de cultura, mas sim, é a “quebrada” que precisa reconhecer, valorizar e consumir a cultura que ela mesma produz. Sempre animado com os aspectos culturais da comunidade, Josmar, naquele ano da pesquisa, planejava replicar um modelo de gincana cultural, realizado nos anos 1990, na CIC.

É importante mencionar que Josmar, assim como outras/os moradoras/es engajadas/os, consideram-se “periféricas/os”, ou seja, fundem as suas próprias identidades às do seu território. Sobre este aspecto, inclusive, em consonância com essa identidade, nesta tese poderemos utilizar, muitas vezes, o termo “periférica/o” para se referir aos sujeitos dessa pesquisa, pois o termo contém uma denotação de sentido que é a de um firme posicionamento político, de um reconhecimento e valorização do lugar onde moram. Sobre a cultura periférica, produzida por estes sujeitos, Raquel de Padua Pereira (2019) menciona que há uma relação entre as ofertas de espaços culturais em determinadas áreas das metrópoles e o sentido político da produção cultural periférica: inserção na vida urbana sem mediação do mercado, rompendo com a lógica econômica e territorial do circuito cultural hegemônico.

Começamos, então, a acompanhar Josmar e a participar de suas reuniões. A imagem logo a seguir refere-se a um folder divulgado nas redes sociais a fim de reunir interessadas/os no projeto que ele estava construindo. A internet, neste sentido, tem sido um importante meio de convocação e de divulgação das propostas. Pereira (2019) também tem observado este uso da internet para divulgação de promoções de eventos culturais na periferia. Em relação a esses coletivos que se reúnem visando a promoção cultural, Pereira, afirma que

[...] há um posicionamento político dos coletivos que se torna evidente pelo próprio fazer artístico, como também pela sua articulação em rede, fortalecida pela construção de uma cena [dinâmica das manifestações artísticas em determinado contexto e lugar] que congrega coletivos de outras periferias em distintas escalas: urbana, metropolitana, nacional, continental e mundial. (Pereira, 2019, p. 105)

FIGURA 12 — CONVITE DO CICULTURA



Fonte: Página do Cicultura na rede social Facebook (22/02/2019)

Sobre esse movimento de valorização da cultura da comunidade, a autora, que analisa essa questão em São Paulo, menciona que há uma centralização de equipamentos culturais nessa cidade, dificultando o acesso para a população periférica. A realidade mencionada por Pereira (2019) é semelhante (guardadas as devidas proporções), com o caso curitibano. Pereira afirma que a população periférica

[...] entra em contato com as ações quando se depara com as intervenções urbanas em ruas, calçadas, praças, parques, estações de trem e metrô, escadarias, vielas, terrenos abandonados pelo Estado, escolas públicas, entre outros [em regiões centrais da cidade]. O compartilhamento com a comunidades dos bairros ocorre no plano concreto - por meio das ações propriamente ditas - e no plano virtual, já que quase todas as ações são divulgadas amplamente na internet. (Pereira, 2019, p. 105)

Sobre essa produção cultural no Sabará, foram cinco meses acompanhando as reuniões promovidas por Josmar. Inicialmente elas eram mensais, depois passaram a ser semanais. Devido à baixa frequência nas reuniões – quando estas eram realizadas na CIC – os encontros passaram a ser feitos em um bar popular no centro de Curitiba. As reuniões foram, a cada dia, aumentando o teor

político/partidário. A cada reunião diminuía a frequência de artistas culturais periféricas/os e aumentava o número de pessoas jovens que eram filiadas ao partido que Josmar recém tinha se filiado.

Nos últimos meses, o quantitativo de pessoas, tanto ligado ao campo político quanto cultural, havia diminuído, a tal ponto de encerrar os encontros que antecederam o evento tão idealizado por Josmar. A redução brusca de pessoas do partido político, deu-se principalmente por discussões em torno da divergência ideológica em um grupo do *WhatsApp* (ainda que todos, ao que pareceu, pertenciam ao mesmo partido de centro-esquerda). Depois que as reuniões passaram a acontecer em um bar na região boêmia de Curitiba, fomos percebendo o movimento de diminuição de pessoas e a completa ausência de artistas do CIC.

A formação e a experiência de Josmar estava em torno do Teatro, ele de fato “levantava a bandeira” da cultura, entretanto também usava-a para seus interesses, isso quer dizer que, por um lado, tinha a preocupação com a questão cultural periférica, mas, por outro, o foco maior de sua atenção, naquele momento, estava em tentar se eleger a Deputado Federal, mas não conseguiu. É importante ressaltar que algumas ideias de Josmar, em relação à promoção de seus eventos, beirava a utopia, como um retiro de imersão de três dias na Associação de Moradores no Sabará (que não aconteceu), para reunir artistas da CIC e contar com palestras de artistas e políticos de Curitiba que tem um viés ideológico, mais de centro. O evento finalizaria com uma manifestação cultural, comandada por um mascote que seria construído no próprio evento, que sairia da Rua São Francisco (uma rua boêmia conhecida no centro da cidade) e terminaria nas ruínas de São Francisco no Largo da Ordem (uma importante região no centro de Curitiba, com várias manifestações artísticas e culturais). A ideia era interessante, mas pouco viável, pois não havia patrocínios, recursos financeiros e materiais, estrutura e tempo hábil para a efetivação de um evento de grandes proporções. O clima e a localização também não ajudaram, pretendia-se montar barracas, mas o frio inviabilizou a promoção do evento, assim como a localização, pois a Associação é em uma área úmida e fria. O grupo tinha a intenção de organizar esse evento em quatro meses. O evento aconteceu, não com as proporções esperadas, mas resumiu-se em uma pequena roda de conversa em uma tarde do inverno curitibano. Josmar foi protagonista de outros eventos interessantes, como a grande marcha cultural logo no início de 2018 (que reivindicava um prédio para sediar aulas e eventos culturais da população do bairro).

O primeiro evento organizado por Josmar que acompanhamos, ocorreu no dia 12 de agosto de 2018, denominado por ele de “Plenural”. Tratava-se de uma plenária cultural, como meio de promover oficialmente sua candidatura. O evento aconteceu na Associação de Moradores do Sabará I, na Vila Moradias Sabará. Estavam presentes os pais de Josmar, algumas/uns amigas/os e pessoas filiadas ao partido de esquerda que ele estava filiado naquele momento. Foi assim que conhecemos a Associação e, por ser um espaço que foi ocupado pelas/os moradoras/es, nos chamou a atenção. Passamos então a acompanhá-la por suas páginas nas redes sociais, inicialmente nos baseando nelas para ficar a par das atividades culturais que ocorriam lá.

FIGURA 13 — FRENTE DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES



Fonte: Google Maps (2019).

Como dito anteriormente neste texto, há mais de uma associação e a que pesquisamos é a Associação de Moradores do Sabará I. O prédio e o terreno da Associação de Moradores do Sabará, um dia já pertenceu à prefeitura de Curitiba e abrigou o Projeto Piá Ambiental. O Programa de Integração da Criança e do Adolescente (PIA) era um espaço educativo, em que a proposta pedagógica se baseava em princípios da prática social, como a educação para o trabalho, a ação coletiva e o caráter informal e lúdico. Com o fim da Secretaria Municipal da Criança (SMCr) os programas passaram a ser gerenciados pela Secretaria Municipal de Educação (SME) e foram vinculados a uma escola municipal. De acordo com o site da prefeitura de Curitiba, outras 34 unidades de contraturno escolar, que eram geridas

pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente (PIÁ Ambiental), também passaram a ser administradas pela SME. Só no Sabará havia cinco projetos PIÁ Ambiental. Um deles ficava na parte de baixo da vila próximo a um córrego e uma área verde. É nesse espaço que hoje funciona a Associação dos Moradores Sabará I.

Diogo, que morou por muitos anos na casa que fica bem em frente a este Projeto Piá, conta algumas coisas sobre este espaço. Diogo é, atualmente, presidente desta Associação de Moradores, tem 31 anos e é formado em jornalismo, mas, por falta de oportunidade, não atua na área e, no ano de 2020, começou a trabalhar em um restaurante. Diogo foi morador da vila durante toda a sua vida, entretanto quando o entrevistamos (08 de março de 2019) ele estava residindo no centro de Curitiba, mas com frequência visitava a vila, pois sua mãe ainda residia lá, do outro lado da rua da Associação. Diogo nos conta que ele e seus amigos frequentaram o projeto PIÁ Ambiental quando eram crianças. Sua mãe era a pedagoga no projeto e por essa razão ele lembra de muitas informações técnicas da realização do projeto.

Criado na gestão Greca, o projeto era voltado para o contraturno das crianças. “Todo mundo ia para a escola de manhã e à tarde íamos para o projeto”(Entrevista concedida por Diogo no dia 8 de março de 2019). Diogo nos fala da relação desse projeto com os projetos da “Família folhas” e do “Curitibinha”. O primeiro projeto era predominantemente voltado para a ecologia e sustentabilidade e, de acordo com Diogo, havia uma parceria entre as secretarias de Educação e de Meio Ambiente em que todas/os, inclusive a equipe pedagógica, faziam formações de qualidade, muitos, na UNILIVRE (Universidade Livre do Meio Ambiente). Diogo nos explica que o projeto tinha muitas vantagens:

[...] não tem nada a ver com a cultura, mas era um projeto muito bom chamado horta comunitária da prefeitura. Eles [os/as adolescentes] produziam as folhas [...]. Era com uma rapaziadinha que [...] já não ia mais para o projeto e estavam numa situação mais delicada. É do lado da Associação, era bem perto do córrego, tem um espaço bem grande ali. Eu não me esqueço porque a gente ia brincar lá, quando fechava tudo a gente pulava lá dentro pra desbravar, criançada neh?! E isso acabou também. Eles fecharam tudo, mas eu lembro que meu irmão evários caras do bairro... O bairro era muito perigoso, né?! Então eu lembro assim, que vários caras que estavam tomando decisões erradas na vida, eles ganhavam tipo um vale transporte e um auxílio mínimo, mas assim pra galera do bairro que não tinha nada, era muito massa. Então era muito legal porque tinha uma linearidade, você começava no projeto Piá Ambiental, migrava pra horta e da horta você já estava meio que adulto, podia ir pra vida. (Entrevista concedida por Diogo no dia 8 de março de 2019).

Continuando a opinião de Diogo em relação ao projeto, afirmou também que o PIÁ Ambiental viabilizou a relação entre prefeitura e comunidade, pois “[...] eles conseguiam trazer as pessoas pra dentro, dessa questão da prefeitura, então tinha um diálogo mais franco, acho que era muito mais legal.” (Entrevista concedida por Diogo no dia 8 de março de 2019).

O projeto PIÁ foi assumido pelas escolas, como contraturno e/ou educação integral, por esta razão as crianças foram remanejadas para escolas da região. Grande parte delas foi para o CAIC e outras foram para a Escola Municipal Mansur Guérios. As crianças seguiram com a lógica do contraturno, mas o presidente da Associação relatou que não era a mesma situação, pois a proposta tinha mudado.

O pior não foi a transferência das crianças, mas sim o abandono dos 4 ou 5 espaços. Hoje em dia tem um ou dois desses 5 espaços. Três, mas um é da polícia; um é de uma ONG que se chama Empodere – que a gente já fez trabalhos com eles. Eles trabalham com todas as idades e com crianças especiais – e o nosso espaço. Nosso espaço é o único espaço que é uma associação no local e que a gente tenta trabalhar com algo assim nesse sentido, de resgate dessa ideia ambiental e educacional. Mas é muito difícil também, porque a gente não tem nenhum apoio de capacitação, eu acho que, além de grana né?! Porque assim, não digo que seja o principal, mas no sentido de capacitação. Se você não tem alguém que possa dar aula, como você vai trazer crianças, se você não tem professor? Amarrando essa ideia, eu to lá por causa disso, mas tem esse engajamento e essa aura de educação. A gente tenta manter por isso, porque é um dos únicos locais ali no Sabará que lida com cultura dessa forma, né?! Mais informal. (Entrevista concedida por Diogo no dia 8 de março de 2019)

Na perspectiva de Diogo, quando o projeto enfim foi encerrado, não houve segurança para manter os materiais que ali estavam, e alguns materiais foram redistribuídos para as escolas.

Apesar do deslumbramento de Diogo sobre o projeto, há ressalvas a serem feitas. Não temos a pretensão de discutir aqui sobre o projeto PIÁ, mas Valéria M. Rohrich Ferreira (2008), em sua tese, analisa tal projeto no bojo de um projeto maior de cidade da década de 1990 e início do século XXI, demonstrando justamente, que havia um reforço de um certo projeto educativo e de cidade, pouco crítico-social com relação ao meio ambiente e também mais próximo de um projeto eurocêntrico, branco e de classe média. O mascote do Projeto de Cidade, por exemplo, é um menino branco, de classe média, intelectual e ecológico. Reconhecemos a aflição de Diogo em tirar as crianças da rua e, de certa forma, livrá-las do tráfico de drogas e da violência, mas as atividades e eventos desenvolvidos na Associação de Moradores

são muito mais plurais, benéficas e educativas do que a proposta inicial do projeto PIA, uma pena não poderem contar com recursos para que tenham sistematicidade e ampliação, uma vez que dialogam fortemente com a cultura da comunidade.

De acordo com o site da prefeitura, o projeto foi gerenciado pela Secretaria Municipal da Crianças (SMCr) e, com a extinção dessa secretaria, o programa passou a ser gerenciado pela Secretaria Municipal de Educação (SME). Cada um dos prédios, assim como a sua administração pedagógica, passou a fazer parte (ser uma extensão) de uma escola municipal. Não se sabe ao certo o motivo deste espaço ter ficado vazio (provavelmente pelo prédio ter ficado muito distante para ser vinculado a uma escola municipal). Com o espaço ocioso o prédio começou a ser depredado.

O pessoal foi entrando lá, e espaço ocioso em bairro é muito ruim, porque assim o pessoal não tem essa ideia de cuidar. Na verdade, é uma ideia cultural, né?! As pessoas podiam aprender, na verdade não é que eles não saibam, a verdade é que eles não aprenderam a cuidar do espaço, e daí o espaço foi sendo degradado, depredado principalmente. Daí começaram a chegar os *nóia* [usuários de entorpecentes] lá e começaram a roubar. Roubaram a geladeira, roubaram a fiação, isso, a gente tem esse problema. (Entrevista concedida por Diogo no dia 8 de março de 2019)

Diogo, ao perceber a tristeza das/os moradoras/es pelo abandono e depredação do “projetinho”, juntamente com algumas/ns parceiras/os, resolveram ocupar o prédio do Projeto PIÁ Ambiental e finalmente retomaram como uma Associação de Moradores. A mãe de Diogo, além de pedagoga deste projeto, foi presidente de uma das Associações dos Moradores no Sabará, o que provavelmente fez com que Diogo tenha aprendido muito sobre como gerenciar uma Associação. Apesar da estrutura “convencional”, composta por presidente, vice-presidente e secretárias/os, o papel que a Associação desempenha vai além de reivindicações de melhorias e infraestrutura no bairro, a Associação intervém de maneira política, social, ambiental e cultural.

4.3.4 Disputa de poderes

Juninho, um jovem de 20 anos, artista que pinta, esculpe e trabalha com grafite (sobre ele falaremos mais na seção 4.4.3.2), nos conta que o processo de ocupação se deu aos poucos e, comentando as mesmas questões trazidas por Diogo, também explica que isso se deu por conta da disputa do local com as/os usuárias/os de

entorpecentes. Quando se decidiu ocupar o prédio pela Associação de Moradores, a depredação não acabou. Foi aí que eles iniciaram a revitalização do espaço para demonstrar que aquele lugar era destinado à comunidade, entretanto as depredações não findaram, mas foram, ao menos, minimizadas. (Diário de Campo, 24 de agosto de 2019)

No atual contexto, Juninho reforçou que as/os usuárias/os de entorpecentes, enfim, compreenderam que a Associação era voltada para a comunidade, e desta forma as disputas diminuíram. Entretanto, as depredações continuaram sendo um problema. Juninho relata que há dois perfis de usuários hoje, os desconhecidos que entram pelo telhado e que tentam roubar os pertences da Associação, mas como só tem livros e roupas do bazar, elas/es desistem dos furtos. E há aqueles que conhecem a Associação, mas que não roubam, frequentam apenas para usar entorpecentes. Há ainda um que mora na Associação, mas Juninho diz não conhecer, só viu as coisas dele. (Diário de Campo, 24 de agosto de 2019).

Entre consertos e depredações, a Associação resiste, insiste e continua a promover suas atividades para a comunidade, afinal, eles tentaram/tentam

[...] resgatar o que ele [o projeto] já foi um dia. Nós aproveitamos isso um dia e entendemos como ele foi importante para a nossa formação cultural e de cidadania mesmo, sabe?! Então um pouco da nossa pegada é assim, de tentar dar continuidade e ao mesmo tempo ser resistência, porque assim continuidade não dá mesmo, pois eles cortaram, acabou e a gente teve que retomar a parada, mas não deixa de ser uma continuidade. (Entrevista concedida por Diogo no dia 8 de março de 2019)

O problema de usuárias/os de entorpecentes é intenso na região e é uma questão de política pública. Quem deve se responsabilizar por estas/estes cidadãos/cidadãos e pelas depredações é o poder público. Essa problemática não deveria ser uma preocupação exclusiva da Associação.

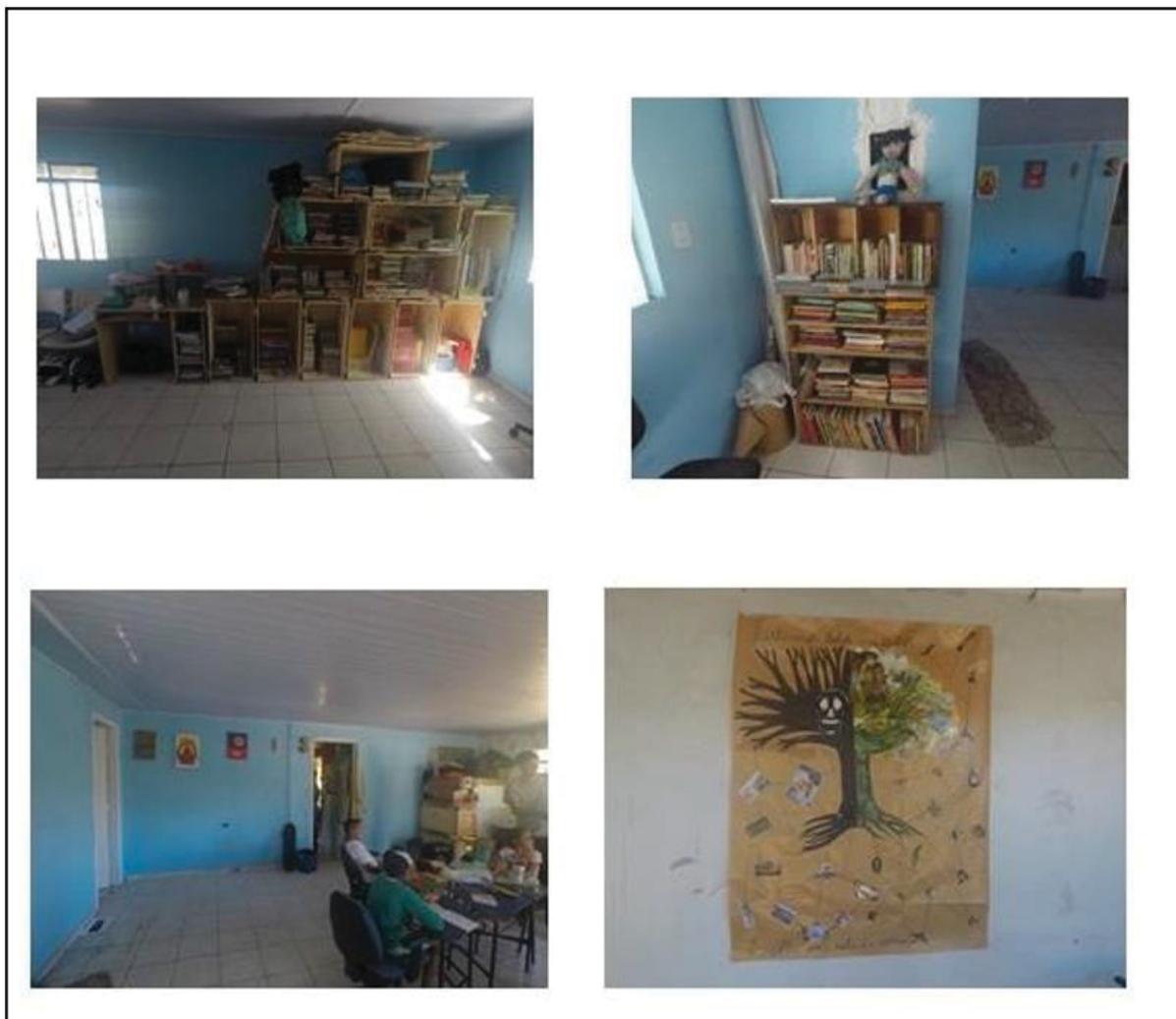
Devido ao histórico do Projeto PIÁ, a questão ambiental é um tema que perpassa muitas atividades promovidas pela associação. Por ter sido ocupado e estar com o processo de regulamentação em curso, até o início do ano de 2020, o espaço ainda não possuía luz elétrica. Os eventos, atividades e reuniões eram realizados enquanto havia luz natural. Quando havia alguma festividade, que se estendia para o período da noite e/ou precisava de energia elétrica, um dos vizinhos, que é eletricista, puxava a energia, por meio de uma extensão.

A infraestrutura da Associação é boa, pois o prédio possui uma sala ampla, um banheiro e uma cozinha. No ano de 2018, a parede de fundo do Associação era branca com marcas de palmas de mão espalhadas, cada uma de uma cor e de tamanhos variados.

Sempre que possível, o prédio passa por pequenas reformas, como arrumar portas, vidros e/ou receber intervenções artísticas da população. O que se percebe é um cuidado com o prédio, zelando para que haja a intervenção/participação da comunidade. Um exemplo de pertencimento são os desenhos de Vitória e Camilli, que foram pendurados por elas na parede. Os desenhos foram preservados no mesmo local em que elas colocaram há tempos, pois meses depois, quando retornamos para a Associação, os desenhos estavam exatamente no mesmo lugar. Isso demonstra que de fato a Associação zela pela contribuição popular, independente da faixa etária. Para além do prédio físico, que expressa a contribuição da arte da comunidade, a Associação demonstra transparência em suas ações, bem como conta com a colaboração das pessoas, preservando o caráter democrático e participativo.

Com frequência é feito um "mutirão" para cortar a grama e fazer alguns reparos no prédio. A princípio, essas atividades acontecem em dias que antecedem alguma festividade. Nas festas, é feito o empréstimo de barracas e de brinquedos de tabuleiros gigantes, à prefeitura – mais precisamente pela Regional CIC –, assim como de pernas-de-pau para as crianças e adultos brincarem. Abaixo, as fotos demonstram o interior da Associação, a biblioteca organizada em estantes (a partir de caixas de feira), o desenvolvimento de uma oficina e suas atividades expostas nos espaços da Associação. A figura 16 mostra o amplo espaço externo da Associação.

FIGURA 14 — IMAGEM DA PARTE INTERNA DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO SABARÁ



Fonte: a autora (2022)

FIGURA 15 — PARTE EXTERNA DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO SABARÁ



Fonte: a autora (2022).

Em meio aos tensionamentos territoriais do espaço, com o tempo, a Associação foi se consolidando, mas as depredações, ainda que em proporções menores, ainda insistem em acontecer.

A Associação de Moradores é organizada, articulada e fazem muito com poucos recursos. Por ser tratar de um espaço público, a prefeitura tem o dever de incentivar e subsidiar as atividades realizadas na/da/para a comunidade.

4.3.4.1 As Festividades da Associação

As festividades acontecem como meio de trazer a vizinhança para dentro da Associação. É feito um esforço para que a comunidade se sinta pertencente àquele lugar. Para além da diversão e propagação da cultura periférica, os eventos têm a intenção também de angariar recursos. Afinal, Diogo nos conta que ainda não havia energia elétrica (a luz foi instalada entre o final de 2019 e início de 2020), mas há a

conta da água, por isso mensalmente eles precisavam pagar essa conta. É vergonhoso um espaço público não ser reconhecido pelo poder público e ser custeado pela comunidade. A responsabilidade de manutenção de um espaço como o da Associação, não pode ser exclusivamente da comunidade. As políticas públicas precisam arcar com suas responsabilidades e não repassar suas obrigações às/aos moradoras/es. E é uma pena o poder pública não perceber o potencial que é ter esse espaço gerido pela comunidade e promovendo atividades culturais em sintonia com ela.

Para além das festividades, os recursos são arrecadados também por meio do bazar e da cantina. Os lanches são feitos e doados pela própria comunidade, como bolos, cachorro-quente e o tradicional pastel, em dias de festividade. Para a venda das bebidas, a Associação faz uma parceria com uma distribuidora da vizinhança. O acordo é de repassar as bebidas a preços muito baixos para que a Associação tenha um pequeno lucro para suas despesas. As parcerias não aconteciam apenas nas grandes festividades, mas em outras atividades menores, também culturais, como por exemplo, o cineclube.

No ano de 2018, ocorreu ao longo do ano o cineclube. O projeto é resultado de uma rede de parcerias que começou com um amigo de Diogo que comentou que um conhecido seu estudava cineclubismo com uma perspectiva mais acadêmica e que por isso, Diogo precisava conhecê-lo. Wellington Tarello, mais conhecido como Elinho, é acadêmico do curso de Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e também era membro do NESEF (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino de Filosofia).

Depois dos contatos trocados, Diogo e mais dois membros da Associação de Moradores passaram a frequentar um Grupo de Estudos da UFPR no curso de Filosofia. A princípio, o grupo aconteceu no bairro, mas devido à falta de adesão da comunidade próxima, em um primeiro momento, eles participavam do grupo na universidade e no bairro transmitiam o filme seguido de discussões. Diogo nos explica que o grupo de estudo era bem acadêmico, por isso transmitir filmes com uma roda de conversa foi a solução encontrada para levar o conhecimento acadêmico/filosófico para o bairro.

Na página do cineclube, em uma rede social, foram disponibilizados títulos de filmes, sobretudo nacionais. A população elegia, e o filme mais votado era projetado.

A participação na votação era pequena, mas acontecia. Depois da eleição, o filme era transmitido em uma praça próxima à associação.

O NESEF comprometeu-se com todo o tipo de apoio, desde a questão da divulgação com materiais impressos até a questão de equipamentos para realizar a transmissão. No caso do Sabará, o equipamento usado pertencia a Élinho, mas Diogo acredita que o Núcleo de Estudos também disponibiliza equipamentos.

Um grafite em forma de televisão, como mostra a figura 16 a seguir, foi grafitado no muro dessa praça próxima à Associação. O artista responsável foi Juninho. (Entrevista concedida por Diogo no dia 8 de março de 2019).

FIGURA 16 — IMAGEM DO CINECLUBE NA PRAÇA



Fonte: página do Facebook da Associação de Moradores do Sabará (2022).

A praça em que foi realizado o Cineclube não é uma praça feita e/ou planejada pela prefeitura de Curitiba. Ela foi construída por Diogo e pela Associação de Moradores, ou seja, a limpeza do terreno e o plantio de mudas e demais ações, foram realizados por elas/es (Entrevista concedida por Diogo no dia 8 de março de 2019). Sobre esse local, Diogo conta que no lugar da praça existia antes uma área de ocupação, mas sempre que chovia, alagava as casas, pois a área fica muito

próxima a um córrego. Foi então que a prefeitura resolveu realocar as/os moradoras/es daquela região para outra. Como o terreno ficou vazio, a Associação resolveu fazer uma praça ali, contando com a colaboração das/os membros e da vizinhança.

Infelizmente, o Cineclube aconteceu apenas no ano de 2018. Não sabemos o motivo da interrupção do projeto, mas na segunda quinzena de novembro de 2018 estava marcado o último cineclube do ano, entretanto devido à chuva, foi adiado. O comunicado foi feito por meio da página da Associação em uma rede social. Acompanhamos a página e até o fim desta pesquisa o Cine na praça não voltou com as suas atividades (no ano de 2019 não ocorreu nenhuma sessão e, por conta da Pandemia do Covid-19, não houve sessões em 2020 e 2021).

Toda a articulação do Cineclube, desde a construção da praça, é construída a partir dos membros da Associação, são eles que organizam o espaço e garantem a energia. Por se tratar de um espaço público é vergonhoso que o Estado não reconheça que se trata de um espaço público da comunidade e apoie a comunidade que é quem acaba gerindo, mantendo e arcando com as despesas.

Resumindo, a Associação de Moradores é um espaço público em um bairro antigo de Curitiba que é gerido pela comunidade e que também arca com os custos do prédio, como a conta de luz! O espaço da Associação, assim como a praça do Cineclube são espaços públicos relegados à comunidade que pagam impostos e têm que assumir responsabilidades que são do Estado.

4.3.4.2 Comprometimento e Práticas Culturais

Juninho é o artista grafiteiro que apareceu em seções anteriores. Ele é um jovem de aproximadamente 20 anos de idade que trabalhava em uma empresa de papel de parede. Reside com sua mãe e avô enfermo no Sabará⁵³, onde viveram por toda a vida. Tímido, Juninho não concluiu o Ensino Médio ainda, mas preocupa-se com sua formação cultural. Sempre que possível, desloca-se de bicicleta para o centro de Curitiba, onde são ofertados um maior número de cursos artísticos

⁵³ No dia em que conversamos com Juninho, seu avô estava acamado. Uma semana após Juninho nos informa, por meio do grupo da Associação no aplicativo *WhatsApp*, que seu avô havia falecido. Juninho estava no meio da preparação para o evento II Mostra Cultural de Arte periférica. Após dois dias do falecimento, Juninho retomou todas as atividades de preparação para o evento.

gratuitos. Para além de participar desses cursos, ele também gosta de assistir peças de teatro, entre outras manifestações culturais que tenham como tema a periferia e/ou que são feitas por periféricos/as.

Juninho nos conta que prefere ir para o centro de Curitiba a ir “para a CIC”⁵⁴, devido à ausência de promoção de cursos e atividades culturais por parte da Regional CIC. É, infelizmente, a partir do pouco incentivo das instâncias governamentais em oferecer atividades culturais nesta região da cidade, que a Associação de Moradores age, não no sentido de substituição - afinal o poder público não pode se eximir de suas responsabilidades - mas, no sentido de promover o quanto pode as práticas culturais da comunidade.

A expressão artística na parte externa do prédio da Associação (Figura 16), bem como a participação dos membros da Associação no grupo de estudos⁵⁵, demonstra o cuidado e a preocupação, na medida do possível, em proporcionar atividades de qualidade para a população. Os membros da Associação fazem parte de um grupo de pessoas que, pela configuração de suas vidas, conseguiram ter acesso a esses grupos artísticos e filosóficos e procuram passar o que sabem para a comunidade.

Nesse exercício de propagação de informação e conteúdos, a Associação funciona como uma ponte de transmissão de conteúdos culturais, de lazer, políticos, econômicos, sociais, “traduzindo” temas (como do campo da política, do econômico, do sustentável, do cultural, entre outros), conceitos e linguagem científica em algo de fácil compreensão por meio de seus eventos. Os eventos, as festividades, a biblioteca disponibilizada às/aos moradoras/es, as informações repassadas, entre outras atividades realizadas na Associação, são encaminhamentos de empoderamento político, cultural e social para a comunidade.

Ao acompanharmos a atuação da Associação nos anos anteriores nas redes sociais da Associação, constatamos que outros eventos ocorreram no ano de 2018, como a tradicional festa junina e o passeio ao MON (Museu Oscar Niemayer) cujo transporte foi mediado por um vereador (eleito Deputado Federal em outubro de 2018

⁵⁴ Esta fala me causou estranheza, tendo em vista que estávamos na Associação, logo estávamos na CIC, certo?! Errado! Juninho nos explica que quando menciona CIC, ele está se referindo à região do terminal de ônibus e suas redondezas (a parte central) e que onde estávamos é Sabará.

⁵⁵ Não temos acesso a maiores informações sobre o grupo, sabemos que se trata de um grupo de estudo do curso de Filosofia da UFPR e que se debruça ao Cineclubismo.

e que tinha e tem como principal pauta, a mobilidade ciclística da população). Essa mediação ocorreu em um ano eleitoral, o que sinalizou que as questões político-partidárias perpassam pelas comunidades, evidenciando tensões entre questões culturais, econômicas, territoriais e também políticas. No ano de 2019, ano não eleitoral, não houve a presença/contribuição de nenhum político. Ainda que a visita ao museu tenha sido pensada e conseguida como uma estratégia política em período eleitoral, pode-se pensar, por outro lado, que a mobilidade espacial de pessoas moradoras da periferia a um Museu localizado no centro da cidade é um ato de transgressão, pois rompe com a cultura hegemônica, na medida em que moradoras/es de outras regiões passam também a disputar aquele território, um lugar, a princípio, não destinado a elas/eles.

Diogo e Juninho nos contaram também que até o ano de 2019 ocorriam várias oficinas para crianças, na Associação, como a de construção de brinquedos com materiais recicláveis, de produção de biruta, teatro em que as próprias crianças escreveram uma peça e aprenderam sobre construção de figurino e maquiagem. Houve também uma oficina de Inglês, em que o professor contava com materiais de inglês doados.

As festas e/ou os eventos são atividades mais pontuais e mais diluídas no decorrer do ano. Entretanto, foram elas que sustentaram as práticas culturais no ano de 2018, tendo em vista que neste ano não teve nenhuma oficina/atividade semanal.

Em novembro de 2018, realizou-se o “Sarau do CIC” (Figura 18) na Associação dos Moradores do Sabará, organizado por duas jovens, não residentes da CIC⁵⁶. O evento contou com a participação de vários artistas negros/os e não negros/os que culturalmente marcaram presença, indicando que a população negra (re)existe em um bairro antigo e popular de Curitiba. Neste evento em especial, as/os artistas eram, em sua maioria, convidadas/os de outros bairros considerados periféricos. O intuito era diversificar o repertório cultural e realizar uma espécie de intercâmbio artístico na região.

⁵⁶ A própria nomenclatura do evento sinaliza que pessoas de fora do bairro que o organizaram, afinal há uma tendência dos moradores locais mencionarem o bairro no feminino usando “A CIC” referindo-se a Cidade Industrial em si e não a um dos bairros de Curitiba. Portanto, supomos que caso o evento de fato fosse organizado pelos/as próprios/as moradores/as locais – sem intervenção de pessoas oriundas de outras regiões – provavelmente o evento se intitularia “Sarau da CIC”.

O Sarau, contou com a presença de *rapper's*, cantoras/es de Música popular Brasileira (MPB), Forró, poetisas e poetas, coral, e um grupo teatral destinado às crianças. Este último, em especial, realizou uma releitura do livro “Menina Bonita do Laço de Fita” (com um desfecho enaltecendo a Educação das Relações Étnico-Raciais, algo que não é feito no livro).

O livro narra a história de um coelho branco que constantemente questiona uma menina negra (personagem principal e que não possui nome) sobre o que ela faz para ser tão pretinha. A menina, por não saber a real razão por ser negra, inventa motivos para o seu “amigo” coelho. Ao longo da narrativa, o animal tenta seguir as instruções da menina – como comer jabuticaba, tomar café, pintar-se com tinta preta – mas, frustra-se com as tentativas. É então que a mãe da menina lhe diz que sua filha é negra, pois a avó dela era pretinha. O coelho então tem a ideia de casar-se com uma coelha preta e os dois dão origem a uma ninhada de coelhos multirraciais.

Não é do nosso interesse, neste trabalho, discorrer sobre as discussões das/dos críticas/os (sejam elas positivas ou não), mas é importante ressaltar que, ao contrário da obra literária – que incentiva a mestiçagem – as atrizes do “Sarau do CIC” valorizaram muito as origens africanas e ressignificaram a importância e contribuição da ancestralidade e da população negra para nossa sociedade, algo que o livro em si não fez.

FIGURA 17 — CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO SARAU



Fonte: Facebook da associação.

Ao que parece, o Sarau não foi organizado explicitamente para o dia da Consciência Negra (20 de novembro), mas as relações étnico-raciais permearam todo o evento na predominância de artistas negras/os e nas diversas apresentações.

Algo a ser destacado é com relação ao público que estava no local, afinal o evento – que contou com a participação dos/as moradores/as locais – era em sua maioria composto por pessoas brancas (de acordo com a nossa heteroclassificação)⁵⁷. Mas, a quantidade de pessoas negras no evento expressa, aproximadamente, a proporção das taxas percentuais na CIC (28%/59), mesmo se tratando de um bairro em que há um maior percentual de pessoas negras, ainda comparado com outras regiões de Curitiba, há uma predominância de pessoas brancas residindo na região. Ao contrário de outras capitais brasileiras, em Curitiba não é possível afirmar categoricamente que há um bairro majoritariamente negro.

⁵⁷ A heteroclassificação consiste em atribuir uma categoria étnico-racial a uma pessoa, por uma outra pessoa. Já a autoclassificação é quando o indivíduo atribui uma categoria étnico-racial a si mesmo.

4.3.4.3 Eventos no ano de 2019

Mulheres Cíclicas é um projeto periódico que acontece na Associação apenas por/com/para mulheres. As responsáveis pelos encontros não residem na CIC, mas as participantes moram nas redondezas. O projeto passou por várias dificuldades, uma delas esteve relacionada com a mãe de Vitória, que é surda. No início ela participou da reunião, mas com a ausência de uma/um intérprete não foi possível sua continuidade.

Outro desafio enfrentado pelo projeto, foi a temática dos encontros. As conversas perpassaram por questões em torno da redescoberta da mulher, como: sororidade, empoderamento da mulher, sagrado feminino, respeito, autocuidado, entre outras. A princípio são temáticas bastante pertinentes, mas Diogo nos conta que as organizadoras sentem dificuldades em abordar temas que são tabus, como, por exemplo, quando entram em discussões como a da defesa do aborto, afinal há uma resistência da maior parte da população, que tende a ser mais conservadora quanto a isso.

O projeto visa à (re)conexão da mulher com ela mesma, no sentido de romper com padrões impostos pela sociedade e na defesa de uma vida mais reconectada com a natureza. Há o incentivo também de coletores menstruais, por exemplo, no lugar de absorventes descartáveis, prejudiciais para o meio ambiente.

O tema do evento no ano de 2019 foi denominado “Festival da Lua”. O nome foi alusivo ao “Ritual da Lua” que orienta as mulheres que praticam o plantio do sangue menstrual na terra. O evento contou com: prática de Yoga; café da manhã com mandala de frutas; roda de conversa sobre produtos orgânicos e rede de economia solidária; oficina de autocuidado; apresentações de malabares e bandas; oficina de incensos naturais; roda de conversa sobre as mulheres cíclicas; roda de danças brasileiras; teatro; tenda da cura; massagem e Reiki solidário.

As mulheres foram responsáveis por toda a organização do evento, bem como para ministrar as oficinas e apresentações culturais. A presença de homens não foi proibida, mas a participação foi pequena. Os poucos homens, voluntários da Associação, ficaram responsáveis pela logística e apoio ao evento, como por exemplo, no preparo e venda dos alimentos.

FIGURA 18 — IMAGEM DO FESTIVAL DA LUA



Fonte: página do Facebook da Associação de Moradores Sabará I (2022).

Na figura 18, mais precisamente na foto A, há uma prática de yoga. Aliás, as atividades propostas neste evento, como a mandala de frutas, o Reiki, o consumo de produtos orgânicos, entre outros, são predominantemente praticadas pela classe média. Na fotografia B, na figura 18, é a própria Vitória (uma das crianças participantes desta pesquisa) que recebeu a massagem. Discutiremos mais detalhadamente sobre as experiências da menina no próximo capítulo.

As imagens da Figura a seguir revelam que nos eventos da Associação há um cuidado com cada detalhe, cada espaço é minuciosamente pensado. Na imagem D, da Figura 19, há uma Mandala de frutas, construída a partir dos itens que cada uma trouxe.

FIGURA 19 — IMAGENS DAS ATIVIDADES DO FESTIVAL DA LUA



Fonte: página do Facebook da Associação de Moradores do Sabará (2022).

Os eventos realizados em 2019 incluíram também, no dia 11 de maio, um “Café com Previdência” na Associação. O objetivo era conscientizar a população sobre a reforma da previdência proposta pela PEC 06/2019. Para explicar de maneira mais acessível e menos técnica, a Associação promoveu uma roda de conversa com o professor da UFPR, Francisco Marques. Ana, estudante de Química na UFPR, voluntária na Associação e moradora do Sabará, convidou o seu professor, que já atuou como presidente do sindicato das/os professoras/es universitárias/os de Curitiba e debruça-se sobre questões previdenciárias. Ele abordou questões práticas e apresentou dados.

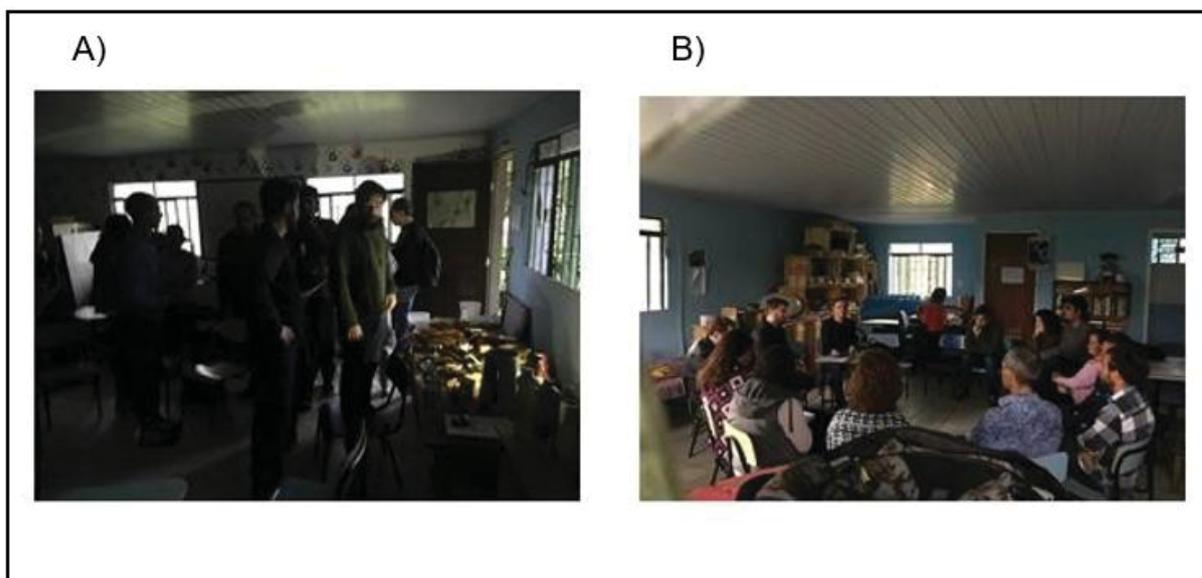
Neste mesmo café, outro convidado foi José Carlos Portella, advogado e professor no curso de direito da UniCuritiba, que destacou os impactos negativos da Reforma para a população brasileira. Ele utilizou uma linguagem simples e exemplos

do cotidiano para facilitar a compreensão de todos/as presentes. (Diário de Campo, 11 de maio de 2019).

Após as explicações cuidadosas, foi servido um café organizado pelos membros da Associação. Os itens do café foram oferecidos em uma antiga porta improvisada, colocada na horizontal e devidamente higienizada, como indica a Figura 20. O evento teve que ser acelerado, pois a Associação não contava, à época, com energia elétrica, e, como estávamos no outono, o anoitecer acontecia mais cedo. Assim, uma rodada de perguntas ocorreu paralelamente ao momento do café. Infelizmente, a falta de energia elétrica inviabilizou a continuidade de um evento tão importante como este.

Os eventos da Associação são intergeracionais, ou seja, são pensados para várias faixas etárias, desde crianças pequenas até adultos. Contrariando a expectativa de ser um evento estritamente para adultos, no fundo da imagem B da figura 20, a seguir, encontra-se Vitória e sua tia Camile (de 10 anos). As duas estão confortavelmente pegando os materiais e desenhando durante os momentos de fala dos convidados. É exatamente nesses lugares que Vitória circula. Ela está presente tanto nos momentos de festa, lazer e confraternização quanto em reuniões deliberativas, de organização e discussões políticas. Vitória acaba participando desta vida comunitária, educando-se e constituindo-se como protagonista de sua formação. Nestes lugares ela, aprende, ainda que indiretamente, sobre o sentido do coletivo, questões do interesse da comunidade e percebe que o governo nem sempre defende os interesses do povo. Aprende que é preciso lutar para garantir seus direitos, assim como qualquer outra pessoa da comunidade.

FIGURA 20 — IMAGENS DO EVENTO CAFÉ COM PREVIDÊNCIA



Fonte: página do Facebook da Associação de Moradores do Sabará (2022).

A Associação tem a prática de postar em sua página na rede social as fotos e a descrição de como foi o evento, além da publicação das imagens do evento. Sobre a PEC 06/2019 a Associação assim se posicionou:

Importante frisar que a associação de Moradores Sabará 1 é CONTRA essa 'reforma', pois a mesma não está sendo feita de forma democrática e com a participação da sociedade nas decisões. Além de entender, inclusive após o debate, que sendo aprovada a 'reforma' prejudicará e muito as trabalhadoras e os trabalhadores do nosso país e que ela está sendo pensada para beneficiar grandes bancos privados e os grandes empresários que lucram em cima da força de trabalho do povo. (Publicação na página do Facebook da Associação de Moradores do Sabará I, em 3 de junho de 2019, grifos do autor)

Por meio deste evento, ficou explícito o comprometimento da Associação em ajudar a comunidade a compreender os aspectos econômicos e políticos envolvidos com essa medida do governo.

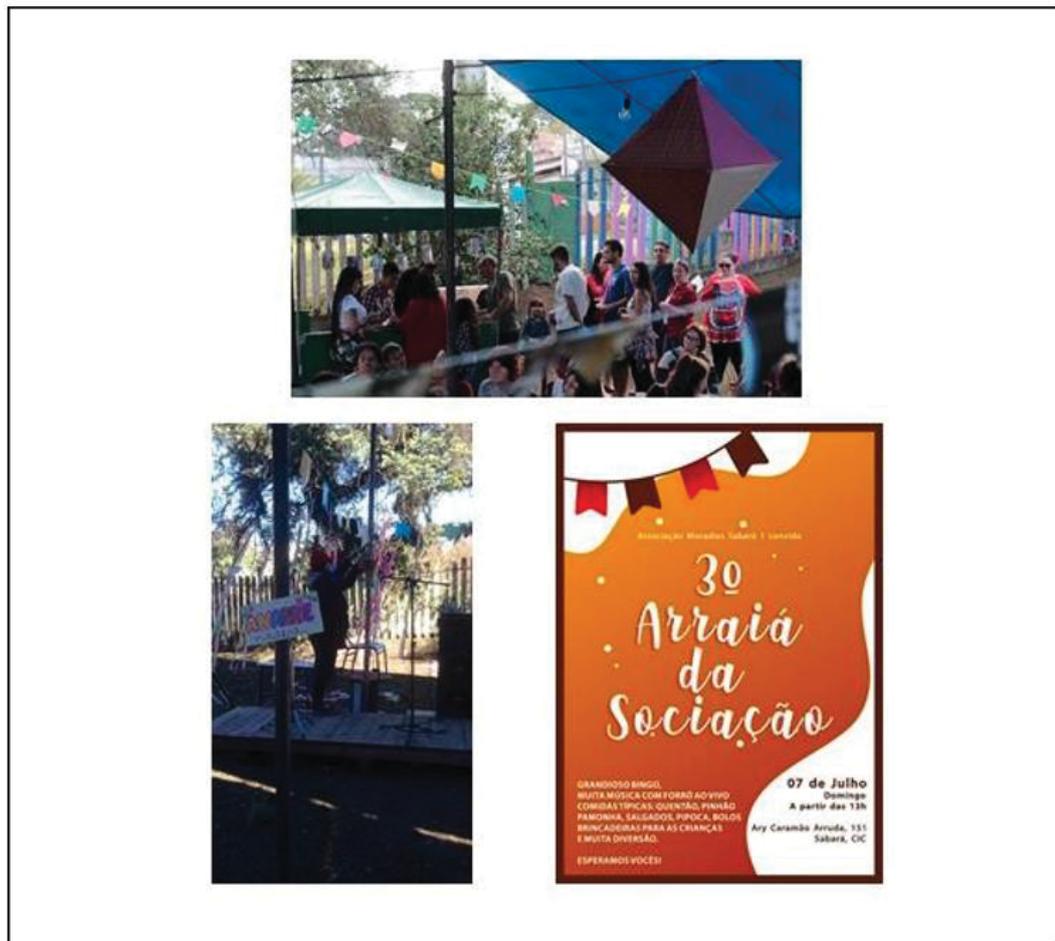
Ainda em 2019, mais um evento importante foi promovido pela Associação: a tão esperada festa Junina. Foram realizadas várias reuniões a fim de acertar detalhes como a questão da divulgação do evento, a arrecadação de prendas e pesquisas no comércio local, a fim de firmar parcerias com distribuidoras de bebidas, organizar a decoração do local entre outras atividades.

Nas reuniões de organização de eventos como esse, é feito um levantamento de atividades a serem feitas, com base na realização das Festas anteriores. As decisões são tomadas democraticamente, e cada um, de acordo com suas preferências e características, fica responsável por uma frente e informa sobre o andamento das coisas.

A Festa Junina é um dos maiores eventos da Associação e com participação massiva da população. Entretanto, Juninho relata que, apesar da grande participação das/os moradoras/es naquele ano de 2019, a frequência tinha sido bem menor quando comparado aos anos anteriores. Entretanto, comparando todos os eventos daquele mesmo ano, a Festa Junina, sem dúvida, tinha tido uma participação bem maior. Uma provável explicação para a redução de participantes em comparação com os anos anteriores pode estar relacionado com a transmissão de um jogo amistoso da seleção do Brasil, embora a Associação tenha se organizado e garantido a transmissão ao vivo.

Sobre a avaliação do evento, Juninho relatou que a Associação notou que no final da festa estavam apenas os/as voluntárias/os da Associação e seus/suas amigos/as. Ele se questionou se os eventos estavam sendo feitos somente para eles e seus/suas conhecidos/as e o porquê de não estarem atingindo mais membros da comunidade. Ao falarmos mais sobre isso, Juninho foi categórico ao afirmar que eles/as da Associação possuem um posicionamento político- partidário de esquerda, por isso há uma probabilidade de haver uma nãoaderência por parte da comunidade, pois grande parte dos/as residentes da região, na sua avaliação, alinham-se ao governo que liderava no ano de desenvolvimento desta pesquisa.

FIGURA 21 — IMAGENS DA FESTA JUNINA



Fonte: página do Facebook da Associação de Moradores do Sabará (2022).

Passada a festa Junina, a Associação prepara-se para seu próximo grande evento, a II Mostra Cultural da Associação. O organizador que está à frente deste evento é Juninho, o criador da mostra. Ele nos explica que o evento surgiu de um ato inesperado. No ano de 2018 ele estava organizando um momento para mostrar sua produção artística, mas este ganhou proporções maiores do que ele imaginava. Na segunda edição, Juninho solicitou a participação de artistas periféricos, afinal, o intuito era a descentralização da arte, bem como a valorização da arte da periferia. Um grupo no Whatsapp foi feito a fim de reunir pessoas e organizar o evento. Foram tantos artistas que aqueles que solicitaram a participação na última semana não puderam participar, pois a programação já estava cheia.

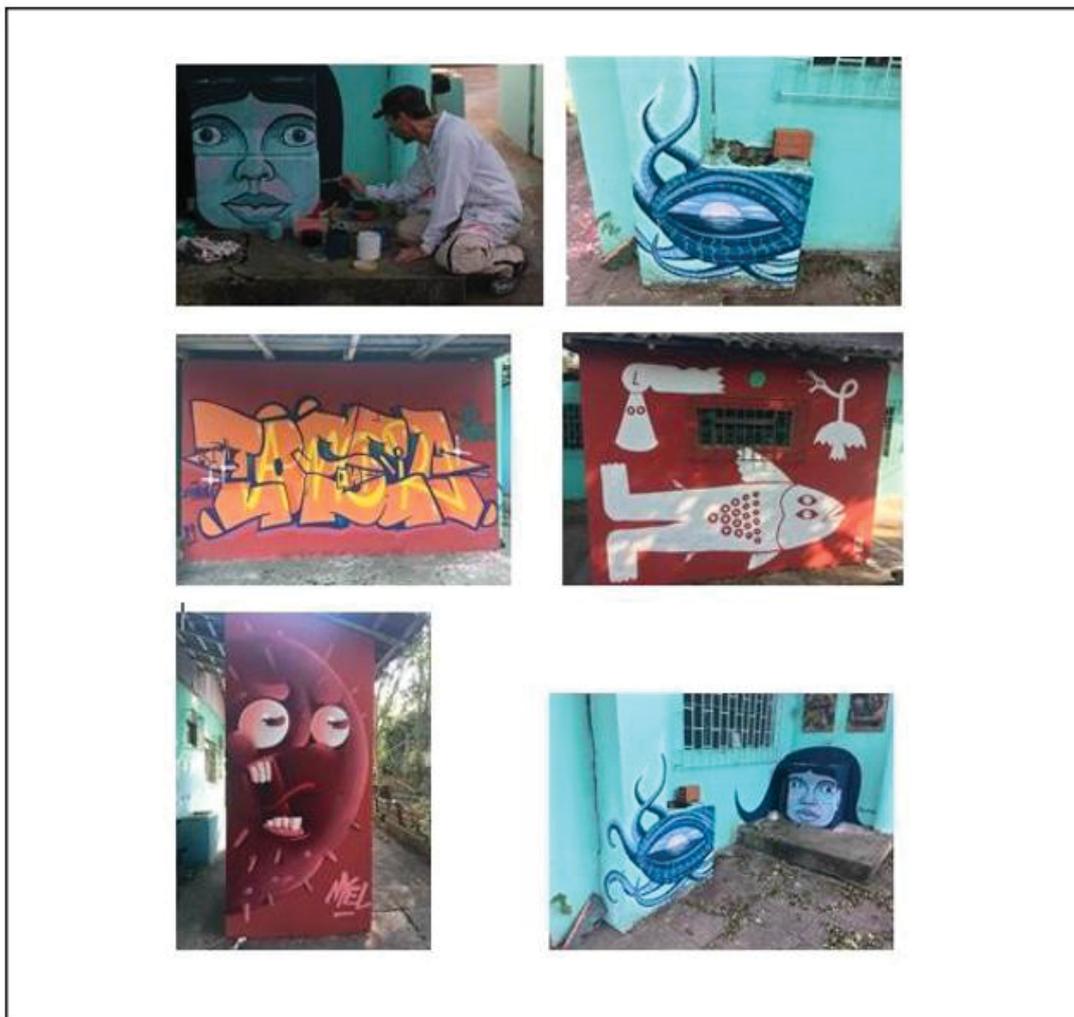
Exatos três sábados que antecederam a Mostra, Juninho organizou oficinas para que as crianças fizessem produções artísticas a partir de materiais recicláveis. Juninho, sem experiência no campo educacional, recebeu ajuda de Ana, acadêmica

de Química, e de uma das colaboradoras da Associação. Ana auxiliou Juninho na construção de um planejamento de aula, mas, no dia, infelizmente Juninho foi o único a comparecer (as crianças foram convidadas, mas não compareceram).

A fim de ampliar a participação no evento, foi feito um convite para o diretor do CAIC, para que as produções culturais de algumas/alguns alunas/os fizessem parte da exposição, e foi o que aconteceu. A Exposição contou com os trabalhos das/os alunas/os do Ensino Médio do Colégio CAIC Cândido Portinari que enviaram suas obras.

O evento teve várias frentes artísticas, que aconteciam ao mesmo tempo. Uma das frentes foi o Grafite. A Associação contou com a presença de um renomado grafiteiro que é residente da CIC: Auma. Josmar nos conta que este artista fez grafites em vários países, como a França e também na Faixa de Gaza. Além de disponibilizar alguns quadros, Auma, juntamente com outras/os grafiteiras/os, aproveitaram o evento e grafitaram a parte externa da Associação, como indica a Figura 22 a seguir.

FIGURA 22 — IMAGEM DOS GRAFITES FEITOS NA II MOSTRA CULTURAL



Fonte: página do Facebook da Associação de Moradores do Sabará (2022).

Já na parte interna da Associação estava acontecendo uma exposição de obras de vários artistas periféricos e também dos alunos/os do CAIC. Para tal, uma estrutura de canos PVC (Policloreto de Polivinila) foi montada na parte de dentro da Associação para a exposição dos quadros. Ao fundo, foi colocado um TNT (Tecido Não Tecido) azul para esconder a biblioteca da Associação. Inicialmente os quadros não tinham uma ficha indicando o nome dos/as artistas, mas logo foi providenciado.

FIGURA 23 — IMAGEM DA EXPOSIÇÃO DE QUADROS NA II MOSTRA CULTURAL



Fonte: página do Facebook da Associação de Moradores do Sabará (2022).

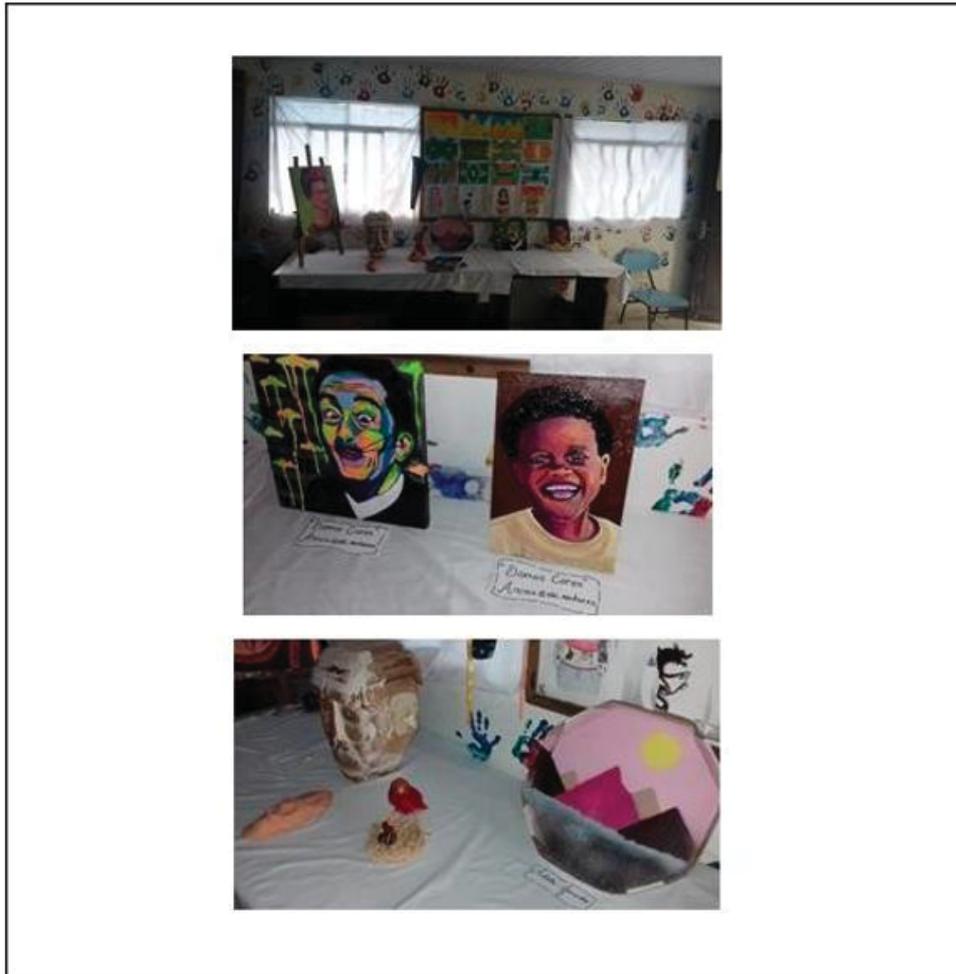
Para além de quadros pintados, houve também obras feitas com pequenos recortes de revistas, como na Figura 24 a seguir. Nesta exposição, em especial, o artista ficava ao lado e dava explicações sobre o processo de criação e elaboração das suas obras para as/os visitantes.

FIGURA 24 — IMAGEM DO ARTISTA E SUAS OBRAS NA II MOSTRA CULTURAL



Fonte: página do Facebook da Associação de Moradores do Sabará (2022).

A exposição contou também com esculturas feitas pelo próprio Juninho.



Fonte: a autora (2002).

O evento contou ainda com uma exposição de fotografias e também com a mostra de produções artísticas das/os alunas/os, citado anteriormente. Precisamos destacar a consideração que os membros da Associação tiveram em dar visibilidade para as produções das/os estudantes da sua comunidade, possibilitando que o conhecimento transcenda os muros escolares. Para além da sensibilidade das/os integrantes da Associação, percebemos que todos os lugares foram minuciosamente arrumados a fim de que as/os visitantes tivessem uma boa experiência.

Na Figura 26, há a imagem dos trabalhos artísticos, que ficaram em um lugar de boa visualização na exposição, além de registrar uma importante inversão de valores, pois o que está na escola passou a ser valorizado em outros espaços da comunidade. Ao longo do ano, em mais de um evento houve o cuidado de expor as produções das/os estudantes, além de considerar as produções da comunidade e

valorizar produções escolares em ambientes não educacionais, o que indica que o saber e as aprendizagens estão além dos muros escolares. Os espaços urbanos também educam.

FIGURA 25 — IMAGEM DO TRABALHO DAS/OS ALUNAS/OS DO CAIC PRÓXIMO A ASSOCIAÇÃO



Fonte: a autora (2022).

Na parte externa da Associação, mais precisamente no amplo gramado, foi armada uma grande tenda azul, e embaixo dela, foi erguido um pequeno palcopara as apresentações musicais – assim como é feito em outros eventos em que há apresentações. Por se tratar de uma Mostra Cultural, no centro da tenda, foicolocado um grande carretel de madeira que serviu de suporte para umamoldura, sem quadro, com uma pequena lata com riscantes diversos, como lápise caneta hidrocor. A intenção era deixar livre para o público que, caso desejasse,desenhasse. Um pequeno quadro de giz foi colocado na beira do palco. Na medida em que as apresentações culturais iam acontecendo, Ana, ou alguma/algum outra/o colaboradora/colaborador da Associação, escrevia o nome do responsável pela próxima apresentação cultural.

Ainda nesta Mostra Cultural, foram colocadas na parte externa da Associação algumas cadeiras escolares pequenas que pertencem a Associação, e também alguns pedaços grandes de tecido TNT (Tecido Não Tecido) colorido para que as pessoas não precisassem sentar-se diretamente no gramado. Ao fundo foi colocado araras

com as roupas e pertences do brechó da Associação, para venda, aproveitando-se para isso também, da estrutura da trave de futebol que existe no gramado. Para além da venda do vestuário usado, havia também a tradicional venda de lanches e, para as crianças, cama elástica gratuita e tabuleiros grandes de jogos. A Mostra Cultural da Associação não estaria completa sem a presença de Vitória e de seus cachorros. É importante ressaltar o cuidado que as/os integrantes da Associação tiveram em ser plurais, procurando alcançar várias faixas etárias.

FIGURA 26 — IMAGENS DA MOSTRA CULTURAL DA ASSOCIAÇÃO DO SABARÁ



Fonte: página do Facebook da Associação de Moradores do Sabará (2022).

4.4 ARREMATANDO OS FIOS DOS ESPAÇOS SOCIAIS E CULTURAIS DO SABARÁ

No início deste capítulo, discutimos a concepção de cultura a partir de Williams, uma perspectiva horizontal e não hierarquizante. Para o autor, a cultura pode ser um modo de vida particular, de um povo ou de um grupo. Para ele, a cultura é algo comum e se refere a situações cotidianas simples como, no nosso caso, conversar no meio fio, na frente da casa da vizinha, ou roçar o mato no espaço da Associação na véspera de um evento. Para além do caráter antropológico, o termo cultura também é usado para descrever as obras artísticas e as práticas de atividade intelectual. Salientamos que as duas concepções de cultura, de Williams, são presenciadas no Sabará, mais precisamente na Associação.

A Associação se preocupa em expor obras artísticas e atividades intelectuais em seus eventos, como na II Mostra Cultural, em que dá visibilidade à arte periférica produzida na sua própria comunidade. Mas, mais do que expor produções artísticas, este coletivo promove e incentiva toda uma cultura periférica. Sobre essa produção cultural elaborada e exposta na periferia, Pereira (2019) afirma que

[...] a valorização dessa estética é um fenômeno importante que os coloca no centro do debate sobre si mesmos e de suas ações. Mais recentemente, pautas identitárias também ganharam destaque nas ações, realçando questões de gênero, raça, sexualidade, classe social, sempre sob um viés espacial, ou seja, desde um ponto de vista territorial periférico. (Pereira, 2019, p. 110)

Os sentidos de comunidade, solidariedade, cidadania e ajuda mútua pulsam na Associação. O que vimos até aqui foram tentativas de jovens que resgataram espaços públicos ociosos e os ressignificam, como a praça e o prédio, tornando-os espaços culturais e de referência para a comunidade.

Há tempos sabe-se que o conhecimento, o saber e as aprendizagens não se limitam aos espaços institucionalizados, como as escolas. As crianças que circulam e frequentam os espaços e eventos da Associação, vivenciam múltiplas aprendizagens, como as de cidadania, culturais, sociais, políticas, entre outras. Nos espaços da Associação elas aprendem desde muito cedo a importância das redes solidárias para sobreviver em suas comunidades, comunidades estas que são preteridas e negligenciadas pelo poder público. Apesar da dureza da vida, as crianças no espaço da Associação encontram um lugar seguro e descontraído para brincar e ampliar seus saberes, para além dos muros escolares.

O espaço do projeto Bom Pastor também é um lugar de aprendizagem, por meio das oficinas que ali são ofertadas. Mas, apesar da nítida intenção de Irmã Rita em ajudar os mais desfavorecidos, como no caso dos óculos de uma criança mencionado em seção anterior, é preciso considerar, que sua atuação está na lacuna deixada pelo Estado. Ainda que a instituição viva de doações, há investimento de dinheiro público, que poderia ser investido na ampliação de vagas em instituições de educação pública, como em creches e escolas de tempo integral ou mesmo em associações de bairro como esta que conhecemos. Não se pode deixar de considerar que há também todo um ensino de determinados valores religiosos que permeiam a instituição, saberes estes, portanto, muito mais unidirecionais, do que plurais.

Diferente do projeto Bom Pastor, a Associação é um lugar plural, menos conservador, mais aberto, mais receptivo e afetuoso. As relações de poder dentro da Associação são mais horizontais resultando em um caráter mais democrático e participativo. As crianças que ali circulam, aprendem muito sobre o que é "público", desde o que significa um espaço público, até o respeito pela fala do outro, em um espaço discursivo público, aprendendo assim, sobre cidadania e sobre o fazer político da comunidade.

Vimos que a comunidade é ativa e que é passível de construir práticas em prol da comunidade, portanto o poder público deveria incentivar essas iniciativas locais, investindo em editais para contemplar os coletivos culturais com recursos e apoio, beneficiando crianças e adultos.

5 AS CRIANÇAS E SUAS REDES

As ruas e as calçadas das cidades possuem várias finalidades, uma delas é acomodação de veículos e pedestres, sendo que, seu uso está associado, em muito, à circulação. Mas esta não é (e não deveria ser) uma exclusividade. As ruas e calçadas são lugares de trocas e interações, ganham vida quando ocorrem manifestações, desfiles, como os carnavais ou o Dia da Independência do Brasil, shows, lazer ou feiras livres, como a tradicional feira de domingo do Largo da Ordem, no centro da cidade, ou nas feiras de alimentos que ocorrem em diferentes bairros. De acordo com Jane Jacobs (2018), as calçadas e ruas só têm sentido quando observadas em relação com os indivíduos, ou seja, adquirem significado quando se problematiza a relação das pessoas como esses diferentes elementos presentes nas ruas e calçadas, ou nos locais próximos, como edifícios, comércios, praças etc. Assim, as ruas servem a outros fins, além de suportar o trânsito sobre rodas em seu leito. As ruas e as calçadas, principais lugares públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais. (Jacobs, 2018, p. 29)

A situação entre ruas/calçadas-indivíduos é relacional e precisa ser pensada nessa direção. Em 2019, caminhei com um grupo de crianças (participantes desta pesquisa) pelo Sabará. Nestas andanças visitamos os principais locais frequentados por elas, como a escola, o parquinho, a casa da tia de uma delas (que buscava as crianças no projeto), entre outras ruas e espaços que eventualmente as crianças frequentavam. Como discutido nos capítulos anteriores, os bairros do sul e extremo sul de Curitiba carecem, no geral, de boa infraestrutura urbana, quando comparado com os bairros localizados no centro-norte da cidade. Para além dos dados, constatamos essa disparidade enquanto caminhávamos com as crianças. A imagem a seguir retrata o lixo em lugares inapropriados no percurso percorrido pelas crianças.

FIGURA 27 — IMAGENS DO CAMINHO DAS CRIANÇAS DA PESQUISA



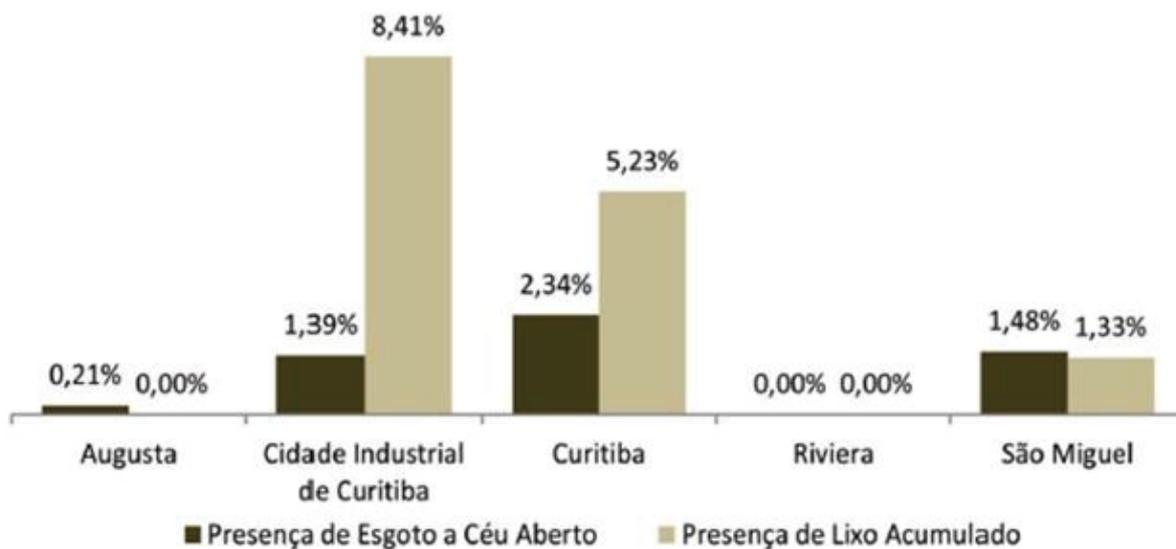
Fonte: a autora (2022).

A ausência sistemática de coleta de lixo em algumas partes do bairro é frequente, e a falta de saneamento básico em diferentes regiões expressa a desigualdade territorial a partir da localização do bairro em Curitiba. O gráfico a seguir revela a quantidade de lixo acumulado que as/os cidadãs/ãos do bairro CIC são obrigadas/os a conviver, bem como a situação dos esgotos a céu aberto. Para além de ser indigno conviver com lixo acumulado em regiões impróprias, há uma questão de saúde pública, tendo em vista que as/os moradoras/es são submetidas/os a inúmeras doenças decorrentes do acúmulo irregular do lixo. O problema do lixo acumulado próximo à moradia das pessoas e o esgoto a céu aberto podem gerar problemas com um “efeito dominó”. Quanto maior o número de pessoas doentes, maior será a demanda pelo Sistema Único de Saúde, o que gerará maiores custos na área da saúde. Parte desse processo poderia ser minimizada com a canalização do esgoto e, assim como a coleta frequente do lixo, geraria, para além da redução dos custos, maior dignidade para aquelas/es que residem em regiões periféricas da cidade. O gráfico a seguir mostra a

proporção dos domicílios que têm condições insalubres tanto em Curitiba quanto na regional CIC (lembrando que os bairros que compõem a regional CIC são: Cidade Industrial de Curitiba- CIC, Augusta, São Miguel e Rivieira). Ao nos depararmos com imagens como as da Figura 28, é comum culpabilizar as/os

moradoras/es pelo lixo acumulado em espaços impróprios. Contrapondo essa ideia, temos os dados do gráfico 4 que apontam para a insuficiência do poder público em garantir condições dignas em relação à coleta de lixo e ao esgoto.

FIGURA 28 — DOMICÍLIOS COM A PRESENÇA DE CONDIÇÕES INSALUBRES NO ENTORNO-EM CURITIBA E BAIROS DA REGIONAL CIC



Elaboração: IPPUC – Gerência de Monitoramento Socioeconômico

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2010

Contrapondo esses dados da Regional da CIC com, por exemplo, os dados da Regional Matriz (onde encontra-se o bairro Batel, um bairro com um índice grande de moradores ricos), verificamos que o índice de insalubridade desta última é de 1,81%, em contraposição ao índice de 8,41% da Regional CIC. Especificamente sobre o bairro Batel, este apresenta o índice 0,00% tanto para a presença de esgoto a céu aberto quanto para lixo acumulado. (IPPUC, 2017). Neste contexto de pouco incentivo das instâncias governamentais para com as ruas, calçadas e a saúde das/os cidadãs/ãos desta localidade, é que se tecem as interdependências das crianças.

Sobre essas interdependências, vale lembrar que fazem parte de uma concepção de sociedade e de indivíduo, compreendidas de maneira indissociável e não - como bem criticou Elias - a partir de concepções e modos de fazer pesquisa que ora focavam no indivíduo como se este estivesse isolado, ora na sociedade, como um ente abstrato e genérico.

Para Norbert Elias (1994), a relação entre indivíduo e sociedade é intrínseca, inseparável; portanto, esses dois conceitos não podem estar em contraposição. O

autor descreve a necessidade de emancipar-se de perspectivas que colocam tais termos em situações opostas, pois, para ele, o indivíduo e a sociedade são concepções relacionais não hierárquicas. Ele afirma que “[...] os seres humanos individuais ligam-se uns aos outros numa pluralidade, isto é, numa sociedade”. (Elias, 1994, p.6) Apesar de considerar que as sociedades são constituídas por indivíduos que estão relacionados entre si, é preciso ter cautela para não generalizá-los, pois cada um possui suas próprias particularidades dentro das redes reticulares que tecem.

Em relação a sociedade, é necessário considerar seu posicionamento espacial, cultural, temporal, entre outras especificidades que a caracterizam. Apesar de suas mudanças e permanências, é importante destacar que há um ponto em comum entre todas as sociedades: os indivíduos. (Elias, 1994)

Os indivíduos não estão isolados e desconectados da(na) sociedade. Como uma peça de tricô composta por vários fios que se entrelaçam e conectam-se por meio de “pontos”, assim são as redes de interdependência das pessoas, sempre em conexão. Mas, ao contrário da imagem da peça de tricô, que ainda poderia passar uma ideia estática, as redes de interdependência de Elias são móveis e elásticas, e seus fios estão constantemente em tensão, desfazendo-se e se construindo e reconstruindo a todo momento, de maneira dinâmica. Nas redes de interdependência, os indivíduos estão interligados entre si em uma perspectiva reticular.

Em relação a este sistema de redes, Elias afirma que as pessoas estão ligadas entre si, sendo que cada pessoa singular está presa a uma tessitura permanente de interdependência com outras pessoas. Ela é um elo nas cadeias que a ligam a outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas suas cadeias. (Elias, 1994)

Todas/Todos estão submetidas/os às redes de interdependência produzidas por elas/eles mesmas/os e tensionadas/os por sua configuração, porém os indivíduos não estão fixos a este sistema reticular, pois, como mencionado anteriormente, a rede é mutável. Por outro lado, o percurso de cada um, traçado tendo como ponto de referência as suas próprias redes, produz escolhas que não são feitas aleatoriamente, pois, por mais “liberdade” que um indivíduo tenha para realizar escolhas, estas precisam ser analisadas em relação às tensões de sua própria rede.

A seguir veremos como as redes de interdependência de duas crianças se entretecem com os fios do bairro. Primeiro, conheceremos Endrew.

5.1.1 Endrew, o irmão mais velho

Endrew se reconhece como um menino negro, com cabelos lisos e olhos castanhos. Em sua família há mestiçagem, mas ela é predominantemente negra. No ano de 2019 Endrew, morador na vila Moradias Sabará, completou 9 anos. Na rede de Endrew, os fios foram entrelaçados e “tricotados” conforme o menino foi crescendo e constituindo conexões, muitas delas no ambiente familiar, mas outras, para além dele.

Endrew costura suas relações a partir de diferentes funções e posições que tem na rede. O conceito de função, para Elias, refere-se aos diferentes papéis que um indivíduo exerce em sua rede e de como ele é desempenhado nas relações, em suas redes de interdependência. Endrew, por exemplo, possui as seguintes: é morador da CIC, irmão mais velho, sobrinho, filho, enteado, amigo, primo, neto, aluno, entre outros. Em cada uma dessas funções, há nuances diferentes de poder, como será visto mais adiante. É importante ressaltar que as relações de poder são distintas em cada função, e gênero, raça e idade também interferem em cada posicionamento do menino. Assim, o conceito de função, para Elias, não possui em nenhum momento um caráter funcionalista e só pode ser analisado junto com conceitos como o de poder e posição na rede.

Endrew é filho de pai e mãe separados. Em sua rede familiar e também com pessoas mais próximas, Endrew tem uma relação interdependente com seu padrasto, madrasta, tios, tias, avós, avôs, primos e primas, seus colegas do projeto social (que frequenta no período do contraturno), amigas/os de escola, as integrantes do segmento religioso Testemunhas de Jeová, entre outras pessoas que estão inseridas em sua rede.

Nas redes de Endrew, cada uma das relações é conectada como se fossem fios. É importante destacar que as redes de interdependência não são constituídas apenas pelas relações interdependentes com outros indivíduos, mas também a partir das tensões relacionadas à condição socioeconômica de seus familiares, da infraestrutura (ou a falta dela) na região onde mora, dos equipamentos urbanos instalados em seu bairro, das questões de raça e gênero, entre outros aspectos.

Ligados entre si, os fios que vinculam uma pessoa à outra, não são rígidos e/ou fixos, ao contrário, são elásticos e proporcionam uma maior maleabilidade na rede. Cada indivíduo tem conexões que podem ser maiores e/ou menores a depender

da configuração e dos aspectos econômicos, sociais, espaciais, étnico-raciais, culturais religiosos, de gênero, entre outros não menos importantes.

Cabe ressaltar que a rede de Andrew faz parte de uma rede que foi construída pelos familiares do menino, mesmo antes dele nascer. Enquanto crescia, suas redes ficavam diversificadas, uma vez que

[t]odo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer. Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas. (Elias, 1994, p.23)

Ressalta-se que um indivíduo tem também em várias posições dentro da sua rede – a depender de quem, com quem e como ele se relaciona. A posição pode ser, por exemplo, de privilégio, de opressão, de humilhação. Por exemplo, uma criança pode ocupar uma posição de filha/o, irmã/ão, sobrinha/o, neta/o, aluna/o, amiga/o, colega e/ou conhecida/o em relação a seus pares e a jovens e adultos com os quais convive.

Assim, todas essas posições interdependentes estão em uma condição de correlação, “[...] que uma exerce para outras, um indivíduo para outros indivíduos”. (Elias, 1994, p. 20). Em relação às mães, caso se analise um dos aspectos de suas vidas, por exemplo, a partir da dimensão de gênero, elas podem exercer as funções de amigas, esposas, filhas, funcionárias etc, mas, em cada uma dessas relações, ter posições diferenciadas na rede, a depender das relações de poder mantidas a partir dessas conexões. Para Elias, é justamente essa multiplicidade de posicionamentos do indivíduo – ao estar interligado a outras pessoas de sua rede – que ele denomina “sociedade”.

O fenômeno reticular não se justifica pela simples interação de um indivíduo com o outro, afinal, são as relações de poder estabelecidas entre os indivíduos, suas diferentes posições na configuração, que garantem uma dinâmica maleável da rede. Em maior ou menor proporção, é este processo de vinculação mútua que garantirá que as redes de interdependência de Andrew estejam em constante transformação. Como exemplo dessa mutabilidade na rede de Andrew, tem-se o momento em que ele e sua família deixam de morar em Curitiba e mudam-se para uma cidade do interior do Paraná.

Até o período de mudança, Andrew e suas irmãs frequentavam uma escola muito próxima de sua casa, entretanto, ao mudarem de cidade e de escola, as respectivas redes das crianças sofreram modificações, pois alguns fios foram abruptamente cortados, enquanto outros surgiram. Após um período, Andrew retorna para sua cidade natal, Curitiba, entretanto, por não ter vaga na antiga escola, foi para outra maior e mais distante de sua casa. Todo este movimento corroborou para alterar as redes de Andrew, reativando algumas relações, construindo outras novas e tecendo novos territórios no bairro.

O que muda quando a criança muda? Andrew e sua família se mudam daqui para lá e de lá para cá, não por uma vontade qualquer, mas sim porque uma característica recorrente na vida de pessoas pobres, no que diz respeito a espacialidade, é a **mudança**. As pessoas pobres são migrantes na própria cidade em que residem, não porque querem, mas por falta de políticas públicas e incentivos governamentais que garantam uma moradia digna, de qualidade e que permitam o seu enraizamento, sem a necessidade repentina de mudar-se. As mudanças quando não vêm acompanhadas de segurança, bem estar, emprego, moradia digna, espaços de lazer, redes de amizade ou são prejudiciais para o indivíduo, rompendo fios das suas redes de interdependência, fundamentais para sua sobrevivência e bem estar. No caso de Andrew, que é uma criança, é preciso pensar ainda nas mudanças de escola pelas quais ele passou e com elas as (re)adaptações à cultura de cada instituição e de vínculos educacionais com colegas, professoras/es e demais profissionais da instituição de ensino.

Neste sentido, embora a mutabilidade seja uma característica de todas as configurações sociais, como ela envolve poder, as mudanças espaciais nem sempre ocorrem para melhor. Há pessoas vivendo em territórios precarizados e isso tem a ver com tentativas recorrentes de hierarquização de territórios, segundo raça, classe, gênero etc.

Assim, só é possível compreendermos o desenho tecido em uma configuração social se olharmos a maneira como os fios se ligam de maneira recíproca. A ligação de um fio com o outro dá origem a um sistema de tensões “[...] para o qual cada fio isolado concorre, cada um de maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede.” (Elias, 1994, p. 30). Elias explicita que o fio individual se remodela quando as tensões e as estruturas são modificadas.

Em síntese, todas as redes possuem tensões e são elas que corroboram para o caráter de mutabilidade delas.

A elasticidade da rede de um indivíduo foi apresentada por Elias em uma de suas obras, “Mozart: sociologia de um gênio” (Elias, 1994). No referido trabalho, Elias analisou que Mozart não foi um gênio da música, ou seja, suas habilidades musicais não eram inatas, mas resultado de sua rede, ou seja, da configuração social a qual se encontrava.

Andrew é o filho mais velho de cinco irmãos, sendo que ele e suas irmãs Mariana e Priscila são filhos do mesmo pai e mãe; Lucas (de aproximadamente dois anos) é irmão de Andrew apenas por parte de mãe; e Samuel é irmão só por parte de pai. Andrew vive com sua mãe Rafa, o padrasto e seus três irmãos (Mariana, Priscila e Lucas). Rafa trabalha em um supermercado e, juntamente com o dinheiro da pensão das crianças, garante o sustento da casa, tendo em vista que seu companheiro está desempregado. A família do pai de Andrew, Priscila e Mariana também ajuda economicamente. Um ano depois, este contexto mudou, pois as crianças mudaram-se diversas vezes. Foram morar com a tia, depois com o pai, na sequência retornaram para a casa da mãe. Mudaram do Sabará e passaram a morar com a mãe na Vila Alto Barigui (uma das vilas da CIC, próxima ao Sabará).

No momento da pesquisa, mais precisamente em 2019 e antes da Pandemia, Andrew e sua família residiam em uma área de ocupação, que foi cedida pelo proprietário. A casa era bem estruturada e estava localizada em uma rua que não era asfaltada, mas possuía rede elétrica, água e saneamento básico. É importante ressaltar que, nesta ocupação em específico, os terrenos são bem demarcados e a maioria possui muros e grades, delimitando cada propriedade.

De madeira, a casa possui um quintal cimentado onde as brincadeiras das crianças dividem espaço com o varal e um “tanquinho” de lavar roupas. Para a construção, a casa contou com a contribuição financeira e mão de obra do pai e do avô paterno das crianças – que é pedreiro. A casa conta com sala, cozinha, banheiro e as crianças possuem um quarto próprio, dividido entre elas. Com uma cama beliche e uma de solteiro, o quarto é arrumado, sobretudo por Andrew, que também auxilia em outras tarefas domésticas.

Entretanto, a dedicação do menino para com tais atividades é feita apenas na sua casa no Sabará, pois quando está na casa de seu pai, ele não possui o hábito de contribuir com as tarefas domésticas. Há também outro quarto que é

ocupado pela mãe e pelo padrasto. Devido à tranquilidade da rua, Andrew era autorizado a brincar para além do muro da casa, ao contrário de suas irmãs. Essa situação de privilégio pode ser explicada por meio da função de irmão mais velho de Andrew e, também, por ele ser menino, o que demonstra que a questão de gênero também influencia nessa possibilidade de uso do espaço.

Como já comentado, a rede de Andrew, assim como todas as redes, possui relações de poder. Outro exemplo de que a função de irmão mais velho desequilibra, por vezes, a relação entre irmãos, foi contada por eles, quando realizamos uma das conversas com as crianças. Na ocasião identificamos que a balança de poder pendia para Andrew, pois enquanto Mariana conversava com a pesquisadora, ele sempre interrompia a fala da irmã e respondia por ela – mesmo quando as perguntas eram específicas e destinada à Mariana e sua irmã.

5.1.2 Fios costurados entre irmãos

Em alguns finais de semana, Andrew e suas irmãs visitavam seu pai que mora em uma cidade da região metropolitana de Curitiba, Araucária. A casa está localizada em um terreno que também conta com a casa da tia e avós de Andrew. As crianças juntam-se ao seu irmão Samuel de três anos, com quem dividem brincadeiras e atividades rotineiras. A avó paterna, por vezes, é um pouco ríspida com as crianças e a responsabilidade pelo cuidado é feita, em sua maior parte, por sua tia Ester, que cuida, dá banho, prepara as refeições e, quando possível, passeia com as crianças. As crianças gostam muito de passar um tempo com ela, algo que foi relatado pela mãe das crianças. Ester é formada em sociologia e possui graduação *strictu sensu*. Ela também é professora voluntária em curso preparatório para o vestibular e atuou como professora de sociologia na Secretaria Estadual de Educação (SEED) do estado do Paraná, em escolas na cidade de Araucária.

A criticidade da tia contribui para a formação das crianças, sobretudo de Mariana, cujos olhos brilham ao ser convidada para morar com a tia. Ao contrário de Andrew, Mariana é dona de uma personalidade singular e não hesita quando fatos não lhe agradam. Já Andrew é mais apaziguador em situações de conflito entre irmãos, apresentando, às vezes dificuldade em discordar e ou criticar. E Maria, apesar de ser a menor, é sapeca e falante e está sempre disposta a quebrar o silêncio dos

irmãos, quando estes “esquecem-se” de comentar algo que considera importante com a pesquisadora.

O fato de ter uma professora e pesquisadora na família faz com que as crianças tenham acesso e noções de vivências que permeiam o mundo acadêmico. Um exemplo dessa situação foi quando fui questionada por Andrew se meu trabalho (a partir da pesquisa com eles) iria aparecer na televisão. Em outra situação, quando seu pai chegou em casa, Andrew me perguntou “e o papel?”, referindo-se ao termo de consentimento de participação da pesquisa. Tal situação demonstra a familiaridade do menino com aspectos relacionados a procedimentos de pesquisa.

5.1.3 Outros tipos de fios tecidos no bairro

De segunda a sexta-feira Andrew vai para o projeto juntamente com Mariana e seu primo Gustavo. Como visto anteriormente, a instituição Bom Pastor frequentada pelas crianças é aquela de responsabilidade de irmãs vinculadas à ordem Sagrado Coração de Jesus (católica). O projeto conhecido como “Projeto da irmã Rita”, acolhe crianças e adolescentes no horário do contraturno. No Centro Social, as crianças participam de diversas atividades extracurriculares, recebem auxílio escolar (para as tarefas de casa), além de receberem formação católica.

Na instituição, Andrew, a irmã e o primo desenvolvem atividades durante a manhã, almoçam e vão para a casa da tia Jandira, que é a pessoa responsável por levá-los para a escola. Enquanto Andrew e Mariana vão a pé para a escola, localizada na mesma vila onde moram, Gustavo vai de van, pois sua escola é mais distante – mais precisamente na Vila Nossa Senhora da Luz.

Mariana, Andrew e Gustavo vão a pé para o projeto Bom Pastor, por ser próximo à casa da avó. Como mencionado no capítulo anterior, Gustavo teve que parar o projeto, por falta de dinheiro para o almoço.

Em alguns finais de semana, as crianças ficam sob a responsabilidade da avó materna, pois suas mães trabalham o dia inteiro, uma em uma rede de supermercado e a outra em uma loja de utensílios diversificados. Como elas trabalham no comércio e precisam, portanto, trabalhar também nos finais de semana (mediante escala), muitas vezes é necessário que a avó cuide das crianças aos sábados e domingos. Desta forma, muitas vezes, a avó, com idade avançada e algumas comorbidades, demonstra cansaço e impaciência – às vezes é até ríspida com as crianças –, por ter

que ter, nesta idade, ainda, a responsabilidade de cuidar das/os netas/os. Esta é uma das facetas do racismo estrutural da nossa sociedade e que também é propagada pelo Estado.

A negligência do poder público afeta toda uma configuração – em geral, repetidamente, com famílias negras e pobres –, pois, como no caso dessa família, priva: as crianças de terem acesso a uma educação integral e de qualidade em instituições educacionais públicas próximas de suas residências (e também, em situações como esta, a partir de ofertas aos finais de semana); as mães de terem um lugar garantido e seguro para suas/seus filhas/filhos enquanto precisam trabalhar em dias e horários diferenciados (pois a sociedade demanda isso); e a avó de viver sua velhice com tranquilidade e sem precisar ter que ficar responsável de maneira contínua e sistemática pelo cuidado e educação dos/das netos/as, obrigações estas cabíveis ao Estado.

Entre as crianças, tratando-se de primas e primos, elas possuem relações próximas e muitas vivências semelhantes, mas também, especificidades. Sobre isso Elias comenta:

Mesmo dentro de um mesmo grupo, as relações conferidas a duas pessoas e suas histórias individuais nunca são exatamente idênticas. Cada pessoa parte de uma posição única em sua rede de relações e atravessa uma história singular até chegar à morte. Mas as diferenças entre os rumos seguidos por diferentes indivíduos, entre as situações e funções por que eles passam no curso de sua vida, são menos numerosas nas sociedades mais simples do que nas complexas. E o grau de individualização dos adultos nestas últimas sociedades é consoantemente maior. Por paradoxal que pareça, no estágio atual do desenvolvimento dos hábitos mentais, não apenas a individualidade e a inter-relação social das pessoas não são antitéticas como também a moldagem e a diferenciação especiais das funções mentais a que nos referimos como 'individualidade' só são possíveis para a pessoa que cresce num grupo, numa sociedade. (Elias, 1994, p. 27)

No Sabará, Andrew se desloca com facilidade pelas redondezas de onde mora, por vezes circula sozinho e/ou na companhia de seu primo Gustavo (situação diferente, como já comentado, das meninas da família). Os dois andam de bicicleta de maneira mais livre e andavam também de skate – até o momento em que o brinquedo foi furtado. Os dois também vão para o Corbélia, “catar” verduras, ora sozinhos, ora acompanhados por suas tias/mães, ajudando a garantir o alimento da semana. Corbélia é uma vila vizinha, onde há distribuição de frutas e verduras aos sábados.

Como visto anteriormente, a instituição Bom Pastor é de cunho religioso, assim, as crianças são submetidas a atividades e ensinamentos de preceito católico. Além das rezas que são obrigatórias nos momentos de refeição, há também uma aula específica cuja intenção é trabalhar os “valores” dessa religião. Como mencionado no capítulo anterior, a instituição Bom Pastor possui boa infra-estrutura física, embora não se encontre, nas paredes da instituição, atividades que demonstrem a valorização das produções das crianças, como desenhos ou atividades manuais. Além do prédio principal, de três andares, há um ginásio e uma quadra de grama sintética. Andrew e Mariana, que tiveram ensinamentos católicos (pois frequentavam a instituição Bom Pastor da irmã Rita), frequentavam também, com sua família, uma instituição religiosa protestante neopentecostal, a Igreja do Evangelho Quadrangular, entretanto, devido a contratempos e mudança de trabalho de sua mãe, eles pararam de frequentar. A igreja em questão localiza-se na rua em que a sua avó materna mora, a poucos metros da casa dela.

As vivências católicas e evangélicas já friccionavam as redes de Andrew, provocando tanto tensões quanto novas tomadas de decisão por parte dele, como se verá a seguir. Sua mãe nos conta que certo dia, ao ir ao supermercado próximo à sua casa, havia duas pessoas da instituição religiosa Testemunha de Jeová paradas na entrada do estabelecimento, com literatura religiosa em uma estante móvel. Ao entrar no supermercado, Andrew olhava com interesse para elas e, à medida que entrava no local, olhou para trás e sinalizava, com o olhar, para que sua mãe o levasse para conversar com aquelas pessoas. A mãe do menino negou o pedido de Andrew e seguiu em frente. Após muita insistência do menino, a mãe cedeu à solicitação e permitiu que ele falasse com elas, mas não o acompanhou, continuando a fazer suas compras enquanto Andrew ficou na porta conversando.

Em outro momento, o “embate religioso” tornou a acontecer. Desta vez, ocorreu em um domingo. Além de os Testemunhas de Jeová divulgarem sua religião na entrada do mercado, também é uma prática, aos domingos, irem de porta em porta, pelo bairro, a fim de conversar e propagar suas crenças às/aos moradoras/es. Andrew percebeu a movimentação e ficou no portão de sua casa aguardando que alguma dupla fosse até ele. No momento em que ele descobriu que ninguém foi até a sua residência, solicitou que sua mãe os chamasse. Como Rafa não atendeu ao pedido do filho, Andrew saiu de casa e foi atrás da dupla religiosa, pedindo que fossem até a sua casa. Rafa estava desconfortável, afinal sua casa ainda não estava arrumada e

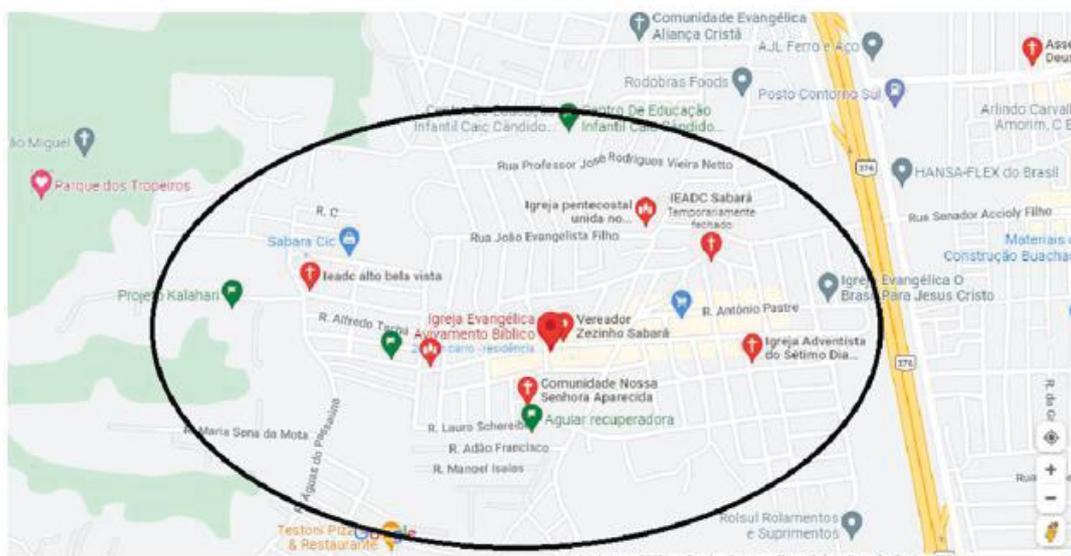
nem preparada para receber “visitas”. Assim, as duas mulheres ficaram com Andrew em frente de casa, pois, apesar de Mariana e Priscila estarem em casa, não acompanharam os ensinamentos religiosos das mulheres juntamente com o irmão. Desde então, Rafa nos conta que aos domingos as mulheres iam até a sua casa para passar um tempo de ensinamento com Andrew e, devido ao seu caráter hospitaleiro, nestes dias, o menino se preocupava sempre em oferecer ao menos um suco para suas convidadas.

Assim, as características de afetividade e de acolhimento de Andrew vão sendo construídas a partir das experiências vividas por ele na sua rede de relações (mas também, de forma bem diferente da de suas irmãs). Vale destacar mais uma vez que o indivíduo não é um ponto de partida em si, mas sim resultado das relações que o entrelaçam e também das que já existiam antes do indivíduo. Da mesma forma, as idéias, convicções, afetos, necessidades, produzem no indivíduo - mediante a interação com os outros-, elementos que compõem seu ‘eu’ mais pessoal e nos quais se expressa, justamente por essa razão, a rede de relações da qual ele emergiu e na qual ele penetra. E, desta maneira, este eu, essa ‘essência’ pessoal, se forma a partir de um entrelaçamento contínuo de necessidades, desejos e realização constantes, numa alternância de dar e receber. (Elias, 1994)

A iniciativa de Andrew ao procurar as Testemunhas de Jeová, nas duas situações descritas, reflete uma possível necessidade religiosa do menino, ao contrário de suas irmãs, o que demonstra que, apesar de estar submetido a uma rede familiar, ele possui uma certa liberdade de escolha em seu sistema reticular. Por outro lado, embora parece ter pendido para a Testemunha de Jeová, ainda assim, a sociedade parece pressioná-lo a escolher uma outra religião. É importante mencionar que o segmento Evangélico não é uniforme; ele se ramifica em muitas denominações religiosas e, ao mesmo tempo em que traz suporte espiritual diante das dificuldades da vida, essas instituições disputam entre si almas, serviços e recursos econômicos das/os fiéis, desde crianças pequenas.

Ao utilizarmos a palavra-chave “Igreja Sabará” no buscador *Google Maps*, temos como resultado a imagem a seguir.

FIGURA 29 — IMAGEM DAS LOCALIZAÇÕES DE IGREJAS NO GOOGLE MAPS



Fonte: Google Maps (2022), adaptado pela autora (2022).

A imagem evidencia o quantitativo de espaços cristãos destinados à prática de ritos religiosos na região do Sabará (dentro do círculo preto), com sete igrejas cristãs apenas nessa área. Além desses espaços de prática religiosa, há também três Organizações Não Governamentais (ONGs) cristãs, sendo duas Evangélicas e uma Católica, localizadas no entorno da praça Diadema, incluindo a Instituição Bom Pastor, mencionada no capítulo anterior. Vale ressaltar que o Google Maps mostrou apenas os espaços registrados em seu sistema, e há, com certeza, um número ainda maior de espaços religiosos, incluindo aqueles relacionados a religiões de matrizes africanas, que geralmente estão em locais menores, com menos infraestrutura, mais distantes, menos valorizados e às vezes mais discretos, por receio de serem alvos de violência causados pela intolerância religiosa.

Retornando essa espécie de disputa entre as religiões, por parte de pessoas do convívio de Andrew, é provável que neste “cabo de guerra” entre o catolicismo e o evangélico Quadrangular, Andrew tenha optado por uma outra via, uma terceira possibilidade, protagonizando sua escolha e demonstrando com isso que, diante dessa pluralidade de pressões e escolhas, ele também poderia fazer a sua.

Elias (Elias, 1994) aponta que esse espaço, em que os indivíduos tomam decisões o tempo todo, é comum em sociedades grandes e complexas, cujas qualidades são de serem firmes, mas muito elásticas. O autor afirma que as pessoas, ao se depararem com caminhos bifurcados, precisam fazer escolhas e, suas posições

sociais, suas funções, assim como as tensões e relações de poder, irão interferir nessas tomadas de decisão.

Como o indivíduo não está isolado na sociedade, os desdobramentos escolhidos podem influenciar imediatamente o destino pessoal e/ou envolver um grupo, seja sua família ou até mesmo uma nação, como é o caso das decisões dos chefes de Estado. A depender da tomada de decisão, os desdobramentos ocorrerão na própria geração e/ou nas seguintes. (Elias, 1994)

5.1.4 Fios desviantes

Retomando ao início deste capítulo, em que discutimos a relação intrínseca entre sociedade e indivíduo, Elias (1980) afirma que o conceito de configuração, desenvolvido por ele, desmistifica a perspectiva antagônica entre sociedade e indivíduo. Para explicar isso, Elias utiliza como metáfora, um jogo de cartas. Se quatro pessoas se reúnem em volta de uma mesa para jogar cartas, esse cenário consiste em uma configuração em que a relação entre as ações de cada jogador é interdependente, já que ao jogar uma carta, levou-se em consideração a ação que a antecedeu.

Apesar de as cartas e os jogadores serem os mesmos, o que caracteriza a configuração é a mutabilidade gerada pelos jogadores, considerando-os como um todo, não apenas o intelecto de cada jogador, mas também quem são e suas ações em relação uns com os outros. É importante ressaltar que as tensões e relações de poder têm grande relevância na configuração, podendo as relações entre os jogadores serem amistosas e/ou adversárias.

Na análise de configuração desta tese, escolhemos investigar a configuração de Andrew e também de Vitória, que será vista logo adiante. Em uma configuração, é possível constatar também uma possível hierarquização nas relações do “eu” e do “outro” (Elias, 1980). Um exemplo de uma relação hierárquica foi no caso de Andrew e Mariana, no momento de escolher atividades a serem realizadas no Projeto Social. Andrew é o irmão mais velho e já frequentava a instituição nos anos anteriores, enquanto Mariana ingressou nas atividades no ano de 2019. Em conversa com os três irmãos, questionei quais atividades Mariana havia escolhido fazer. Ao mencionar Ballet e Grafite, ela foi interrompida por sua irmã mais nova, Priscila – que, na época,

não tinha idade para frequentar o projeto – afirmando que Mariana também havia escolhido Judô, mas que havia desistido. Quis saber a razão da desistência do esporte, e Mariana informou que não gostava muito. Neste momento, Priscila contou que a verdadeira razão pela qual Mariana desistiu do esporte é que o professor não dava doces, como Andrew a havia informado.

Andrew, em sua função de irmão mais velho, usou “o doce” como uma artimanha para influenciar a irmã mais nova, talvez para ocupar uma posição de “conhecedor” das normas e funcionamento do projeto, o que lhe daria um certo poder para influenciar a irmã. Mariana, ao descobrir que a história do doce foi uma artimanha de Andrew para que ela fizesse o esporte, solicitou a troca de esporte e conseguiu. Isso tudo, mesmo que, do ponto de vista da instituição, ela só pudesse realizar a troca no período de matrícula/rematrícula. Isso mostra o quão perspicaz foi Mariana, pois conseguiu driblar tanto seu irmão quanto uma das regras da instituição. Quanto a Andrew, ele explicitou depois que o professor de Judô dava doces sim, mas apenas no final do ano e não ao final de todas as aulas.

5.1.5 Alinhavando os fios das redes de interdependência de Andrew

Ainda antes da pandemia, perdemos o contato com Andrew, suas irmãs e sua família, pois as crianças mudaram várias vezes de casa e de pessoas responsáveis por elas, mas, com a pandemia da Covid-19, o processo se intensificou. As mudanças de residência continuaram a acontecer por várias vezes, e o processo de produção de dados precisou ser interrompido. Essas mudanças territoriais e de guarda das crianças, por um lado, demonstram bem o caráter de mutabilidade das redes de interdependência, mas, por outro, evidenciam o grande problema das classes populares com relação às suas crianças. Como trabalhar e cuidar delas se o Estado não dá o suporte necessário para esse cuidado? Como ficam mães, pais, avós, parentes sem poder contar com creches e escolas em tempo integral ou com tempos diferenciados (noite, sábados e domingos enquanto seus pais trabalham)? À/Ao trabalhadora/trabalhador é requisitado trabalhar ininterruptamente, mas seus filhos devem ficar sem cuidado?

A análise do sistema reticular de Andrew revela diversas nuances, embora não seja possível concluir algo definitivo – até pelas constantes mudanças a que está submetido e às poucas conversas que foram possíveis de terem sido realizadas, a

partir da pesquisa. Mesmo assim, algumas questões puderam ser percebidas. A função de irmão mais velho, aliada ao fato de ser menino, proporcionava a Andrew certas vantagens, como maior mobilidade espacial em atividades como andar de bicicleta na rua, algo que suas irmãs não tinham o mesmo acesso. Além disso, os fios religiosos e consoantes de Andrew podem estar contribuindo para a construção de uma personalidade disposta sempre a ajudar, a ser conciliador e até político, uma vez que tende a escutar os argumentos, a procurar resolver os problemas na conversa. Por outro lado, em pesquisas futuras precisaria ser investigado o quanto tais encontros religiosos poderiam estar trabalhando para que não houvesse uma crítica social maior etc. Mas, até o ponto que a pesquisa avançou, não foi possível aprofundar esse aspecto. Estamos cientes de que as redes de interdependência de Andrew estão em constante construção e contam como as mais diversas complexidades. Infelizmente, devido à impossibilidade de manter o contato, não foi possível aprofundar essa compreensão. Imaginamos que, ao longo dos anos seguintes, Andrew já tenha se transformado em um outro menino, com outras tensões, disputas e posições em suas redes.

5.2 VITÓRIA: A MENINA DONA DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

*Vitória : Vocês vão ficar olhando ou vocês vão trabalhar? Pesquisadora: A gente veio olhar... participar... não podemos? Vitória : Pode! Pesquisadora: E você, está olhando ou trabalhando? Vitória : Eu estou trabalhando! Estou vigiando tuuuudo isso aqui!
(Diário de Campo, 17 de novembro de 2018)*

E foi assim que conhecemos Vitória, em um Sarau organizado pela Associação de Moradores I do Sabará. Uma menina esperta de cabelos loiros escuros e sempre presos, Vitória é fenotipicamente branca e tem oito anos. Bem desenvolvida, é integrante dessa Associação ou, como diz Ana, outra integrante da Associação: “A Vitória é dona da Associação”. (Diário de Campo, 1º de junho de 2019)

Como já comentado no capítulo anterior, no dia 19 de junho de 2019 foi realizado um evento denominado “Café com Previdência”. A imagem a seguir refere-

se a esse evento e podemos perceber, no fundo da sala, Vitória (8 anos) e sua tia (10 anos), bastante à vontade, procurando e escolhendo materiais, desenhando e colando suas produções na parede, enquanto uma reunião acontecia.

FIGURA 30 — IMAGEM EVENTO DO CAFÉ COM PREVIDÊNCIA



Fonte: página do Facebook da Associação de Moradores do Sabará (2022).

Vitória está presente na maior parte dos encontros na Associação de Moradores. Ela é estudante do CAIC (Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente) Cândido Portinari – localizado na vila Sabará. A rede familiar de Vitória é composta praticamente só por mulheres, com exceção de seu irmão mais novo de 1 ano de idade. Uma das funções importantes de Vitória, além de ser filha, neta, bisneta, irmã, estudante, entre outras, é também ser, muitas vezes, intérprete de sua mãe, que é surda. Nesta posição de Vitória, o poder, muitas vezes, pende mais para ela como filha, do que para a sua mãe, como na situação a seguir.

No momento em que conheci Vitória perguntei se ela aceitaria participar da pesquisa e ela, muito contente, levou-me para sua casa para pedirmos a autorização de sua mãe. Ao chegarmos, fui cumprimentar a mãe e neste momento, percebi que

ela é surda – até aquele momento não sabia de sua condição. Foi Vitória quem mediou a conversa. Expliquei para elas, então, sobre a pesquisa e Vitória foi interpretando o que eu falava, para a mãe. Não sei me comunicar em Libras, mas entre a conversa mãe-filha percebi desaprovação na expressão facial da mãe, foi então que questionei “ela não deixou, né?” Vitória imediatamente parou de conversar com sua mãe, olhou para mim e disse “espera aí” e sinalizou para que eu aguardasse mais pouco aquele momento de negociação. Nesta situação estávamos em duas adultas e uma criança, mas o poder estava quase todo com Vitória, pois era ela quem comunicava-se tanto em Língua Portuguesa quanto em Libras e todo o diálogo dependia da interpretação de Vitória, que aprendeu Libras com a mãe. A menina não só interpreta para a mãe, mas negocia em várias situações e, naquele momento, ela interveio em seu próprio favor, uma vez que tinha demonstrado interesse em participar da pesquisa.

Vitória é filha única do primeiro relacionamento de seus pais, ambos surdos. Ela mora no Sabará com a mãe, que tem em torno de 30 anos e é a responsável legal por Vitória. O pai (33 anos) da menina morava em Santa Catarina e, atualmente, tinha um relacionamento estável com outra pessoa, portanto Vitória tinha uma madrasta e um irmão de um ano, por parte de pai. Além dela e da mãe, moravam bem próximas também a bisavó (idade entre 60 e 70 anos), a avó materna Roseli (52 anos), como também sua tia Camili de dez anos e outra tia adolescente (em torno de 16 anos). Todas elas moravam em um pequeno aglomerado de pequenas casas próximas e improvisadas, sendo cada casa, de um membro da família (avó, bisavó e mãe). Vitória ainda tem mais duas tias, uma que mora na Fazenda Rio Grande (região metropolitana de Curitiba) e a outra, que foi trabalhar em Cuiabá em busca de melhores condições de vida (atualmente ela tem um empreendimento de manicure na capital mato-grossense). Vitória gosta muito de animais e tem dois cachorros de grande porte. Entre os anos de 2018 e 2019 era comum encontrar a menina brincando e passeando com sua tia Camili na rua e/ou nas dependências da Associação.

Vitória é muito assídua às atividades da Associação, tendo autonomia e liberdade para entrar e sair do espaço. Mesmo sendo uma criança, a balança de poder entre Vitória e os adultos da Associação, principalmente Diogo, que é presidente da Associação e amigo de Vitória, é relativamente equilibrada em comparação com outras relações entre adulto-criança. Ela é frequentadora, inclusive, em dias de reuniões deliberativas e/ou de atividades que não são pensadas e destinadas

diretamente para as crianças. Ao morar perto da Associação, muitas vezes os membros, aquelas/es que possuem as chaves, vão até lá, pois sempre há algo para fazer, conversar ou decidir, e é nestes momentos que Vitória aproveita para usufruir do espaço, pegar alguns livros emprestados ou ficar lá escutando as discussões.

Até o início de 2021, Vitória morava a poucos metros da Associação. Ao caminhar pela rua asfaltada, é possível passar despercebido pelas pequenas casas da família, tanto pelo desnível entre o asfalto e o terreno quanto pelo matagal que cerca as residências. A casa da menina fica um pouco isolada da vizinhança e tem um alto nível de dificuldade para acessá-la. A casa é cercada de mato alto e pinheiros, e no caminho existem pedaços de pedras de cimento colocadas estrategicamente para facilitar o percurso. Ao chegar na parte de baixo do terreno, nos deparamos com uma pequena ponte improvisada por restos de madeira para atravessar o riacho completamente poluído pelo esgoto, que passa por ali. Poucos metros depois da ponte, encontram-se as casas improvisadas, minúsculas, em estado lastimável e indigno para uma habitação.

Como as casas do outro lado da rua já passaram pelo processo de regulamentação, a casa improvisada de Vitória destoa das residências do outro lado, não só em relação à infraestrutura e segurança, mas também em relação ao que se considera como uma habitação digna (do ponto de vista do espaço físico mínimo, janelas, segurança, água, esgoto etc). A casa de Vitória tanto expressa o problema habitacional existente no país quanto nos lembra que uma das origens do Sabará foi, justamente, uma ocupação (a fundação principal do Sabará deu-se por meio de um processo de reassentamento).

Ao contrário das habitações do outro lado da rua, a casa da menina está localizada em uma reserva ambiental que sofreu um processo de ocupação por parte das/os moradoras/es. Há comentários de que a prefeitura tem a intenção de retirar todas/os as/os que moram nas margens do rio que, atualmente, se resume a um esgoto a céu aberto.

Ao contrário do outro lado da rua, naquele espaço há mato alto e lixo acumulado. A bisavó de Vitória nos conta que a prefeitura já condenou aquela terra, por ser tóxica, embora seja uma reserva ambiental. Ela reforça que todas as tentativas de plantio foram frustradas, por ser uma terra já contaminada.

FIGURA 31 — IMAGEM DA ANTIGA RESIDÊNCIA DE VITÓRIA



Fonte: a autora (2019).

A casa que aparece na fotografia, no primeiro plano, é a “menos pior” entre as casas, tendo em vista que foi construída com madeira destinada à construção de casas, portanto é a mais “estruturada”. Em um segundo plano na fotografia da esquerda, ao fundo, é possível ver casas de alvenaria. Quando perguntamos para a avó de Vitória se aquelas residências ficavam em terrenos referentes às antigas ocupações, ela não soube dizer. A avó nos contou que a casa delas foi construída por intermédio de um pastor. Nesta situação, vemos as estratégias da avó para garantir moradias à sua família. As demais casas (que não aparecem na fotografia e que se encontram atrás da casa de madeira da fotografia) foram “construídas” com restos de tapumes, ou seja, materiais frágeis e com finalidade provisória de isolar uma área de construção civil. Em síntese, material impróprio para a construção de uma casa. É preciso pontuar que todas as quatro casas estão em estado lastimável e condenável, entretanto a comparação feita entre elas é somente para destacar o quão ainda mais precários são os outros três barracos ao fundo.

Uma das tensões nas redes de interdependência de Vitória é a condição de miserabilidade em que ela vive. As janelas da casa não eram de vidro e sim de um plástico que protege o vão de uma das paredes da casa. Em uma cidade consideravelmente fria e chuvosa como a de Curitiba, ficamos pensando como essas mulheres passam por momentos de chuva forte e ventania e até quando a frágil casa resistirá à força dos episódios climáticos.

Sobre a temática da moradia, a relação entre Poder Público e Associação de Moradores – representada, neste caso, por seu presidente Diogo – é uma das muitas tensões existentes. Por mais que exista pressão popular, e a Associação faz a sua parte cobrando uma ação mais eficaz, a balança de poder é desigual e pende para o governo e suas não prioridades com relação ao sistema de habitação da população mais pobre. Um dia após um forte vendaval em Curitiba, eu e mais alguns membros da Associação, estávamos na frente da casa da mãe do Diogo (o presidente da Associação), quando esta relatou sobre sua angústia com relação à casa de Vitória. A preocupação com a segurança das vizinhas foi pauta de conversa entre as/os moradoras/es em um grupo de mensagens por aplicativo, afinal algumas casas haviam sido destelhadas na noite do temporal. Mas apesar do susto da tempestade, ela, as vizinhas e suas casas, estavam bem. (Diário de Campo, 08 de junho de 2019)

Outras interdependências na rede familiar de Vitória consistem em uma rede solidária da vizinhança, que se preocupa e oferece ajuda quando necessário. Há também os fios tecidos com igrejas evangélicas (de várias denominações), em que a avó de Vitória, pessoa muito estratégica, “serpenteia” com suas táticas para conseguir ajuda para sua família. Por meio desses fios, a avó conseguiu material e mão de obra necessária para construir as casas, tanto as improvisadas, quanto a nova casa (que fica na região central do Sabará). São essas relações tecidas é que trazem benefícios garantidos para sua família. Neste entretecer dos fios, a avó age ainda de outras formas para garantir o sustento de sua família, ora pega uma cesta básica aqui, ora consegue frutas e verduras acolá, conseguindo assim atingir seu objetivo.

Ainda em relação à moradia de Vitória e de sua família, Diogo nos conta que ele próprio foi à COHAB tensionar e averiguar a questão da moradia delas. Também nos conta que foram inúmeras as promessas de retirá-las daquele local e que devido a tantas tentativas, elas ficaram desacreditadas de uma mudança efetiva. (Diário de Campo, 08 de junho de 2019). No ano de 2020, em uma de nossas visitas, Diogo afirmou que a COHAB contatou a família de Vitória oferecendo um pequeno terreno

para que elas se mudassem, mas nas negociações do terreno, a COHAB teria sido “extremamente desrespeitosa e agressiva” com a avó de Vitória. Ela, acuada e em dúvida sobre o que fazer, acionou Diogo. A avó confirma a leitura feita por Diogo, de que o terreno que a COHAB estava oferecendo era pequeno e elas ainda teriam que dividir. A avó nos contou que a metragem era tão pequena que mal daria para construir uma pequena casa de uma peça e que, por isso, não comportaria as três (avô, mãe e a Vitória) mais o irmão bebê de Vitória (que nasceu no processo da pesquisa). Diogo as orientou a recusar a proposta da COHAB, devido a essas questões.

Mas, em 2019 a avó de Vitória, ao contrário de Diogo, ainda estava um pouco mais esperançosa com relação à COHAB e atribuía a demora no processo de realocação à busca por um terreno bem localizado, com acesso a equipamentos públicos como posto de saúde, mercado, escola, entre outros serviços básicos (Diário de Campo, 22 de junho de 2019).

5.2.1 Visita à casa improvisada de Vitória

Conforme o combinado, no dia 22 de junho de 2019 retornei à casa de Vitória a fim de falar com sua mãe sobre a autorização de participação na pesquisa. Para que pudéssemos nos comunicar, como não sei Libras (Língua Brasileira de Sinais), pedi que meu pai me acompanhasse, pois, embora ele não seja intérprete, tem o domínio básico de Libras. Imaginei ser o suficiente para conversar com Vitória e sua mãe, antes de recorrer a um Intérprete. Mas descobrimos que elas estavam viajando, pois o pai de Vitória havia falecido recentemente e elas precisaram resolver situações burocráticas em Santa Catarina.⁵⁸

Neste dia que chegamos à casa de Vitória para conversar sobre a autorização de pesquisa, fomos, então, recepcionados por Roseli (avó de Vitória), Camili (tia) e Tatiana (tia). Conforme descíamos o caminho, elas saíam de suas casas e caminhavam em direção à pequena ponte. Ficamos no lado de cá da ponte, e as três do lado de lá. Roseli nos alertou sobre a “brabeza” dos cachorros (Diogo já havia nos alertado anteriormente). Ele comentou que por onde Vitória caminhava, os cachorros a seguiam, então “se você ver os cachorros dela, pode ter certeza que

⁵⁸ Sobre o pai da menina, em outra ocasião, quando se perguntou sobre a sua participação na vida de Vitória, Roseli comentou que “sempre que possível” ele pegava a menina e os dois passeavam ou “compravam material escolar”. De acordo com ela, “ele era um bom pai”.

Vitória está por perto” - Diário de Campo, 08 de junho de 2019). Aparentemente, fomos “bem recepcionados” pelos animais.

Roseli estava bem desconfiada sobre nós, expliquei sobre a pesquisa e logo começou a realizar várias perguntas. No momento em que dissemos onde morávamos, ela ficou mais intrigada, nos disse que era muito longe e perguntou em que local do Centro morávamos. Depois que explicamos mais ou menos a localização, ainda pensativa, Roseli quis saber exatamente em que parte do bairro nós morávamos. Sua noção de espacialidade estava bem apurada, pois levou recentemente Vitória, a mãe e a bisavó da menina, à rodoviária.

Ainda em dúvida, Roseli queria saber a razão da minha escolha pela CIC, afinal, para ela, não fazia sentido eu pesquisar um bairro tão distante da minha casa. Foi então que expliquei que pertencia a um grupo de pesquisa e que cada uma das minhas colegas havia escolhido um bairro para pesquisar. Uma escolheu o Tatuquara, outra Santa Cândida, outra o Cajuru e eu escolhi a CIC.

A fim de lhe dar mais segurança, informei-a de que também estava acompanhando outras três crianças no Sabará e que elas moravam próximo ao mercado Negão. Senti que ela ficou mais à vontade, não só quando mencionei o referido estabelecimento, mas também quando disse que já estava acompanhando outras crianças. Só então consegui a confiança dela. Roseli me explicou que morava próximo ao mercado Negão, mas que havia se separado do marido e por esta razão teve que se mudar para o lugar onde estava residindo naquele momento. Roseli nos informou – em um tom bastante animador e orgulhoso – que mudaria em breve, pois seu ex-marido havia comprado um terreno antes de falecer, e que ela iria se mudar quando a casa estivesse pronta.

O plano era o de que, quando a mudança efetivamente acontecesse, a bisavó de Vitória também se mudaria e, portanto, teria uma reorganização nas casas. Roseli ficou muito feliz e empolgada com a mudança e, a todo o momento, falou com alívio que finalmente sairia dali.

Neste momento, Tatiana – outra filha de Roseli que mora na Fazenda Rio Grande e que estava em visita no Sabará – entrou na roda de conversa e, após as apresentações, Roseli disse animadamente para ela: “Olha essa moça está pesquisando o bairro, ela mora longe, mas escolheu o CIC para estudar, a CIC!” Nesta mesma conversa, investigando mais sobre como essa mesma rede de mulheres se mantinha nas difíceis condições econômicas em que viviam, descobrimos que as

contas de luz e água desse “condomínio de mulheres” estavam todas sob a responsabilidade da bisavó de Vitória. A luz era puxada pela rua de trás (paralela ao acesso à casa de Vitória). Devido à ausência de um endereço formal, a entrega de correspondências e/ou alguma compra também se tornou difícil.

É complicado, pois quando a gente compra alguma coisa, um “tanquinho”, por exemplo, tem que pedir para entregar na outra rua [em outro endereço] e escrever que [a entrega] é nos fundos e que o acesso é pela rua Ary. Depois nós vamos para o asfalto ficar esperando a entrega. (Diário de Campo, 22 de junho de 2019)

Apesar das dificuldades da vida, Roseli demonstrou estar contente com o Sabará, e Tatiana, ao comparar o Sabará com a Fazenda Rio Grande (Região Metropolitana de Curitiba), onde estava residindo, afirmou que ali os equipamentos públicos estavam mais próximos. De acordo com Tatiana:

- Aqui no Sabará tem tudo próximo. Tem UPA, tem mercadinho, tem de tudo. Dá pra ir de bicicleta pro trabalho, porque as indústrias estão pertinho. Na Fazenda não, é tudo muito longe lá.

- É aqui é um mini centrinho! Afirmou Camili. (Diário de Campo, 22 de junho de 2019)

Diante da pobreza em que vivem, elas avaliam o bairro como sendo bom, dentro daquilo que poderia esperar, afinal, houve melhorias no decorrer do tempo (não como deveria ser, mas houve mudanças). Quando se compara a CIC com outros bairros de melhor infraestrutura, sempre há críticas ao bairro, mas, quando comparado com a região metropolitana, morar em Curitiba, na maior parte dos casos, ainda é uma vantagem. Na valorização do bairro por parte da família de Vitória, há também a intenção de não sofrer ainda mais com a imagem deteriorada da região onde moram, uma vez que as estigmatizações já são tantas, por serem mulheres e pobres. É importante ressaltar que, apesar da perspectiva positiva da família de Vitória, não se pode isentar o poder público de suas responsabilidades em garantir um bairro com condições dignas para aquelas moradoras.

As “facilidades” do bairro, segundo Roseli, foram conquistadas no decorrer do tempo, com muita luta. Ela relata que hoje há uma trincheira que viabiliza a passagem dos pedestres de um lado (Vila Sabará) para o outro (Vila Alto Barigui). Antes, o acesso à vila era bastante difícil. O comércio também passou por mudanças, com a criação

de novos estabelecimentos e a ampliação de outros. Como exemplo, menciona o mercadinho próximo à sua residência, que antes era apenas uma “vendinga” e hoje já se transformou em um “mercadinho”.

Com o tempo, os fios das relações mantidas tornaram-se espessos, e dona Roseli ganhou confiança nas relações de vizinhança. Por conhecer o dono do mercadinho, ela conta que, caso sua compra ultrapasse R\$ 10,00 (dez reais), o dono permite “pendurar na conta”, ou seja, o pagamento pode ser feito depois. A confiança foi conquistada com o fortalecimento de suas redes e, nessas interdependências, para o dono do mercadinho essa prática também garante compradoras/es fiéis ao longo dos anos.

Quando dona Roseli se mudou para o bairro, a CIC carecia de diversos bens, serviços e equipamentos públicos que garantissem condições mínimas à população. Apesar do certo progresso, as moradoras observaram que o bairro, que inicialmente tinha falta de investimento e equipamentos públicos, com o passar dos anos, continua sofrendo com a negligência do poder público. Há problemas ainda em relação aos bens básicos, como acesso à moradia, luz, água e esgoto para famílias pobres, além de equipamentos de lazer, cultura, escolas em tempo integral para as crianças e jovens, entre outros. Felizmente, o que permanece e se consolida ao longo dos anos são as redes solidárias entre as/os moradoras/es, que vão desde o “pendurar na conta” até a doação de materiais e prestação de serviços voluntários, como foi a construção da casa de Vitória.

Outro aspecto negativo apontado por Roseli é a questão da segurança, pois, de acordo com ela, a região é insegura “como em qualquer outro lugar”. Talvez ela tenha amenizado o problema da segurança entre os bairros para valorizar seu lugar de moradia, pois, ao contrário de sua fala, os dados de homicídios e roubos, discutidos no capítulo três desta tese, são alarmantes ao compararmos o sul e extremo sul com regiões mais centrais e ao norte de Curitiba. Neste momento, Roseli mudou de assunto repentinamente, para não falar da questão do tráfico. Optamos por não aprofundar essa questão, pois Roseli aparentou estar tensa e desconfortável com o assunto.

5.2.2 A visita à nova casa de Vitória

A mudança tão esperada de dona Roseli finalmente aconteceu. Quatro mulheres (avó, mãe, uma tia e a própria Vitória), mais o irmão pequeno, se mudaram. Deixaram para trás a casa improvisada e sem vedação; a entrada íngreme, escondida e de difícil acesso; o frio e o medo das tempestades. Infelizmente, a bisavó e uma das tias de Vitória ainda permaneceram lá, mas, ao menos as três e o irmãozinho passam a estar em uma situação um pouco melhor.

Acompanhada da minha “profe” (a orientadora), encontramos o mercado Negão (referência para achar a nova casa de Vitória). Quando entramos na rua estreitíssima, percebemos que não era possível estacionar, pois na rua era possível passar apenas um carro. Subimos ladeira acima, encantadas com o colorido de cada casa, a maioria sobrados, provavelmente construídos a muito custo. Descemos pela rua paralela, que não era muito mais larga, e fomos até a casa da menina. A casa é muito simples. Passamos por um portão de pedestre e seguimos por um corredor estreitíssimo. Por fora, a casa foi cuidadosamente pintada com um tom de azul-verde água. O chão é de piso simples. Entramos na cozinha que dispõe de uma mesa central e quatro cadeiras. Um armário aéreo sobre outro armário serve de dispensa. E ainda, a pia e o fogão.

A casa possui ainda três quartos e um banheiro. O banheiro é a única peça que tem porta e é todo revestido por lajotas brancas. Dos quartos, um é de Roseli, outro de Camili (filha caçula de Roseli e tia de Vitória) e o terceiro, um pouco mais espaçoso, é compartilhado entre Vitória, sua mãe e seu irmão Guilherme, que agora estava fazendo 3 anos. Na outra vez que eu fui sozinha, lençóis faziam o papel de portas e, amarrados com um grande nó, facilitavam o deslocamento dentro de casa. A casa não possui forro, só o telhado de Eternit.

Vitória é apaixonada por animais e por flores. É provável que o encantamento da menina pela natureza tenha sido influenciado pela Associação de Moradores, já que esta é, entre outras, uma bandeira importante levantada por todas/os na Associação. A menina de 10 anos agora (2021) está no 5º ano do Ensino Fundamental, e como mencionado anteriormente, recebe uma pensão, de seu falecido pai. Ainda que na precariedade da vida, ela conta que pode gastar parte do dinheiro com o que quer (compra ração para seus cachorros e gatos de estimação, ou plantas de presente para sua avó, como cebolinha, salsinha, hortelã e até muda de

flores como uma orquídea). Dona Roseli tem muito mais plantas na casa nova do que na antiga e isso é motivo de muito orgulho para ela, pois onde residia a terra era tão contaminada que nada brotava. Vitória nos conta sobre uma compra de mudas de planta que fez:

Pesquisadora: Onde você comprou?

Vitória: Lá no aviário.

Pesquisadora: Com que dinheiro?

Vitória: Com a minha pensão. Eu ganho R\$ 900,00 reais da pensão do meu pai, aí eu compro a ração pros meus cachorros, porque não pode faltar, né?!

Pesquisadora: Ah! Entendi, e você pretende comprar mais alguma coisa?

Vitória: Eu vou comprar uma codorna! [...] mas primeiro preciso construir uma gaiola (Diário de Campo, 12 de junho de 2021).

Vitória me contou que por vezes precisa ajudar em casa. O dinheiro fica guardado na “bolsa” da sua mãe, e até o que se pôde compreender, o gerenciamento da pensão é compartilhado com responsabilidade, sem que ela deixe, no entanto, de comprar a ração para seus bichos (esse foi um ponto central apontado pela menina). Apesar desse gerenciamento compartilhado, a menina vem aprendendo desde muito cedo, como gerenciar o dinheiro para não faltar o necessário.

Dona Roseli, a avó de Vitória, trabalhava como diarista, mas com a Pandemia, ficou sem trabalho. No entanto, como sempre fez, ela tem se articulado para garantir a sobrevivência da família, conseguindo uma cesta básica aqui, buscando frutas e verduras na escola de Vitória, indo até uma ONG para receber mais mantimentos. Assim, ela e também as outras mulheres da família vão driblando as dificuldades. Graças à soma entre os auxílios governamentais (de valores baixíssimos), doações e a pensão de Vitória, a família foi conseguindo viver, ainda que de maneira muito simples, porém digna. Vitória se encontra nessa rede forte de interdependências, aprendendo entre mulheres que são estrategistas, a fim de ganhar o seu próprio sustento.

Todos os dias Vitória leva seus cachorros para passear, mas cada dia um, pois eles brigam quando estão juntos. Assim, Vitória sempre sobe a ladeira e vai até a praça Diadema (em frente ao Projeto Bom Pastor). Ao que se sabe, a menina não frequenta o projeto da Irmã Rita, talvez não tenha conhecimento sobre o espaço, ou a cobrança de certos valores também pode ser um impeditivo. Como mencionado anteriormente, há também uma certa burocracia para as crianças que se inscrevem

no projeto, ao contrário da Associação, que mantém suas portas abertas e não exige qualquer formalidade para quem participar de suas atividades. Ainda sobre o bairro, ela nos contou que pode circular livremente por algumas áreas, já por outras não, como por exemplo, à casa de sua bisavó (sua antiga casa), pois fica mais distante. Quando questionada sobre qual casa ela preferiria morar, imaginei que ela responderia que preferia a casa atual, mas Vitória ficou muito dividida. Atualmente, ela tem uma casa segura, digna, central e bonita, mas por ser uma área central e mais movimentada, Vitória perdeu um pouco de sua mobilidade, pois não há muitas áreas abertas e terrenos baldios por perto, há muito movimento de carros, e as ruas são mais estreitas se comparadas com as ruas de sua antiga casa (perto da Associação). Ao que parece, ela está feliz com sua casa nova, mas gostava mais da sua mobilidade espacial anterior, inclusive, porque podia estar direto na Associação (quando aberta).

No intervalo de tempo entre a antiga casa improvisada (próxima a Associação) e a ida para a residência atual, Vitória, seu irmão Guilherme e sua mãe, moraram também por um ano com o companheiro da mãe (também surdo). Na casa, moravam a família do companheiro da mãe de Vitória (ao que se sabe era uma família numerosa) somado aos três. Dona Roseli nos explicou que a família do companheiro da mãe de Vitória, não gostava da menina e havia muita tensão nas relações, pois Vitória, além de ser intérprete de sua mãe, a defendia “com unhas e dentes” para resguardar os direitos e os pertences de sua mãe quando havia discussões e problemas na casa. Sobre isso, acreditamos que a rede de Vitória é constituída por fios políticos sendo que ela contribui também lutando pela garantia dos direitos e dignidade das pessoas.

5.2.3 Arrematando os fios das redes de Andrew e Vitória

Sobre Vitória, fica nítido que sua mãe, como uma minoria linguística, não teve acesso à educação, moradia, entre outros graves impeditivos para que pudesse e possa se fazer ouvir nas instituições e grupos sociais do bairro. Vitória aprende com essa situação da mãe que o poder público não desenvolve políticas públicas para ela, percebe com isso como o mundo classifica e hierarquiza os ouvintes em detrimento da comunidade surda. Nesta situação a mãe passa a ser "o outro" aquele hierarquicamente inferiorizado, subalternizado. No sentido dado por Spivak (2010) que pergunta no título de sua obra “Pode o subalterno falar?”, poderíamos indagar: pode

a mãe de Vitória se fazer compreender em sua comunidade? Assim, por não enfrentar a diferença, as políticas públicas ou a falta delas, acabam por produzir “muros”, limites de exílio, para com os "outros". Mas, Vitória se nega a compreender sua mãe a partir dessa visão controlada e negligenciada por um Estado ausente e, também, por muitos grupos sociais e pessoas, que a compreendem a partir de uma visão única, de ouvintes, do "eu", do "nós" que se consideram como "normais" e do "ele", do "você", do "eles" considerados como não normais. Vitória é estrategista e desloca a mãe desse estereótipo social, ajudando-a a se fazer ouvir. É também por meio da menina que a mãe se insere no mundo ouvinte, um mundo que, no geral, exclui todas/os aquelas/aqueles que não se enquadram nos padrões da dita “normalidade”.

Ainda sobre as redes da menina no bairro, Vitória vai se construindo como cidadã, como qualquer outra/o moradora/morador, mas, no caso dela, vai se construindo também a partir de experiências políticas, que reivindicam direitos importantes e intensos na Associação. Lá ela escuta, pergunta, se envolve e aprende a discutir os problemas do bairro e a ser articulada. Aprende ainda sobre o uso dos espaços públicos, sobre a voz da comunidade e sobre a negligência do poder público. E também, por meio das novas experiências relacionadas aos diferentes movimentos sociais que a Associação tem absorvido, desenvolvido, feito ecoar esses novos princípios. Desta forma, Vitória também acaba tendo a possibilidade de pensar sobre seu papel de menina/mulher na sociedade, engajamento social, sobre o direito que as mulheres devem ter sobre seu próprio corpo (como nas discussões sobre o aborto, empoderamento feminino, entre outras questões), sobre como obter respostas sobre políticas públicas que desfavorecem a classe trabalhadora (como no café com Previdência), sobre o direito a uma moradia digna (nas articulações de Diogo, presidente da Associação e a Companhia de Habitação de Curitiba) e sobre produção e valorização da cultura local.

Vitória, quando vivia em sua antiga moradia, sempre foi encontrada na companhia de seus dois cachorros, grandes e bravos⁵⁹. Ainda que implicitamente, a menina foi ensinada, desde cedo, que os cachorros são uma forma de proteção para

⁵⁹ Quando Vitória morava perto da Associação ela residia com dois cachorros de grande porte e passeava com os dois juntos. Quando ela se mudou os cachorros, por serem grandes, não permaneceram com ela. Ela adotou mais outros dois pequenos cães.

ela. Diferentemente de Vitória, Andrew circulava pelo bairro sem a presença de cachorros e/ou outras formas de proteção.

Andrew, também tem suas redes tensionadas a todo o momento. Por um lado, por ser menino e irmão mais velho, pode circular nas regiões do bairro onde mora, de forma relativamente mais segura, andando de bicicleta, brincando em frente de casa com amigos e com seu primo Gustavo (Gustavo e Andrew podem até pegar frutas na vila vizinha, no Corbélia). Por outro lado, as mudanças constantes de moradia, de bairro, mas também de adultos que são responsáveis por ele, revelam também o descaso do Estado e das políticas públicas para com a infância. Mesmo antes da pandemia, mas, também, agravada por ela, os adultos driblam a realidade, tentam fazer as melhores escolhas possíveis para que suas/seus filhas/os (Andrew e os irmãs) estejam bem e seguros, enquanto precisam trabalhar para manter o sustento da casa. Ora ficam com a avó paterna, que já é de idade (e lá, com ela, não é permitido que as crianças circulem na rua, inclusive Andrew), ora com a tia que tem uma vivência acadêmica importante e que pode transmitir diferentes conhecimentos para eles/as, ora ainda, com as Irmãs do Projeto que lhe imprimem uma determinada vivência religiosa, ou com avó materna, entre outras/ora tantas vivências em suas redes.

Mas, faltam no bairro instituições públicas de tempo integral, projetos que envolvam as crianças em experiências políticas, cidadãs; faltam locais em que elas pudessem estar seguras, brincando, nos finais de semana, enquanto os pais precisam trabalhar (ou então, políticas que proibam o comércio de operar nos finais de semana, por exemplo). Falta política de cuidado também para com a terceira idade que fica responsável, a partir do dinheiro de suas aposentadorias, por manter financeiramente a casa (como no caso da avó e da bisavó de Vitória ou da avó de Andrew). Essas pessoas, já de idade, estão sobrecarregadas como nunca, pelos cuidados com netos, bisnetos e também pelo sustento da casa, em famílias que estão contando cada vez mais com pessoas desempregadas.

No caso de Andrew, no que diz respeito aos aspectos religiosos, frente às diferentes pressões das Ongs, da família, das diferentes igrejas em que participa, ele se empodera também para fazer suas próprias escolhas, diferentes daquelas que os adultos tentam lhe impor.

E, também, não se pode ignorar que Andrew é um menino negro, que reside em bairro antigo e de classe popular da cidade e que cotidianamente está exposto a todas as mazelas de onde mora. Como já mencionado no capítulo três desta tese,

Andrew “trânsita” com relativa segurança na parte do bairro em que conhece, mas trata-se de um bairro que tem a terceira maior taxa de homicídios da população jovem curitibana negra (69,95%); que concentra uma das maiores porcentagens de negras/os entre os bairros curitibanos (28,59%) e que tem o maior déficit habitacional da capital paranaense (6,5%). Neste contexto, as Ongs, funcionam como uma forma de ajuda, tiram as crianças da rua e proporcionam atividades culturais, oficinas, mas, por outro lado, mantém as crianças “moldadas” a certas aprendizagens.

É possível participar das oficinas de grafite, música, dança e capoeira, mas, também é preciso participar das atividades relacionadas a “valores cristãos”. A instituição Bom Pastor, por exemplo, celebra o dia das mães e, independente do credo religioso, as famílias são convidadas para o evento (inclusive as famílias que não compõem o “modelo” “tradicional” de família) e as crianças fazem suas apresentações, mas no final é preciso rezar o Pai Nosso. Assim, por meio do evento, aprendem mais uma vez – e de outro modo –, que também não têm o modelo “normal” de família. Por mais que sejam atividades pensadas e preparadas para a comunidade, todo esse movimento é realizado entre muros cristãos que perpetuam valores cristãos.

Ao contrário da instituição Bom Pastor, a Associação é uma instituição “sem muros” onde o saber circula livremente, não amarrando e não limitando o campo das ideias. O ingresso na Associação não é burocrático e nem impeditivo. Mais do que inculcar valores, a Associação se preocupa em possibilitar múltiplas vivências para seus integrantes e para a comunidade. Por mais que seja intitulada Associação de Moradores, sua organização não é do modelo convencional com divisões organizacionais e não se limita a problemas como falta de água e luz na comunidade. A Associação demonstrou-se preocupada em se aproximar de questões que permeiam assuntos e problemas da contemporaneidade, como políticos, de gênero, sociais, culturais, étnico-raciais, sustentáveis, psicológicos, entre outros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese preocupou-se em investigar como se constitui a mobilidade socioespacial de crianças e suas práticas culturais em um bairro antigo e predominantemente de trabalhadoras/es da cidade de Curitiba. Queríamos compreender aspectos socioeconômicos, políticos e culturais do bairro e, mais especificamente, da região do Sabará. Um dos intuitos foi pesquisar como as crianças produzem suas experiências cotidianas nesses espaços, ou seja, como elas se apropriam das práticas culturais produzidas neste bairro e como elas também ajudam a produzi-las.

Como mencionado no início desta tese, a escolha do bairro CIC foi fundamentada nos resultados investigativos da pesquisa “Vivendo a infância na cidade: tensões e contradições nas redes de interdependência de crianças que se socializam em configurações urbanas do século XXI”, realizada pelo grupo de pesquisa TECI (Território, Educação e Cidade), coordenado pela professora Doutora Valéria Milena Rohrich Ferreira, que começou a investigar e a produzir dados sobre diferentes bairros da cidade a partir de 2014. A partir de alguns dos resultados da pesquisa do TECI, encontramos a Cidade Industrial de Curitiba (CIC), localizada na região sul (caso se divida a cidade em duas partes) ou, se for o caso, a sudoeste da cidade. A CIC é um bairro antigo da cidade e tem sua história de formação amplamente relacionada com a classe trabalhadora e com moradias populares para essa população.

Este bairro, assim como outros bairros do sul e extremo-sul da cidade de Curitiba, apresentou um índice maior de famílias com salários mais baixos (nessa região, muitas famílias vivem com até um salário-mínimo) quando comparado com os rendimentos salariais daqueles que moravam nos bairros centro-norte. No entanto, a desigualdade verificada entre os bairros sulistas e centro-nortistas não se limitou apenas à questão econômica. Na região sul-extremo sul da cidade, há maior concentração de crianças negras, suas famílias são menos escolarizadas e os deslocamentos das/os sujeitas/os pesquisadas/os são mais curtos e restritos à região do bairro em que moram (Ferreira e Ferreira, 2020).

Outro aspecto importante quando falamos sobre a comparação entre a região sul e extremo-sul da cidade é que muitas pessoas justificam essa desigualdade argumentando que o Sul e, principalmente, o extremo sul contam com bairros de

constituição mais recente, e é por isso que não há uma quantidade/qualidade de espaços e infraestrutura parecidos com os bairros centrais e ao norte, bairros estes de constituição mais antiga.

A tese demonstra que essa argumentação é questionável, uma vez que a CIC também é um bairro antigo, localizado na região sul-extremo sul, que foi preparado e pensado para as indústrias e recebeu grandes investimentos públicos e privados na época da instalação. No entanto, logo em seguida, e também, na atualidade, o bairro continua a refletir a ausência de investimentos adequados em infraestruturas básicas, como moradias adequadas, saneamento básico, propostas de lazer variadas, espaços consolidados para a cultura, creches e escolas de tempo integral (e que atendam, inclusive, em horários alternativos), atendimento adequado e pensado para a grave situação da terceira idade, entre outras questões.

Como mencionado no capítulo 5 desta tese, o conceito de sociedade que utilizamos está ancorado em Norbert Elias (1994). Para o autor, a relação entre sociedade-indivíduo é intrínseca. A sociedade não está em uma posição oposta ao indivíduo, mas ela é aquilo que todo indivíduo quer dizer quando pensa nas relações interpessoais que são expressas com partículas gramaticais como "eu", "você", "ele", "ela", "nós" e "eles", relações estas, interdependentes. Nenhuma delas existe sem as outras (Elias, 1994, p. 57).

As crianças fazem parte da sociedade e, considerando que as vivências das crianças na cidade dependem de sua condição socioeconômica, étnico-racial, de gênero, etária, entre outras categorias, neste trabalho foi preciso investigar as tensões e as relações de poder no território, bem como a relação que os sujeitos possuem com o bairro, identificar como esses indivíduos, em meio ao descaso do poder público, alteram e são alterados pelo território em que residem.

As crianças são cidadãs, e a cidade - que possui, e/ou deveria atender às necessidades de todos os indivíduos, independentemente de sua faixa etária -, poderia ser preparada e pensada também por elas e para elas, visando garantir que as/os pequenas/os tenham acesso às diversas formas de experiências em seu cotidiano.

Em relação às infâncias, Manuel Jacinto Sarmiento (2005) afirma a importância de considerar as especificidades, os contextos culturais, territoriais e singularidades de cada criança, recusando concepções uniformizadoras da infância. Sobre isso, e fundamentada na perspectiva reticular eliasiana, parte-se da ideia de

que é preciso considerar as crianças como atores sociais que atuam e se posicionam de forma interdependente em suas redes, não sendo indivíduos que atuam isoladamente, mas sim sujeitos ligados por fios em um emaranhado reticular que se move e se altera constantemente.

Ancorada no conceito de Norbert Elias, esta tese discutiu alguns aspectos das redes de interdependência de Andrew e Vitória, que são compostas por fios móveis, elásticos e em constante tensão e movimento. Andrew e Vitória fazem parte da mesma configuração social: ambos vivem uma infância pobre, usam os espaços do bairro, frequentam espaços públicos e do terceiro setor (como o projeto Bom Pastor e a Associação de Moradores), estudam em escolas públicas e têm raízes cristãs (neopentecostais). Andrew e Vitória fazem parte de uma infância pobre que não é contemplada por políticas públicas eficientes, apesar de circularem, brincarem e terem experiências importantes no bairro. As crianças pesquisadas desta tese frequentam espaços distintos, mas que proporcionam, na medida do possível, vivências culturais. A Instituição Bom Pastor e a Associação de Moradores são importantes espaços que oferecem diversas vivências para as crianças. É nessa configuração social que Andrew e Vitória questionam, refletem, se posicionam em relação às suas posições, funções e relações de poder nas redes, relacionadas à hierarquização social, exclusão social e estigmatizações (relacionadas a classe, raça, gênero, território, corpos, ouvintes x surdos, relações intergeracionais, entre outras).

Adotamos também o conceito de cultura de Raymond Williams, que rompe com a ideia de elitização da cultura. Williams (2015) e os Estudos Culturais horizontalizaram a cultura, defendendo a ideia de uma "cultura comum" a todos. Williams (2015) defende questões que nos levam a pensar que o simples caminhar no bairro como Flor, Andrew, Mariana, Priscila e Gustavo faz parte dessa cultura comum. Mas, para Williams, isso não significa que, mesmo compreendendo a cultura como um processo comum a todo ser humano, ela não esteja sempre e necessariamente tensionada e pressionada por jogos políticos, econômicos e sociais. Williams também considera que o conceito abrange as produções artísticas e literárias de um povo, e isso ficou nítido na pesquisa a partir das produções culturais da própria comunidade, como os eventos realizados, as festas, a Mostra Cultural e o Café com Previdência, que aconteceram na Associação de Moradores.

A Associação de Moradores demonstrou ser uma instituição ativa e preocupada com a comunidade. Os eventos, festas e oficinas, bem como a articulação

dos membros da associação, demonstram que há uma preocupação com a comunidade que vai além do caráter assistencialista, como a distribuição de cestas básicas durante o período pandêmico. Há também a preocupação com a formação política, cultural, educacional, social e com a garantia de direitos, como o de moradia, quando a própria Associação interveio na questão da moradia inadequada de Vitória e sua família na prefeitura de Curitiba. Grande parte dos problemas enfrentados pela Associação poderiam ser resolvidos ou ao menos minimizados por políticas públicas que garantissem a integridade dos espaços públicos e incentivos financeiros para que os membros da Associação pudessem gerir suas atividades e proporcionar atividades contínuas de educação integral para as crianças, bem como gerar empregos na própria comunidade local para as crianças e toda a comunidade.

São múltiplos os saberes produzidos na e para a comunidade Sabará por meio da Associação. Há atravessamentos de conhecimentos advindos de várias direções, como o evento "Mulheres Cíclicas", que trouxe uma perspectiva de mulher trazida por mulheres que não eram moradoras do bairro, mas trouxeram vivências que se contrapunham a uma concepção machista que circula ainda em muitas famílias da comunidade. No geral, a Associação veio dando visibilidade, principalmente, à produção cultural produzida pela própria comunidade, mas também não deixou de promover visitas a outros locais, como quando organizou uma visita ao Museu Oscar Niemeyer (MON) com o ônibus cedido por um deputado estadual. Desta forma, considerando tanto a cultura do bairro quanto outros conhecimentos culturais que acontecem em outros pontos da cidade, como experiências importantes a serem desenvolvidas na comunidade.

Assim, visitar o MON (Museu Oscar Niemeyer), por exemplo, que é um ícone dos espaços culturais consolidados em Curitiba, conhecido e frequentado pela classe média e alta, também significa disputar esse espaço, esse território, já que se trata de um lugar pensado/construído por e para essa classe média e alta. Dessa forma, essa Associação proporciona uma diversidade de experiências, compondo um constante movimento advindo de todas as direções. Além de educativa, a Associação exerce a função de empoderar a comunidade socioeconômica, cultural e politicamente. Cabe ao poder público incentivar, ampliar e criar espaços como esse nas comunidades, oportunizando que moradoras e moradores engajadas/os possam contribuir para uma educação comunitária, plural e de qualidade para todas as crianças.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA do Senado. Pesquisas apontam que 400 mil mortes poderiam ser evitáveis. Brasília, 24 jun. 2021. Acessado em: 25/06/2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-400-mil-mortes-poderiam-ser-evitadas-governistas-questionam#:~:text=De%20acordo%20com%20Pedro%20Hallal,orienta%C3%A7%C3%A3o%20e%20ao%20mesmo%20tempo>. Acesso em: 24 mar. 2024.
- ARANTES, Otília. VAINER, Carlos. MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ÁREA tem características urbanística própria. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 8 set. 1998.
- BAIRRO sem policiamento adequado. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 11, jan. 1982
- BAIRRO diferente das casas iguais. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 5 nov. 2006.
- ÁREA tem características urbanística própria. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 8 set. 1998.
- BBC NEWS. Covid-19: Brasil volta a ser país com mais mortes diárias. Brasil, 23 jun. 2021. Acessado em: 24/06/2021 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57585145>. Acesso em: 24 mar. 2024.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. 8a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CEVASCO, Maria Elisa B. P. S. **Dez Licções de Estudos Culturais**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2003. v. 1. 188p.
- CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. **Evolução da ocupação urbana da Cidade Industrial de Curitiba: CIC**. Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrado em Geografia. Florianópolis, 1994.
- CIDADE Industrial de Curitiba. Diagnóstico e proposições. Curitiba: URBS, 1979.
- CUNHA JUNIOR, H. Urbanismo Africano: 6000 mil anos construindo cidades (uma introdução ao tema). **Teias**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 371-382, 2020.
- CURITIBA. IPPUC. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Acesso em: 18 fev. 2021.
- CNN-BRASIL. “Sou Messias, mas não faço milagre”, diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus. **CNN Brasil**, São Paulo, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/04/29/e-a-vida-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus>. Acesso em: 25 jun. 2021.
- CZORNEI, Nathana Louise. **Espaços públicos na Vila Nossa Senhora da Luz: masterplane e proposta de intervenção**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Trabalho de Conclusão de Curso, Curitiba, 2018

- ELIAS, Norbert. **Envolvimento e alienação**. [S. l.]: Bertrand Brasil, 1998.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. **Introdução a sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ELIAS, Norbert. **Escritos e ensaios: estado, processo e opinião pública**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Zahar, Rio de Janeiro, 1994.
- FERNANDES, Carlos José. A história da cidade que virou bairro. Seção Vida e Cidadania. Gazeta do Povo, Curitiba, 8/10/2006. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/a-historia-da-cidade-que- virou-bairro-a81isj3qhtd2vletp6v9xuw5q/>. Acesso em: 2 jul. 2021.
- FERNANDES, Carlos José. A história da cidade que virou bairro. Seção Vida e Cidadania. Gazeta do Povo, Curitiba, 8/10/2006. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/a-historia-da-cidade-que- virou-bairro-a81isj3qhtd2vletp6v9xuw5q/>. Acesso em: 2 jul. 2021.
- GONÇALVES, Felipe Sobczynski. **Espaços e equipamentos de lazer da Vila Nossa Senhora da Luz: suas formas de apropriação no tempo/espaço de lazer**. 2008. vi, 106f. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Educação Física. 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/17202>. Acesso em: 26 mar. 2021.
- G1-GLOBO. Mortes e casos conhecidos de coronavírus no Brasil e nos estados. **G1**, São Paulo, 24 jun. 2021. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos- media-movel/>. Acesso em: 25 jun. 2021.
- HAESBAERT, R. Território e Multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia** (UFF) v. 17, p. 19-45, 2008.
- IPPUC planejará Curitiba de amanhã. **Curitiba em ação**. Curitiba, dez. 1965. Ano I n.4.
- JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- JAVORSKI, Jorge. Vila Nossa Senhora da Luz. **Estado do Paraná**, Curitiba, 26 maio 1985.
- JAVORSKI, Jorge. Vila nossa senhora da Luz, um projeto que fracassou. **Estado do Paraná**, Curitiba, 26 maio 1985.
- LEFEBVRE, Henri. **Direito a cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LE GOFF, Jacques. **Por amor as cidades**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP, 1998.

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo Fundação SEADE, v. 14, n. 4, p. 21-33, 2000.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. **Novos Estudos CEBRAP** (Impresso), São Paulo, p. 107-123, 2006

MONTAÑO, Carlos. O Projeto Neoliberal de resposta à “questão social” e a funcionalidade do “terceiro setor”. **Lutas Sociais (PUCSP)**, PUC-São Paulo, v. 8, p. 53-64, 2002.

NOSSA Senhora da Luz, quinze anos de vida e de muita luta. **Gazeta do Povo**, 11 jan. 1982.

PAPELADA da Cohab virou álbum de família. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 5 nov. 2006

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe**. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 2, 2008.

PEREIRA, Raquel de Pádua. Cultura nas periferias das metrópoles brasileiras contemporâneas. *In*: OLIVEIRA, Anita Loureiro (org.). **Metrópoles e crise societária**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

RODRIGUES, Júlio Cardoso. **Avaliação do processo de implantação de um projeto de educação ambiental com crianças em Curitiba**. Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrado em Administração. Florianópolis, 2001.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

ROLNIK, Raquel. É possível política urbana contra a exclusão? **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 72, p. 53-61, 2002.

SANTOS, Milton *et al.* O papel ativo da Geografia: um manifesto. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 12. Florianópolis, 2000.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Educação**, v. 41, n. 2. p. 232-240. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.2.31317>. Acesso em: 24 mar. 2024.

SATIE, Anna. Países em que o uso de máscaras não é mais obrigatório. **CNN-Brasil**, São Paulo, 22 jun. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/06/22/veja-paises-em-que-o-uso-de-mascaras-nao-e-mais-obrigatorio>. Acesso em: 25 jun. 2021.

SILVA, Tomas Tadeu. Documento de identidade; uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SILVA, Flavia Carolina. **A educação das relações étnico-raciais na formação de professores/as da educação infantil no Município de Curitiba (2010-2015).** Universidade Federal do Paraná; Mestrado em Educação. Curitiba, 2016.

SOUZA, Nelson Rosário. Planejamento urbano em Curitiba: saber técnico, classificação dos cidadãos e partilha da cidade. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 16, p. 107-122, jun. 2001.

TONUCCI, Francesco. **La ciudad de los niños:** um nuevo modo de pensar la ciudad. Fundación Germán Sánchez Ruipérez. Madrid, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: EdUEL, 2012.

UNA-SUS. OMS declara pandemia do novo Coronavírus. Brasil, 11 de mar. 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-%20pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 24 jun. 2021.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura.** São Paulo: Paz & Terra, 2007

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo.** São Paulo: Ed. UNESP, 2015.

ANEXO 1 — TRABALHOS SELECIONADOS E DESCARTADOS POR DESCRITOR

	Descritores	Selecionados	Descartados	Total
1	Bairro periférico e infância	0	4	4
2	Cidade, periferia e infância	2	8	10
3	Cidade, infância e cultura	13	183	196
4	Criança, cidade, periferia	0	7	7
5	Criança periférica	0	68	68
6	Cultura, bairro e infância	5	16	21
7	Espaço, infância e periferia	0	6	6
8	Infância, cidade e ocupação	3	11	14
9	Infância urbana	8	82	90
10	Infância Periférica	0	42	42
11	Infância e bairro	11	63	74
12	Periferia e infância	2	19	21
13	Periferia urbana e infância	0	2	2
14	Práticas culturais e infância	4	240	244
15	Território, infância e cultura	4	39	43
16	Território educativo	7	94	101
17	Território cultural e infância	2	26	28
	TOTAL	61	910	971

Fonte: Banco de teses e dissertações da CAPES (2010-2019)

ANEXO 2 — QUANTIDADE DE TRABALHOS DESCARTADOS POR CATEGORIA

Descritores	Categorias												
	H i s t o r i o g r a f i a	Violação de Direitos infantis	Direito/ política pública para crianças	Outras faixas etárias	Escola/instiuição de educação	Saúde/ Psicologia	Outros	Mídia	Consumo infantil	Grupos minoritários (Quilombo, bola de futebol, Indígena, camponês)	Sociedade	Trabalhos repetidos	Arquitetura/urbanismo
Bairro periférico e infância	-	-	-	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-
Cidade, periferia e infância	2	1	2	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Cidade, infância e cultura	30	6	9	10	86	3	22	5	4	6	2	-	-
Criança, cidade, periferia	1	-	1	1	2	1	1	-	-	-	-	-	-
Criança periférica	-	1	-	-	-	38	29	-	-	-	-	-	-
Cultura, bairro e infância	-	-	1	-	13	2	-	-	-	-	-	-	-
Espaço, infância e periferia	-	-	1	1	2	-	-	-	-	-	-	2	-
Infância, cidade e ocupação	1	-	1	-	2	3	-	-	-	-	1	-	3
Infância urbana	7	4	3	6	19	13	23	1	1	3	-	2	-
Infância Periférica	-	1	-	2	5	12	22	-	-	-	-	-	-
Infância e bairro	2	6	3	5	29	10	-	3	1	3	1	-	-
Periferia e infância	1	1	2	3	8	-	1	2	-	-	1	-	-
Periferia urbana e infância	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Práticas culturais e infância	6	1	6	12	33	2	164	8	1	6	-	1	-

